

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

PATRÍCIA GABRIELA AMPESSAN

OS JOGOS ESPORTIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos nos Anos
Iniciais do Ensino Fundamental



Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Ampessan, Patrícia Gabriela
OS JOGOS ESPORTIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental / Patrícia Gabriela Ampessan; orientador ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR. -- Marechal Cândido Rondon, 2025.
167 p.

Dissertação (Mestrado Profissional Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2025.

1. Jogos esportivos . 2. Indisciplina, Conflitos. 3. Educação Física Escolar. 4. Abordagem Construtivista. I. PEREIRA DA SILVA JÚNIOR, ARESTIDES , orient. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



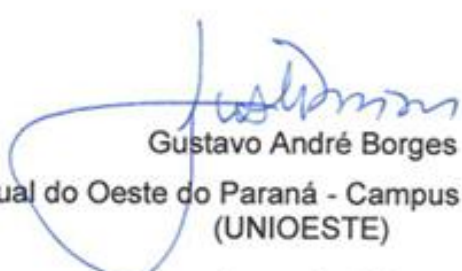
PATRÍCIA GABRIELA AMPESSAN

**"OS JOGOS ESPORTIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA
CONSTRUTIVISTA PARA CONTEXTUALIZAR A INDISCIPLINA E CONFLITOS
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PROEF em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação Física, área de concentração Educação física escolar, linha de pesquisa Abordagens metodológicas e processos de ensino e aprendizagem, **APROVADA** pela seguinte banca examinadora:


Orientador - Aristides Pereira da Silva Júnior

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon
(UNIOESTE)


Gustavo André Borges

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon
(UNIOESTE)

gov.br

Documento assinado digitalmente
WALCIR FERREIRA LIMA
Data: 09/05/2025 15:22:37 -0300
Verifique em <https://validar.jti.gov.br>

Walcir Ferreira Lima

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

Marechal Cândido Rondon, 9 de maio de 2025.

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares e amigos por compartilharem momentos de alegria, desafios e aprendizado, tornando esta caminhada mais leve e significativa.

A meu orientador professor Dr. Arestides Pereira da Silva Júnior, por sua paciência, disponibilidade, orientação e sabedoria, que foram fundamentais para a realização deste trabalho e pela minha evolução profissional. Juntamente com todos os docentes a que tive acesso através do mestrado.

A todos os professores que buscam refletir sua prática pedagógica, buscando melhorá-la. Aos memoráveis colegas da turma 4 do Proef – Unioeste. E, especialmente, a Dhamalis, por seu amor, compreensão, incentivo e apoio inabalável em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização desta dissertação. Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder saúde, paciência, força e sabedoria ao longo desta jornada. Meu sonho de realizar o mestrado só foi possível porque tive ao meu lado uma pessoa que sempre me incentivou a buscar por este sonho, a minha companheira Dhamalis, que esteve ao meu lado em todo o processo, fazendo dias tenebrosos serem suaves.

Ao meu orientador, professor Dr. Arestides Pereira da Silva Júnior, por sua orientação, direcionamento dos pensamentos e aflições pedagógicas, com muita paciência e apoio. Suas valiosas contribuições e conselhos foram fundamentais para o desenvolvimento e finalização deste trabalho.

Aos meus pais Rogério e Laura, por seu amor e por sempre me direcionarem para os estudos, esportes, fazendo com que eu conquistasse meus objetivos e sonhos. A minha irmã Bruna e seu esposo Paulo pelo apoio. A minha vó Erna, com seus 98 anos, que me inspira a superar cada obstáculo e desafio do dia a dia.

Aos meus amigos de longa data, principalmente, Sandra Rogitski, que me substituiu em jogos, os quais não pude acompanhar as equipes quando coincidiam as datas com as aulas, a Bea, Tina, Maninha, Sandra Biz e Lu, que tiveram paciência neste período de estudos com minha ausência. Aos novos amigos que conquistei na turma 4 do mestrado, que fizeram com que todo o processo fosse de muito aprendizado, troca de experiências, alegrias, frustrações e conquistas. Todos com suas palavras de encorajamento e companheirismo foram determinantes para minha motivação.

Aos professores e funcionários da Unioeste, por proporcionarem um ambiente acadêmico estimulante e acolhedor. Agradeço especialmente ao professor Dr. Jorge Both, coordenador do Programa de Mestrado Profissional de Educação Física em Rede Nacional – Proef da Unioeste de Marechal Cândido Rondon, Paraná, e ao PROEF pelo suporte e recursos disponibilizados. À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica, pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – PROEF.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, a cada um de vocês, o meu sincero agradecimento.

“O jogo tem a propriedade de trazer as experiências do mundo exterior para o espírito humano, de maneira que, jogando com elas, a cultura possa ser criada, revista, corrigida, ampliada, garantindo o ambiente de nossa existência.”

(Freire, 2005, p.88)

AMPESSAN, Patrícia Gabriela. OS JOGOS ESPORTIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Orientador: Arestides Pereira da Silva Júnior. 2025. 167 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2025.

RESUMO

A indisciplina e os conflitos na Educação Física Escolar são causados por diversos fatores, como conversas paralelas, discussões, desentendimentos entre colegas e falta de respeito com professores, os quais impactam negativamente o desenvolvimento das aulas. Nesse contexto, os jogos esportivos, pautados na abordagem construtivista e aplicados na prática pedagógica dos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, podem minimizar esses problemas. A abordagem construtivista valoriza a construção do conhecimento por meio da interação dos alunos com o ambiente e com os colegas. O objetivo principal desta pesquisa foi investigar como os jogos esportivos de invasão, por meio de uma abordagem construtivista, podem ser utilizados como ferramenta pedagógica para lidar com os desafios nos anos iniciais do ensino fundamental. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, realizada na Escola Municipal Dom Pedro II, em Matelândia – PR. A pesquisa utilizou os seguintes instrumentos: entrevista diagnóstica com professores, aplicação da proposta pedagógica de intervenção com a utilização de diário de campo e avaliação da intervenção com entrevista final aos professores. Participaram da intervenção 19 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, durante 16 aulas de Educação Física sobre jogos esportivos de invasão na abordagem construtivista. Os dados obtidos foram tratados e analisados usando a técnica de análise de dados qualitativos. A entrevista diagnóstica realizada com os professores antes da intervenção identificou os principais comportamentos indisciplinados dos alunos do 5º ano, sendo as mais frequentes: provocações, conflitos, agressões verbais e físicas, além de competição excessiva. Esses atos afetavam negativamente o ambiente de aprendizagem. A intervenção pedagógica, focada nos jogos esportivos de invasão e adotando uma abordagem construtivista, procurou envolver ativamente os alunos, que, durante as atividades, modificavam regras, refletiam sobre as atividades e participações. Isso fez com que estivessem mais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvessem competências sociais, cognitivas, emocionais e motoras ao encontrarem soluções coletivas para os problemas enfrentados. Ao final da intervenção, novas entrevistas com os professores apontaram melhora significativa no comportamento dos alunos, proporcionando um ambiente mais tranquilo e favorável para o aprendizado, promovendo maior colaboração entre eles e participação mais ativa nas decisões da aula. A abordagem construtivista e o uso dos jogos esportivos de invasão mostraram-se eficazes na redução da indisciplina e na construção de um ambiente mais colaborativo, estimulando o desenvolvimento integral dos alunos e promovendo comportamentos mais cooperativos.

Palavras-chave: Jogos esportivos, Educação Física Escolar, Indisciplina, Conflitos, Abordagem Construtivista.

AMPESSAN, Patrícia Gabriela. Sports Games in School Physical Education: a constructivist proposal to contextualize indiscipline and conflicts in the Initial Years of Elementary School. Advisor: Arestides Pereira da Silva Júnior. 2025. 167 pages. Dissertation (Professional Master's Degree PROEF - Physical Education in the National Network) - UNIOESTE - State University of Western Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2025.

ABSTRACT

Indiscipline and conflicts in Physical Education are caused by several factors, such as side conversations, arguments, disagreements between colleagues and lack of respect for teachers, which negatively impact the development of classes. In this context, sports games, based on the constructivist approach, applied in the pedagogical practice of students in the initial years of elementary school, can minimize these problems. The constructivist approach values the construction of knowledge through the interaction of students with the environment and with colleagues. The main objective of this research was to investigate how invasion sports games, through a constructivist approach, can be used as a pedagogical tool to deal with the challenges in the initial years of elementary school. The methodology used was action research, with a qualitative approach, carried out at the Dom Pedro II Municipal School, in Matelândia - PR. The research used the following instruments: diagnostic interview with teachers, application of the pedagogical intervention proposal with the use of a field diary and evaluation of the intervention with a final interview with the teachers. Nineteen 5th grade elementary school students participated in the intervention during 16 Physical Education classes on invasion sports games using a constructivist approach. The data obtained were processed and analyzed using the qualitative data analysis technique. The diagnostic interview conducted with the teachers before the intervention identified the main undisciplined behaviors of the 5th grade students, the most frequent being: provocations, conflicts, verbal and physical aggression, and excessive competition. These acts negatively affected the learning environment. The pedagogical intervention, focused on invasion sports games and adopted a constructivist approach, sought to actively involve the students, who, during the activities, modified rules and reflected on the activities and participation. This made them more involved in the teaching-learning process and developed social, cognitive, emotional and motor skills by finding collective solutions to the problems they faced. At the end of the intervention, new interviews with the teachers indicated a significant improvement in the students' behavior, providing a calmer and more favorable environment for learning, promoting greater collaboration among them and more active participation in class decisions. The constructivist approach and the use of invasion sports games proved effective in reducing indiscipline and building a more collaborative environment, stimulating the students' comprehensive development and promoting more cooperative behaviors.

Keywords: Sports Games, School Physical Education, Indiscipline, Conflicts, Constructivist Approach.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rede de Códigos com suas interligações.....	58
Figura 2 – Temas e Códigos gerados na Intervenção Pedagógica.....	61
Figura 3 – Organização para início dos jogos.....	66
Figura 4 – Interação dos alunos durante os jogos.....	67
Figura 5 – Jogo Pique-Bandeira.....	67
Figura 6 – Jogo Liberte a Fera.....	67
Figura 7 – Jogo Basquetebol em uma cesta.....	67
Figura 8 – Jogo contra-ataque do Handebol.....	67
Figura 9 – Jogo passe a bola pelos golzinhos.....	67
Figura 10 – Momento de dispersão na aula, brincadeiras paralelas.....	67
Figura 11 – Temas e Códigos encontrados na avaliação.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOP – Associação dos Municípios do Oeste do Paraná

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EF – Educação Física

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IDEB – Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PAEE – Professor de Apoio Educacional Especializado

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

PR – Paraná

PROF – Professor

TA – Termo de Assentimento

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos	19
1.1.1 Objetivo Geral	19
1.1.2 Objetivos Específicos	19
2 REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1 Indisciplina e/ou conflitos na escola/escolar	21
2.1.1 Mediação de conflitos e as aulas de educação física.....	27
2.2 Esportes e jogos esportivos	31
2.3 Abordagens pedagógicas da EF	34
2.3.1 Abordagem construtivista	36
3 METODOLOGIA.....	40
3.1 Caracterização da pesquisa	40
3.2 O contexto da pesquisa – caracterização da escola	41
3.3 Participantes da pesquisa	43
3.4 Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados	43
3.5 Período, planejamento e delineamento das ações de intervenção nas aulas de Educação Física	44
3.6 Análise dos dados	48
3.7 Aspectos éticos da pesquisa	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	50
4.1 Análise inicial da indisciplina e/ou conflitos	50
4.2 Implementação da intervenção pedagógica com jogos esportivos de invasão ...	60
4.3 Avaliação da eficácia da intervenção	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – (TCLE) (CRIANÇAS).	98
APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO – (TA).....	101
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – (TCLE) (DOCENTE)	103
APÊNDICE D1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	106
APÊNDICE D2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	107

APÊNDICE E – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	108
APÊNDICE F – PLANOS DE AULA PROJETO PILOTO	109
APÊNDICE G – RESULTADOS DA PESQUISA PILOTO	125
APÊNDICE H – PLANOS DE AULA DA INTERVENÇÃO	131
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	163

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas têm revelado inúmeras dificuldades na disciplina de Educação Física (EF), principalmente no que se refere à relação entre teoria e prática, à esportivização do esporte na escola, à questão de gênero, ao desinvestimento pedagógico e à indisciplina dos discentes (González, 2020; Darido, 2020; Darido; González; Ginciene, 2020; Souza Júnior, 2020). Sobre a indisciplina, Pereira (2020) afirma que essa temática tem despertado grandes preocupações, pois vem sendo relatada por professores e direção escolar como um grande problema em todos os componentes curriculares, inclusive na EF.

No meio educacional, Freire (2022) aborda a questão da indisciplina e/ou conflitos na educação como desafios que exigem uma postura ética, crítica e dialógica dos docentes. Para ele, a indisciplina não é um problema isolado, mas um sintoma de uma relação autoritária e opressora entre professores e alunos, que impede a construção da autonomia e de uma cidadania consciente. Para o autor, os conflitos devem ser enfrentados com respeito, diálogo e mediação, buscando compreender as causas e as consequências das situações conflituosas, e não com violência, repressão ou silenciamento.

Para Aquino (1996), a questão da indisciplina e/ou conflitos na escola também podem ser vistas sob uma perspectiva crítica e reflexiva. Este autor defende que a indisciplina é um fenômeno complexo e multifacetado, que não se resume à falta de regras ou autoridades, mas que mostra as contradições e desafios da educação em uma sociedade marcada pela desigualdade, violência e exclusão. É preciso compreendê-la e transformá-la em um elemento pedagógico, trabalhando com diálogo, respeito e construção coletiva do conhecimento.

A indisciplina e/ou conflitos no contexto das instituições educacionais são fenômenos complicados que podem ser atribuídos a vários fatores, como condições sociais, culturais, políticas e educacionais (Tiba, 2013). Esse mesmo autor recomenda que para compreender e enfrentar os desafios da convivência escolar, é preciso buscar diferentes estratégias de ensino e perspectivas variadas, proporcionando uma educação que seja democrática, participativa e emancipatória para os educandos.

O assunto da indisciplina é desafiador para Schimitt e Feres (2022), que apontam a necessidade de a comunidade escolar, especialmente os professores, se engajarem em promover formas de gestão e resolução pacífica de conflitos. Os

professores de EF, que fazem parte dessa comunidade escolar, devem adotar abordagens educativas que estimulem a resolução dos conflitos com estratégias e técnicas que os discentes analisem e resolvam.

A disciplina curricular da EF pode ser uma grande aliada no combate à indisciplina e/ou conflitos ocorridos na escola, pois ela é capaz de promover o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas dos educandos, favorecendo a convivência pacífica, o respeito à diversidade, transformando os educandos e capacitando-os para serem cidadãos críticos, conscientes e participativos, com capacidade para dialogar, negociar e encontrar soluções para os problemas cotidianos (De Conti; Palma, 2016).

Para Jares (2002) e Velazquez Callado (2004), a EF também pode ser uma peça-chave para resolver indisciplina e/ou conflitos na escola. Para tanto, é necessário que suas aulas promovam um ser crítico, que reflita sobre os valores e normas que regem as relações sociais, sendo capaz de promover o diálogo, a cooperação, a participação e a autonomia dos alunos, respeitando suas diferenças e valorizando suas potencialidades.

A EF escolar abrange uma ampla variedade de aspectos, tendo uma diversidade de conteúdo para incluir o tema da indisciplina e/ou conflitos, pois as unidades temáticas a serem trabalhadas nesse componente curricular são: os esportes, brincadeiras e jogos, lutas, danças, ginásticas e as práticas corporais de aventura (Brasil, 2017). Por exemplo, no conteúdo esportes, apresentado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é possível perceber essa diversidade, pois estes foram agrupados por familiaridade e subdivididos nos anos escolares.

Na BNCC, os esportes são definidos como práticas que envolvem regras formais, comparação de desempenho e competição entre pessoas ou grupos. No entanto, também existem outras formas de jogar, como o futebol de rua ou o vôlei de praia, que não seguem necessariamente as regras oficiais. Isso significa que o conceito de esporte é passível de recriação e ressignificação. A BNCC classifica os esportes em oito categorias, de acordo com a cooperação, a interação com o adversário, o desempenho motor e os objetivos táticos. As categorias dos esportes são: marca, precisão, campo e taco, rede, parede, invasão, técnico-combinatório e combate. Cada categoria tem suas particularidades e habilidades específicas para cada ano do ensino fundamental (Brasil, 2017).

Importante frisar que a classificação ou categorização dos esportes na BNCC, segue um agrupamento pela lógica interna, com características semelhantes, subdivididas em anos escolares específicos para trabalhar cada um destes grupos. Podendo surgir novas modalidades ou adaptações destas, essa diversificação das modalidades e modificações podem ser vistas nos meios de comunicação, que promovem o conhecimento e desenvolvimento de uma modalidade através da divulgação de competições (Brasil, 2017).

Tendo a BNCC como base de conhecimento que deve ser seguida pelos docentes em todo o território nacional, o estado do Paraná, atendendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBD, 1996) formulou seu Referencial Curricular, que traz a EF como meio pedagógico das crianças vivenciarem e refletirem sobre as formas e representações do mundo, por meio das unidades temáticas (Paraná, 2019). O Currículo da Rede Estadual Paranaense apresenta os esportes e suas divisões também pelas suas semelhanças, propondo os esportes para os anos iniciais, por meio de jogos esportivos¹, em que se percebe a preocupação em apresentar as modalidades, levando em consideração a ludicidade para esta faixa etária. Para os anos iniciais do ensino fundamental, cada ano escolar possui um grupo de esportes específicos a serem trabalhados, sendo, por exemplo: 1º ano - jogos esportivos de precisão; 2º ano - jogos esportivos de marca; 3º ano - jogos esportivos de campo e taco; 4º ano - jogos esportivos de rede/parede; e 5º ano - jogos esportivos de invasão (Paraná, 2019).

Seguindo a BNCC e o Referencial Curricular do Paraná, a região Oeste do Paraná, guiados pela Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP), formulou um currículo para os anos iniciais. O documento apresenta, como objetivo da EF, a necessidade de oportunizar ao educando o acesso à cultura corporal de movimento, por meio das unidades temáticas. Além de apresentar os conteúdos denominados permanentes para os anos iniciais, que são: percepção, categorias de movimento, alongamento e descontração. Garantindo que os indivíduos que passam pela educação devam vivenciar essas práticas, promovendo o desenvolvimento da compreensão, da construção, dos significados e como forma de transformação social (AMOP, 2019).

¹ Será utilizado o termo Jogos Esportivos tendo como base o Referencial Curricular do Paraná (Paraná, 2019) e o Currículo da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP, 2019).

Utilizando o Currículo da AMOP (2019), dentro da unidade temática Esportes, pode-se pensar o esporte como construtor de valores, trabalhando a personalidade dos discentes, o espírito coletivo, a inserção e seguimento de regras, capacidade de pensar, refletir e interferir nas situações problemas apresentadas, promovendo diferentes vivências e experiências aos educandos (Reverdito; Scaglia, 2009).

Para Soares *et al.* (1992), o esporte é capaz de englobar códigos, sentidos e significados da sociedade, ao qual os indivíduos praticam, participam e criam estes. Por ser um meio social de convivência, deve ser planejado e abordado pedagogicamente dentro da escola; é tratado como “esporte da escola” e não o “esporte na escola”, ou seja, sua função primordial dentro da mesma deve ser pedagógica e/ou educacional. Nesse sentido, no entendimento dos autores, faz-se necessário envolver os indivíduos em sua prática esportiva, privilegiando e incentivando os valores coletivos, tendo respeito pelos seres humanos e, principalmente, que só é possível a existência de um jogo se tiver dois ou mais oponentes, o que faz entender que é preciso jogar com o outro.

Jogar com o outro, conforme Soares *et al.* (1992), faz perceber que a indisciplina e/ou conflitos que ocorrem dentro das aulas de EF devem ser usados como produtores de competências sociais dos educandos, pois, caso contrário, a indisciplina e/ou conflitos continuarão sendo vistos como um grande problema educacional, relatado pelos agentes educacionais sem solução. Outro ponto importante a destacar é que não existem soluções fáceis para esta problemática. É necessário encontrar caminhos, buscá-los e propor formas para trabalhar e minimizar a indisciplina e/ou conflitos (Pereira, 2020).

No sentido de identificar a indisciplina e/ou conflitos já mencionados, é preciso entender quais destes ocorrem na EF. A indisciplina e/ou conflito ocorre por atos de falta de respeito com os colegas e professores, com a falta de entendimento sobre o silêncio pedido para a explanação ou realização das atividades, a desobediência, falta de concentração e atenção por parte dos discentes (Dos Santos *et al.*, 2008). Para Vinha (2000), a indisciplina se liga diretamente à desobediência de regras, em que ocorre a discordância, questionamento, bagunça, conversas paralelas, falta de atenção, entre outros, interferindo no trabalho que o professor deveria realizar.

Assim, esta indisciplina é o rompimento da ordem, ao qual se relaciona diretamente aos conteúdos trabalhados nas aulas de EF, pois é preciso desenvolver os conteúdos nas dimensões conceitual (saber sobre o fazer), procedimental (saber

fazer) e atitudinal (saber o que fazer) (Darido; Rangel, 2019). Estas dimensões foram apresentadas por Coll *et al.* (1998), buscando dinamizar e diversificar a forma como eram apresentados os conteúdos aos alunos. Nesse sentido, era corriqueiro ouvir dos alunos que algumas disciplinas tinham mais conteúdos, assim, pensar um conteúdo é englobar conhecimentos conceituais, de fatos, ideias, desenvolvimento de habilidades cognitivas, recreativas, dos valores e atitudes (Darido; Rangel, 2019).

Ao trabalhar nessas dimensões e proporcionando novos conhecimentos aos alunos, é necessário pensar em uma abordagem ou método pedagógico que faça com que os indivíduos possam desenvolver-se com facilidade, que aprendam, reflitam e apropriem-se do conteúdo. Portanto, a abordagem construtivista é aquela que é baseada na construção do conhecimento, sendo um processo de construção, que se dá através da relação da criança com o mundo, priorizando o jogo como forma de aprendizagem (Reis Junior *et al.*, 2013). Sua importância está em valorizar a cultura lúdica dos estudantes que participam do processo de ensino-aprendizagem, pois o jogo como conteúdo/estratégia tem um papel fundamental. Ele é visto como o principal modo de ensinar; um recurso pedagógico; um meio de aprendizagem, pois a criança se desenvolve brincando ou jogando (Viana *et al.*, 2019).

Essa abordagem tem João Batista Freire como principal articulador, apresentada no seu livro *Educação de Corpo Inteiro* (1997), trazendo a abordagem construtivista de Piaget² para o campo da EF (corpo e mente como um todo, a importância do movimento, construção do conhecimento, papel do professor, a EF e jogo), sendo uma das diferentes propostas pedagógicas para a EF. Preocupando-se também em captar o conhecimento que o discente apresenta, para intervir com novos conhecimentos, atividades e jogos que o façam evoluir motora, afetiva, cognitiva e psicologicamente sendo, então, a “Educação de Corpo Inteiro” e não mais com dualidade entre mente e corpo.

Freire (1997) apresenta as características da abordagem construtivista para a prática pedagógica em EF, proporcionando ao aluno conhecimento e apropriação do mesmo para lidar com os problemas do dia a dia em sociedade, podendo transformá-la, se assim necessitar.

² Jean Piaget (1896-1980), psicólogo suíço, desenvolveu teorias sobre o desenvolvimento cognitivo humano que influenciaram profundamente a pedagogia e a educação. Ele introduziu a ideia de que as crianças constroem seu conhecimento ativamente através de estágios de desenvolvimento e interação com o ambiente.

Assim, esta dissertação utiliza a metodologia de pesquisa-ação, que é uma abordagem qualitativa caracterizada pela combinação de pesquisa e ação. A pesquisa-ação envolve a identificação de um problema, o planejamento de uma intervenção para transformar a realidade, a implementação do plano de ação e a avaliação dos resultados. Neste estudo, a pesquisadora atuou como observadora participante, intervindo diretamente no ambiente escolar para observar os efeitos de suas ações em tempo real (Mattar; Ramos, 2021).

Para tanto, a utilização dos jogos esportivos, por meio da abordagem construtivista como possibilidade pedagógica na EF, pode ser a ponte, como também a possibilidade de encontrar formas e caminhos para trabalhar a incidência de indisciplina e/ou conflitos nas aulas de EF, utilizando dos jogos esportivos como meio de minimizá-las. Sintetizando, é necessário encontrar alternativas para trabalhar a indisciplina e/ou conflitos assertivamente com os discentes, desenvolvendo suas capacidades para pensar, refletir, participar e modificar seu entorno. Partindo deste princípio, buscamos pesquisar sobre como seria possível, desenvolver o ensino dos jogos esportivos de invasão (que em sua maioria são jogos competitivos), a partir da abordagem construtivista, para minimizar a indisciplina e/ou conflitos que possam existir nas aulas de EF?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Desenvolver o ensino dos jogos esportivos de invasão, por meio de uma abordagem construtivista, avaliando seus efeitos na mediação da indisciplina e/ou conflitos discentes nas aulas de EF no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

1.1.2 Objetivos Específicos

1. - Identificar os principais conflitos e casos de indisciplina que ocorrem nas aulas de EF;
2. - Propor estratégias pedagógicas baseadas na abordagem construtivista para melhorar a disciplina e a interação entre os alunos durante as aulas de EF.

3. - Verificar se o ensino dos jogos esportivos pode influenciar no comportamento dos alunos durante as aulas de EF;
4. - Avaliar a eficácia dos jogos esportivos de invasão na promoção de habilidades sociais e resolução de conflitos entre os alunos;

2 REVISÃO DA LITERATURA

O estudo será aprofundado por meio da fundamentação teórica, estruturada com os seguintes eixos temáticos: o primeiro, buscando conceituar a indisciplina e/ou os conflitos na escola; o segundo, a indisciplina e/ou conflitos na EF, contendo dentro deste, um subtópico com o tema a mediação de conflitos; o terceiro, apresentando os esportes e jogos esportivos com suas divisões para o trabalho docente; e o quarto, sendo as abordagens pedagógicas da EF dentro do processo histórico, com subtópico dando ênfase à abordagem construtivista.

2.1 Indisciplina e/ou conflitos na escola/escolar

Ao pensar e refletir o conceito de indisciplina, é necessário entender seu conceito e abordagens, pois sua definição não é unânime. Seu conceito varia conforme o autor e o contexto (Rego, 1996). No geral, a indisciplina pode ser entendida como qualquer comportamento que se contrapõe às regras de convivência estabelecidas, ou seja, a disciplina é um conjunto de normas de comportamentos que devem ser seguidas por todos, e a indisciplina se torna o contrário, sendo a revolta ou ainda o desconhecimento desta (De La Taille, 1996). De acordo com Estrela (1994), a indisciplina escolar nada mais é do que a desobediência de ordem ou normas estabelecidas no ambiente escolar. Um ponto importante detalhado pela autora acima citada é que, muitas vezes, a indisciplina do aluno é confundida com problemas de hiperatividade, déficit de atenção, autismo, entre tantas outras definições, evidenciando a complexidade do fenômeno que supera a simples transgressão das regras.

O conceito de indisciplina é amplo e complexo. Refletir sobre ele é necessário, interligando-o ou associando-o aos fatos que ocorrem. Um aspecto abrangente dentro desse conceito é apresentado por Silva e Villalba (2018), que definem a indisciplina como um comportamento indesejado que prejudica o desenvolvimento pedagógico em sala de aula, afetando a aprendizagem dos demais alunos.

Desde 1549, quando teve início a história da educação no Brasil, há uma preocupação com a disciplina escolar, sendo seu tema central. Estão ligadas à aplicação de punições físicas para conter quem deixava de seguir o ideal almejado. A disciplina escolar era pautada na “pedagogia da opressão”. Por um longo período, a

indisciplina foi ligada diretamente ao aluno. Porém, no final do século XX e início do século XXI, com os avanços nos estudos sobre o tema, a indisciplina é percebida com complexidade e está ligada a vários fatores, como os internos (docentes, discentes, escola) e os externos (família e sociedade) (Brito, 2012).

A complexidade em conceituar a indisciplina amplia o debate, ao colocar o comportamento do aluno exclusivamente como o principal fator. A indisciplina precisa ser vista em todo o seu contexto, levando em consideração os fatores culturais (em culturas como a japonesa ou a sul-coreana, por exemplo, a disciplina é um valor cultivado desde a infância, no núcleo familiar, e reforçado coletivamente pela sociedade. Em muitas sociedades ocidentais, essa responsabilidade é frequentemente delegada à escola, que assume o principal papel de disciplinar. Isso, por vezes, se tornou central na cultura brasileira, refletindo diferenças nas estruturas sociais, especialmente na família) e sociais (como a escola e o ambiente educacional), e seus papéis no processo. Enfim, ela é uma série de influências e ocorrências sociais e pedagógicas (Brito, 2012).

Para Oliveira (2011), a indisciplina está associada a dois principais fatores, os psicossociais e os pedagógicos. Os psicossociais estão associados à família, mídia, diversidade entre os alunos, problemas de distúrbios e carência afetiva, apesar de serem fatores ligados ao ambiente externo à escola, influenciam o comportamento dos alunos. Os fatores pedagógicos, ligam-se diretamente ao ensino-aprendizagem, à imposição ou falta de regras, à busca pelo clima ideal em sala de aula, à formação dos professores, à proposta pedagógica, ao sistema educacional e à escola, e todos interferem no comportamento dos estudantes. Considerar os alunos como seres integrais que sofrem influência de ambos os fatores é fundamental.

Ao abordar os fatores psicossociais, é importante mencionar que a família, apesar de sua natureza multifacetada, deveria fazer o papel de servir como a base para a educação das crianças. No entanto, isso muitas vezes não é possível, pois, os responsáveis, frequentemente, têm empregos ou trabalhos que os mantêm fora de casa a maior parte do dia, resultando em pouco contato com seus filhos. Essa distância dificulta a educação oferecida pela família e interfere diretamente na relação entre as crianças em diferentes contextos sociais, sendo mais frequente no ambiente escolar, com seus colegas e professores. A mídia, de forma direta ou indireta, busca alcançar altos índices de audiência, muitas vezes, apresentando programas que incentivam atos de rebeldia, competição, individualismo e violência entre as crianças.

Sem a supervisão adequada dos tutores, as crianças ficam à mercê dessas programações. A diversidade entre os alunos, com diferentes culturas trazidas para dentro da escola e sala de aula, exige que o professor seja capaz de perceber e trabalhar com essa realidade (Oliveira, 2009).

Problemas de distúrbio de atenção como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), Transtorno de Ansiedade, entre outros, também são um desafio; sendo fatores que podem desencadear atos indisciplinados. Quando o docente identifica precocemente esses comportamentos, pode atender melhor o aluno em sala de aula, ajudando-o a se adaptar melhor ao ambiente escolar. Por fim, a carência afetiva, resultante da falta de convivência familiar e do pouco tempo dedicado ao carinho, atenção e escuta das crianças, faz com que elas busquem atenção na escola por meio de apego excessivo e atos de indisciplina (Oliveira, 2011).

Em contrapartida, a matriz pedagógica adotada na escola enfatiza a organização interna da escola, a imposição ou ausência de regras; os alunos chegam à escola e encontram normas rígidas sem um diálogo que explique seu propósito ou sem a participação deles na formulação dessas regras, o que pode ser um fator determinante para a indisciplina. Além disso, a formação dos professores em questões relacionais e pedagógicas é essencial. A abordagem pedagógica do professor, ou seja, a maneira como o conhecimento é transmitido, pode levar ao desinteresse, desmotivação e falta de conexão dos alunos com a realidade, desencadeando comportamentos indisciplinados (Oliveira, 2011).

Assim, tanto as causas externas à escola, que são influências exercidas pelos meios de comunicação, a grande violência social e o ambiente familiar, como também as internas, que dentro do ambiente escolar vinculam-se ao ensino-aprendizagem, relações entre aqueles que a frequentam, afetam e modificam o ambiente educacional como um todo (Garcia, 1999). Agregar ou rotular como único culpado o aluno é generalizar um comportamento que é afetado por todos estes fatores.

Historicamente e por um longo período educacional, a indisciplina foi tratada como um problema exclusivo do aluno, porém, com avanços nos estudos e compreensão sobre o tema, pode-se ampliar e verificar a complexidade que este tema apresenta dentro da escola. Fica claro que a indisciplina envolve muitos fatores que transcendem o comportamento individual (Brito, 2012), pois ela é influenciada por

aspectos culturais, sociais e pedagógicos que interagem de maneira complexa, refletindo a diversidade de contextos e experiências dos alunos.

Já os conflitos que ocorrem entre os indivíduos na instituição escolar, são de confronto causados por interesses antagônicos, divergências, disputas, desentendimento, oposição entre grupos ou indivíduos ou ainda é um estado em que uma pessoa enfrenta impulsos, tendências ou sentimentos antagônicos desencadeados (Barbanti, 2011).

Na escola, ocorrem muitos conflitos interpessoais, pois esse ambiente desempenha um papel fundamental no desenvolvimento moral dos estudantes, permitindo que eles se socializem e convivam com as diferenças e semelhanças uns dos outros. Além de transmitir conhecimento acadêmico, a convivência escolar proporciona aos alunos a oportunidade de aprender a lidar com as diferenças, respeitar o próximo, exercitar a empatia e desenvolver habilidades de comunicação e resolução de conflitos (França *et al.*, 2024).

É nessa convivência que são construídas grande parte da personalidade dos indivíduos, como também o encaminhamento de como teremos a estrutura moral da sociedade no futuro. Portanto, a convivência escolar é parte essencial do processo formativo dos estudantes, conforme reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996) e pela BNCC (Brasil, 2017). Ambos os documentos destacam a importância da convivência para a formação de cidadãos conscientes, responsáveis e preparados para atuar na sociedade de forma ética e colaborativa.

Para a LDB (Brasil, 1996), a convivência dos educandos faz parte do processo de ensino e aprendizagem, quando apresenta que este deve ser preparado para o exercício da cidadania, qualificado para o trabalho, proporcionando uma formação relevante e aplicável, como também o respeito à diversidade, à liberdade de aprender e ensinar, vinculação entre escola, trabalho e sociedade. Outro ponto a ser destacado é que enfatiza a formação integral do aluno, abrangendo aspectos cognitivos, físicos, emocionais e sociais. Destacando a importância da gestão democrática, ética, cidadã, um currículo flexível, adaptado às necessidades locais e a promoção da diversidade por meio da educação inclusiva. Também ressalta a capacitação continuada dos docentes, que inclui estratégias de mediação, comunicação não violenta e habilidades para lidar com conflitos (Brasil, 1996).

No caso da BNCC (Brasil, 2017), são abordados, além dos conteúdos curriculares, o desenvolvimento de competências essenciais para o desenvolvimento

humano. Entre estas, é possível destacar as competências: 9 - Promover a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, respeitando os direitos humanos e valorizando a diversidade de indivíduos e grupos sociais, suas culturas e potencialidades, sem preconceito; e, 10 - Responsabilidade e Cidadania, sendo essencial a convivência escolar nesse processo para a construção de cidadãos comprometidos com o bem comum e o futuro da sociedade.

Apresentando as competências a serem desenvolvidas para que o indivíduo possa viver em sociedade, dentre as quais, das competências gerais a serem trabalhadas, pode-se apresentar o pensamento crítico e criatividade, podendo refletir em suas ações. A comunicação que deve ser eficaz para se entender com os outros, o repertório cultural em que possam aprender as diferentes culturas e respeitá-las, e a responsabilidade e cidadania, que deve desenvolver a capacidade de o indivíduo se socializar e viver de forma coerente no ambiente em que se insere (Brasil, 2017).

Seguindo estas características que devem ser trabalhadas com os alunos, encontramos na instituição escolar indivíduos que são de classes sociais distintas, como também locais de vivências e organização familiar diversas. Quando esses discentes estão na escola, muitas vezes, apresentam dificuldade em cumprir as regras que nela existem, em muitos casos, não compreendem o objetivo das mesmas e sua necessidade em segui-las. Em muitos casos, sua atitude em não seguir pode ser tratada como indisciplina, pois sem compreendê-las, não as seguem, causando situações indesejadas em sala de aula, que precisarão ser contornadas pelo docente, o qual, em sua grande maioria, com atitudes autoritárias ou permissivas acaba influenciando essa indisciplina (Saladini, 2020).

Os atos de indisciplina tratados por Saladini (2020) se apresentam interligados com a sociedade e o sistema de ensino, e não apenas a uma única situação ou entidade (Estrela, 1994). A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, afetando diretamente as relações interpessoais, pois é um reflexo das transformações sociais. A escola, por ser um ambiente que reúne uma clientela variada, acaba sendo reflexo da sociedade, que para Oliveira (2011), é uma sociedade cada vez mais consumista e individualista, que influencia diretamente o comportamento dos alunos, fazendo com que muitas pessoas ajam de forma egoísta, sem ter respeito pelo outro, buscando satisfação e felicidade a qualquer preço, diminuindo a capacidade de tolerar e frustrar-se e aumentando a agressividade e a violência. Faz da indisciplina um fenômeno que envolve tanto a escola quanto os fatores sociais.

A indisciplina discente, que ocorre nas instituições escolares, não é determinada por um único fator, como já mencionado. Assim, é essencial ir além e compreender o significado dessa indisciplina no ambiente escolar. Além disso, trata-se da sensibilidade em perceber as mudanças necessárias, tanto na abordagem pedagógica quanto na estrutura institucional (Garcia, 1999).

Para Caldeira e Rego (1998), a indisciplina é caracterizada como ações contrárias à disciplina, que quebra as regras ou normas existentes no ambiente escolar. Outro autor que aponta para a mesma direção a estes ao conceituar indisciplina, é Parrat-Dayana (2018), que nos apresenta que, seguir e obedecer às regras é conseguir manter uma boa ordem coletiva.

Assim, a indisciplina pode ser vista como sendo um comportamento indesejado, que atrapalha o desenvolvimento pedagógico em sala de aula, causando prejuízos para a aprendizagem dos outros alunos. Ou também afirmam que o aluno está em desalinho ou desacordo com as regras da escola, sendo que, ao tratar a indisciplina dentro da escola, deparamo-nos com uma definição dada por profissionais atuantes na área, que a consideram um elemento crucial para o desenvolvimento do aprendizado dos estudantes. Muitos destes profissionais ligam a indisciplina na escola a fatores como cultura, família, sociedade e meios de comunicação, entre outros (Silva; Villalba, 2018).

Na indisciplina escolar, é possível identificar diversas causas, que podem ser divididas em dois grupos principais: as causas externas e causas internas à escola. As causas externas incluem fatores como a influência das mídias, a violência e o ambiente familiar; enquanto as causas internas abrangem fatores como relações interpessoais, adaptação dos discentes às normas da escola, condições de ensino-aprendizagem e perfil dos alunos (Garcia, 2012).

Neste contexto, Tiba (2013) afirma que a disciplina externa à escola é aprendida e absorvida no seio familiar, sendo essencial para a socialização do indivíduo. Segundo o autor, os alunos aprendem com modelos que cativam sua admiração, agindo como exemplos e espelhos, orientando-os nas diversas situações que enfrentam. Já dentro da escola, é fundamental que o professor proporcione um ambiente calmo e controlado, onde os alunos sejam respeitosos e participativos nas aulas, viabilizando e favorecendo o desenvolvimento dos conteúdos planejados (Vasconcellos, 2009).

Já Garcia (2001), vê o tema da indisciplina como formas de aprendizagem, deixando de tratar como um problema para trabalhar com ela, modificando o foco. Esta ideia traz consigo a conotação de que a indisciplina não é apenas uma ocorrência comportamental, que quebra regras, mas que acaba por interromper, prejudicar o desenvolvimento cognitivo, moral e atitudinal dos indivíduos que a ela ocorrem.

Os exemplos mais comuns de indisciplina na escola incluem as discussões entre os alunos durante as aulas, que podem evoluir para ofensas, xingamentos, palavrões, rompendo com as regras ou normas estabelecidas. Pode ser relacionada ainda às conversas paralelas, brigas entre alunos, brincadeiras fora de hora, ofensas e desrespeito aos colegas e professores, entre outros (Pereira, 2020). Outros apontamentos citados pelos professores, como sendo de indisciplina, são: o aluno provocador, que rejeita regras, que pode ser insolente ou bagunceiro, aqueles que destroem o material, seja o seu, dos colegas, professores ou da escola (Parrat-Dayán, 2018).

Dentro das instituições escolares, estes atos de indisciplinas são tratados de diversas formas, dentre estas, temos a exclusão dos estudantes tidos como indisciplinados das aulas de EF, cujo encaminhamento é tido como punitivo (Souza; Costa, 2020). No entanto, para que o aluno seja capaz de entender e ter autonomia para seguir as regras e desenvolver-se de forma integral, sabendo conviver em sociedade, é necessário que a escola construa um ambiente que seja favorável a este desenvolvimento. Isto inclui propor situações que levem à reflexão, construção e reconstrução de valores, como respeito, justiça, cooperação, responsabilidade, resolução de problemas.

A educação deve ser capaz de proporcionar o desenvolvimento do aluno, para que o aluno aprenda e compreenda que seus atos têm consequências e não, simplesmente, obedecendo cegamente às regras impostas. Assim, a escola contribuirá para o desenvolvimento de cidadãos conscientes, colaborativos, éticos e preparados para viver em sociedade, respeitando as normas coletivas.

2.1.1 Mediação de conflitos e as aulas de educação física

Dentro do sistema de ensino temos, durante um longo processo histórico, a escola servindo como base de educação para o mercado de trabalho, com

metodologias e abordagens pedagógicas voltadas e centradas no autoritarismo. Neste modelo de ensino, o conhecimento era transmitido pela figura do professor, que fazia o papel de autoridade incontestável, enquanto o aluno era visto como um receptor passivo, um copo vazio que deveria ser enchido (Freire, 2022). Esse modelo, desconsiderava a participação dos alunos no processo ensino-aprendizagem.

Freire (2022) propõe que o aluno, no processo de ensino-aprendizagem, seja um ser ativo, que constrói seu conhecimento de forma autônoma e reflexiva, transformando a relação professor-aluno, passando de uma relação de autoritarismo e ser passivo, para a de respeito mútuo, quebrando a estrutura de submissão e dominação. A partir desta proposta, surge a necessidade da mediação de conflitos, que devem ser sanados pacificamente e de forma construtiva.

Esse processo de mediar os conflitos na escola, entre crianças, é conhecida, muitas vezes, por estratégias de diminuir impasses, propiciar a solução do problema (exemplo: indisciplina e/ou conflitos), construindo uma cultura de paz dentro da instituição escolar, que se alastra para a família e comunidade (Vio; Feijó; Camargo, 2024) e propondo uma intervenção que é determinada pelo caráter educativo e preventivo para a educação escolar (Feijó *et al.*, 2011).

Portanto, a mediação de conflitos é uma alternativa para a construção de um ambiente pacífico, onde o diálogo é usado como ferramenta entre os alunos e seus pares, feito por um sujeito parcial, denominado também de mediador (professor), promovendo a responsabilidade, cooperação e uso do espaço coletivo (Vio; Feijó; Camargo, 2024). Importante frisar que a mediação é um dos pontos-chaves nas relações escolares.

A mediação de conflitos é realizada, segundo Chrispino (2007), por um mediador, que é uma pessoa imparcial, que apresenta o ocorrido com o objetivo de desenvolver opções, criar alternativas e fazer com que as partes envolvidas possam chegar a um acordo aceitável para ambos. Esse mediador deve buscar a neutralidade e a imparcialidade, oferecendo escuta e traçando estratégias consensuais para a resolução do conflito, porém, não deve dar a solução pronta, mas fazer com que os alunos reflitam e encontrem-na. Assim, na EF, onde as atividades podem gerar interações físicas e emocionais, a mediação pode ser essencial para evitar estes embates, indisciplina e/ou conflitos, proporcionando uma convivência harmoniosa entre os alunos.

A mediação de conflitos, para o professor, deve ser uma reflexão constante sobre sua prática pedagógica, como sugere Saladini (2020), pois deve incluir o papel de mediador. Para que isso se concretize, ele precisa ser capaz de identificar os conflitos, intervir de forma construtiva e criar um ambiente que favoreça a aprendizagem, a cooperação e o respeito mútuo. A mediação de conflitos vai muito além de resolver disputas, ela contribui para a formação de uma cultura escolar mais favorável, harmoniosa, democrática e inclusiva. Como também, desenvolver atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa, formulando uma negociação psicossocial que pondera o que se ganha e o que se perde com o conflito (Chrispino, 2007).

É nessa busca em diminuir e contextualizar a indisciplina e/ou conflitos nas aulas que buscamos uma proposta educacional dentro da temática de esportes para trabalhar com regras, cooperação, trabalho em equipe, respeito, sendo os jogos esportivos uma ferramenta que pode ser usada.

A EF, como componente curricular, não está isolada dos acontecimentos de indisciplina e/ou conflitos, principalmente, por serem aulas que apresentam maior contato físico, disputas, oposições, ao aplicar os conteúdos a serem trabalhados. Dentre estes conteúdos, temos as brincadeiras e jogos, esportes, danças, lutas, ginástica e práticas corporais de aventura (AMOP, 2019).

Embora não existam conteúdos exclusivos para desenvolver a consciência dos alunos sobre normas, regras, conflitos e atos de indisciplina, as aulas de EF oferecem oportunidades para trabalhar essas questões através das interações dos alunos com as situações de convivência e conflitos durante as atividades desenvolvidas. Os conteúdos de EF promovem discussões sobre regras, conflitos, valores e cooperação (Saladini, 2020).

Para Darido e Rangel (2019), os conteúdos da EF devem envolver as três dimensões do conhecimento: conceitual, procedimental e atitudinal. A dimensão conceitual é entender o que fazer, já o procedimental é saber fazer; e o atitudinal é saber por que fazer. Este último tem relação direta no desenvolvimento das competências sociais dos alunos, que devem ser desenvolvidas segundo a BNCC (Brasil, 2017).

Ao desenvolver os conteúdos de EF, as aulas proporcionam um ambiente diversificado de contato físico entre os alunos, em alguns casos gerando conflitos, como, por exemplo, por uma disputa de bola mais ríspida, pela competição e a busca pela vitória que algumas atividades propõem (França *et al.*, 2024). Esses conflitos,

geralmente, envolvem confrontos de ideias, opiniões, frustração e desacordo sobre algo que aconteceu (Leme, 2004).

Esses fatos de conflitos e indisciplina não são exclusivos das aulas de EF, porém, o formato e a forma de aplicação dessa disciplina, com o seu espaço e lógica interna das atividades aplicadas, menos estruturados e mais abertos, proporcionam o envolvimento dos alunos nas aulas; os conflitos são fatores em potencial de indisciplina para o componente curricular (Darido; González; Ginciene, 2020; Fontoura, 2012).

Alguns dos atos de indisciplina e/ou conflitos encontrados na prática pedagógica da EF são: xingamentos de diversas formas, desrespeito, discussões, agressões físicas, entre outros. Porém, os autores afirmam que há uma brecha para debates, conversas e reflexões que podem favorecer a relação professor aluno, dentro e fora da aula (Marques; Ramos; Ferreira, 2020).

A indisciplina e/ou conflitos escolares são oriundos de tipos distintos, tem-se os conflitos entre docentes, entre alunos e docentes, entre os alunos e entre pais, alunos e gestores. As ocorrências entre os professores perpassam pela falta de comunicação, interesses pessoais, entre outras. Os conflitos entre alunos e docentes têm como principal fator a dificuldade dos estudantes em entender explicações dos professores, notas arbitrárias, critérios de avaliação, desinteresse pela matéria, entre outros. Já os conflitos entre alunos são ligados a brigas, rivalidades, mal-entendidos. E os conflitos entre pais, docentes e gestores podem ocorrer por desentendimentos devidos a agressões ocorridas entre os alunos, ausência dos professores, critérios de avaliação, aprovação e reprovação, entre outros (Chrispino, 2007).

Nas aulas de EF os conflitos mais evidenciados ocorrem entre os alunos, quando há divergências na escolha de uma prática corporal preferida (nem todos concordam), ou de escolher suas equipes (cada um quer escolher do seu jeito e forma de pensar) durante as atividades, sejam elas competitivas ou não (neste, podem ser citadas disputas de bola em um jogo de basquetebol) (Chrispino, 2007).

Em muitos casos de indisciplina e/ou conflitos em sala de aula, estas são fonte de estresse nas relações interpessoais, pois quer dizer algo sobre alterações pedagógicas e institucionais que se fazem necessárias. É necessário que o professor seja capaz de buscar conhecer seu aluno, buscar diagnosticar fatos e informações sobre o aluno indisciplinado, que possa diagnosticar a real causa da indisciplina, aplicando a metodologia de ensino adequada a cada caso (Castro, 2023).

Para Marques (2019), é preciso classificar as ocorrências de indisciplina e/ou conflitos pela lógica interna e externa às aulas e atividades de EF, sendo que, os de lógica externa são caracterizados como aqueles que podem ocorrer em qualquer ambiente, ou qualquer situação. Já os de lógica interna estão relacionados diretamente às atividades, como por exemplo, descumprir uma regra específica.

Dos fatores relacionados à lógica externa às aulas de EF, podemos citar: gênero ou machismo, racismo, preconceito e a discriminação (devido à cor da pele), aspectos físicos, violência verbal e violência física; enquanto pela lógica interna, temos a ação motriz, egoísmo ou não passar a bola, simulação ou desrespeito às regras e a pontuação do jogo (Marques, 2019).

2.2 Esportes e jogos esportivos

A origem da palavra esporte, conforme trazido por Darido e Rangel (2019), está associada ao conceito de 'regozijo, diversão', ou simplesmente, prazer e diversão. Essas autoras destacam que essa definição tem sido aceita historicamente e permanece em vigor até os dias atuais. Betti (2020), por sua vez, amplia essa visão, ao definir o esporte como uma atividade social institucionalizada, regida por regras, com base lúdica, envolvendo a competição entre dois ou mais participantes, tendo como objetivo a vitória ou o estabelecimento de um recorde. Bracht (1989), citado por Darido e Rangel (2019), descreve o esporte como uma prática corporal voltada à competição, com foco no rendimento, no recorde e na racionalização dos movimentos.

Entretanto, a forma como o esporte é visto na sociedade popular, muitas vezes, o associa a modalidades esportivas específicas, sendo vistas, em sua maioria, como seletiva, praticada por uma pequena parcela da população que possui alto desempenho atlético (Nista-Piccolo; Moreira 2012). Neste contexto, os autores alertam sobre a importância de ampliar essa visão limitada, promovendo o esporte nas escolas de forma inclusiva, para que todos os alunos, independentemente de suas habilidades atléticas, tenham a oportunidade de praticá-lo.

Repensar o esporte como uma prática educacional, desmitificando, rompendo a barreira de esportes regrados, competitivos e institucionalizados é essencial. Quando o esporte é tratado como parte da cultura corporal, ele se torna uma ferramenta pedagógica inclusiva e acessível a todos. Nesse sentido, Darido e Rangel

(2019) ressaltam que o esporte tem relação direta com o jogo, sendo o jogo uma característica fundamental do esporte. Contudo, é preciso reconhecer que, apesar de existir uma relação entre eles, existem diferenças significativas entre esporte e jogo, o que será discutido em maior detalhe mais adiante.

Antes de discutir a relação entre esporte, jogo e jogos esportivos, é relevante observar os documentos institucionais que orientam o planejamento das aulas de EF. A BNCC, por exemplo, apresenta o esporte como um componente curricular que favorece o aprendizado de práticas corporais, com foco no desenvolvimento motor, social e cognitivo dos alunos. Ela enfatiza, ainda, que os esportes devem ser compreendidos não apenas pelos olhos da competição, mas também, como meio de desenvolver habilidades de cooperação, respeito ao adversário, desempenho motor e estratégias táticas (Brasil, 2017).

A BNCC classifica os esportes nos anos do ensino fundamental, em diferentes categorias para facilitar o aprendizado dos alunos. Entre essas categorias estão: Esportes de Marca (esportes que comparam resultados obtidos entre os competidores); Esportes de Precisão (modalidades que requerem a realização de uma tarefa precisa, como acertar um alvo); Esportes Técnico-Combinatórios (modalidades que avaliam a qualidade do movimento comparados a padrões técnicos específicos); Esportes de Rede/Parede (esportes que usam arremesso ou rebatida da bola ou outro objeto em direção à quadra adversária); Esportes de Campo e Taco (modalidades que rebatem a bola lançada pelo adversário); Esportes de Combate (esportes que envolvem combate, subjugação do adversário com técnicas e estratégias de combate) e; Esportes de invasão ou Territorial (esportes que propõem colocar uma bola na meta defendida pelos adversários). A inclusão dessas modalidades no currículo escolar visa proporcionar aos alunos uma formação gradual, iniciando com habilidades motoras simples até as mais complexas, que exigem estratégias e táticas (Brasil, 2017).

Assim, no contexto do 5º ano do Ensino Fundamental, a BNCC sugere a continuação da abordagem das modalidades esportivas de campo e taco, rede/parede e invasão, com maior aprofundamento (Brasil, 2023). A divisão dos esportes em grupos, com base em critérios específicos, é fundamental para a compreensão cognitiva dos alunos, permitindo correlações entre modalidade de características semelhantes por meio de elementos comuns. A abordagem destas modalidades apoia-se na sequência lógica, tendo como início, modalidade de habilidades e competências mais simples e que, sequencialmente, passam para modalidades mais

complexas e com combinações de habilidades motoras e ações táticas que exigem dos educandos número elevado de elementos a serem executados ao mesmo tempo, favorecendo o desenvolvimento integral destes (Brasil, 2023).

Além disso, a imprevisibilidade e a complexidade dos jogos esportivos são fatores que tornam esses jogos emocionantes e dinâmicos, permitindo que os alunos desenvolvam estratégias para superar obstáculos durante a partida. Esses jogos, muitas vezes adaptados conforme o interesse dos participantes, refletem uma prática coletiva, na qual as regras e os elementos do jogo podem ser ajustados para atender as necessidades do grupo. Segundo Reverdito e Scaglia (2020), experimentar os esportes é mais do que saber como jogar, é desenvolver através destes os indivíduos integralmente; ou seja, a vivência no esporte vai além do simples domínio das regras, ela contribui para o desenvolvimento global dos indivíduos, preparando-os para os desafios da vida.

Dentro do ambiente escolar, é essencial que as abordagens sobre o esporte sejam adaptadas ao contexto educativo, promovendo o esporte de uma forma prazerosa, inclusiva e formativa (Nista-Piccolo; Moreira, 2012). Assim, trabalhar o esporte através de jogos esportivos, é uma forma de deixar esta temática com maior dinamismo e ludicidade e o uso de jogos esportivos nas aulas de EF é uma estratégia eficaz para tornar o ensino mais dinâmico e envolvente. Para tanto, é necessário trabalhar a temática esporte nas aulas de EF, e especificamente para os anos iniciais. É importante salientar que para o currículo da AMOP (2019), que orienta o planejamento das aulas, é proposta a incorporação de jogos esportivos, com destaque para os jogos de invasão no 5º ano do Ensino Fundamental.

Para compreender melhor esse conceito, é importante entender o que se entende por jogo. Os jogos, para João Batista Freire, em sua obra *Educação de Corpo Inteiro* (1997), são atividades lúdicas que englobam regras, explícitas ou não, e que são realizadas por prazer, diversão. O autor traz uma classificação que pode ser utilizada em jogos diversos: Jogos de Exercício (que são repetições de movimento por puro prazer e satisfação, que as crianças desenvolvem e aprimoram suas capacidades motoras); os Jogos Simbólicos (que são o faz de conta e a imaginação, ludicidade e criatividade); e os Jogos de Regras (que são aqueles jogos que têm uma estrutura definida e regras específicas) (Freire, 1997).

Esta forma de classificar os jogos é importante para entender, como os jogos podem ser aplicados de maneira pedagógica em contextos educativos, pois cada tipo

contribui para o desenvolvimento integral dos alunos (Freire, 1997). Os jogos de invasão, por exemplo, se encaixam bem nesse modelo, pois envolvem habilidades motoras, como dribles e passes, e promovem a compreensão das regras, o trabalho em equipe e o respeito pelos adversários.

Dessa forma, apresentando o jogo como ferramenta e método de ensino capaz de desenvolver as crianças de forma integral, pensa-se nestes não mais com dualidade de mente e corpo, mas sim, como seres únicos e unificados, que necessitam se desenvolverem motora, cognitiva, social e emocionalmente (Freire, 1997). Ao ligar a definição de Freire (1997) e sua classificação do jogo aos jogos de invasão, estes são capazes de desenvolver as habilidades já citadas, proporcionando o desenvolvimento integral, o qual é defendido pelo autor.

Portanto, o esporte e o jogo na escola devem ser vistos como ferramentas educacionais para a promoção de valores éticos, combatendo a ideia de que a vitória deve ser buscada a qualquer custo (Goulart, 2018). A cultura competitiva e agressiva, que, por vezes se reflete nas práticas esportivas, também pode ser trabalhada nas escolas, especialmente nas aulas de EF.

Ao aplicar os jogos esportivos de invasão nas aulas de EF para o 5º ano do Ensino Fundamental, é possível unir as contribuições teóricas de Freire (1997) e Darido e Rangel (2019), entre outros. Esses jogos promovem o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional dos alunos de forma lúdica e inclusiva, e tem o esporte tratado como ferramenta pedagógica poderosa para ensinar a cooperação, respeito, colaboração, solidariedade, trabalho em equipe, muito além da competição que este propõe. Isso contribui para a formação integral dos alunos, conforme defendido pela pedagogia construtivista.

2.3 Abordagens pedagógicas da EF

Na disciplina de EF, a aplicação de uma abordagem pedagógica por parte do docente nem sempre está clara para ele, nem sempre aplica de forma consciente ou intencional. Porém, faz seguindo métodos e estratégias que foram consolidadas durante a história e implantadas dentro da EF (Darido; Rangel, 2019). Durante o processo histórico, a disciplina passou por uma evolução de diversas abordagens pedagógicas que se mesclam com novas nos trabalhos pedagógicos dos professores (Darido; Rangel, 2019).

Dentro destas abordagens históricas que se destacaram ao longo do tempo e que podem ser agrupadas em diferentes correntes pedagógicas moldadas na prática docente, destacam-se o esportivismo, o militarismo, o construtivismo, o desenvolvimentismo, a crítico-superadora, a crítico-emancipadora, a saúde renovada, e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Darido; Rangel, 2019).

Esse processo histórico construiu a forma como os docentes trabalham os conteúdos que devem ser ensinados na EF. Muitas vezes, as abordagens são centradas no ensino de jogos e atividades físicas, impactando diretamente a forma como os jogos esportivos de invasão são trabalhados na EF. Esses jogos exigem que o professor compreenda a melhor forma de abordá-los para promover o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e social dos alunos (Nista-Piccolo; Moreira, 2012).

Assim, quando citada a abordagem pedagógica da EF, deve-se ter claro qual era seu intuito, como o esportivismo, que traz consigo a caracterização de uma disciplina que visava encontrar e desenvolver as habilidades motoras humanas para ter grandes atletas de modalidades esportivas. Com o Militarismo seguindo uma linha parecida, os alunos eram preparados para serem fortes o suficiente para servir e defender sua pátria (Darido; Rangel, 2019).

Ao contextualizar a EF na escola, é preciso apontar suas principais concepções e abordagens que, historicamente, foram surgindo e construindo essa disciplina. Anteriormente à década de 1980, as abordagens predominantes eram o higienismo e militarismo (onde o foco era com hábitos de higiene e saúde), o esportivismo (que buscava um Brasil-potência, que era a chamada política de formação de atletas) e o recreacionismo (o outro extremo do esporte, a prática do esporte como lazer e recreação e não competitivo). O foco destas abordagens estava na saúde, disciplina e lazer (Darido; Rangel, 2019).

Após a década de 1980, houve o surgimento de novos movimentos que ampliaram a concepção de EF, das quais temos a humanista, fenomenológica, psicomotricidade e a baseada nos jogos cooperativos (Darido; Rangel, 2019). Essas abordagens trouxeram consigo uma ampliação do papel da EF e a sua função na formação integral do aluno, indo além da competição e desenvolvimento físico que, até então, eram o foco principal da disciplina.

A partir de então, de acordo com Darido e Rangel (2019), as abordagens que ganham espaço e se destacam são a Psicomotricidade (foco está no desenvolvimento motor e a relação entre corpo e mente), a Desenvolvimentista (foco no desenvolvimento global do aluno, em que o movimento é o meio e o fim), a Construtivista (foco é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, baseando-se na construção de conhecimento pelo aluno), a Crítico-superadora (busca ir além da cultura corporal, valorizando a transformação social), a Crítico-emancipatória (busca a emancipação dos alunos, combatendo a desigualdade e promovendo a justiça social), a Saúde Renovada (foca na promoção da saúde, buscando o bem-estar integral) e as diretrizes dos PCNs (destacando a importância da cultura corporal).

Essas diferentes abordagens pedagógicas influenciam a forma como os docentes trabalham os conteúdos que devem ser ensinados na EF, baseando-se também no currículo escolar, Projeto Político Pedagógico (PPP), no perfil dos alunos e o que esperar de sua formação, no processo de ensino aprendizagem que melhor servirá para determinada faixa etária e na função social que a escola apresenta (Darido; Rangel, 2019).

Sendo assim, refletindo a prática docente em que a frequência de atos de indisciplina e/ou conflitos nas aulas têm sido frequentes, é necessário intervir de forma a construir uma melhora nesta condição. Ao trabalhar os jogos esportivos de invasão, de maneira a promover tanto o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social dos alunos, respeitam-se suas características particulares de aprendizagem. Para tanto, a abordagem construtivista é a que terá foco para o desenvolvimento deste trabalho.

2.3.1 Abordagem construtivista

Todas as abordagens pedagógicas possuem precursores e articuladores, que desenvolveram e formularam suas principais características de aplicação. Na abordagem construtivista não é diferente, baseada na teoria epigenética de Jean Piaget e seus estudos sobre o desenvolvimento de crianças até adolescência, percebeu que esta constrói o conhecimento através da interação do sujeito com o meio a sua volta. Piaget destaca a aprendizagem do indivíduo através de ajustes,

equilíbrio e desequilíbrios entre o que já sabe e o que está aprendendo, ou seja, o processo de assimilação e acomodação (Santos; Oliveira; Junqueira, 2015).

Para Becker (2009), Piaget aponta que, para ter algum sentido, a aprendizagem precisa coincidir o processo de desenvolvimento do conhecimento de um indivíduo com a alteração das estruturas da consciência deste sujeito, o que irá proporcionar a aprendizagem necessária para atingir o próximo nível. Assim, para o construtivismo, nada deve ser considerado pronto e acabado, o indivíduo necessita estar interpretando o mundo em que vive para construir significados.

Para o construtivismo no Brasil é preciso falar da contribuição de Vygotsky, pois sem ele e sua visão de interação social para a aprendizagem não seria possível pensar em construir um pensamento pedagógico do construtivismo. Vygotsky complementa a visão de Piaget ao dar importância à interação social no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para Vygotsky, o conhecimento é construído de forma colaborativa, com interação entre os alunos e o professor e entre os próprios alunos. O papel do outro é essencial no processo, pois através dessa interação, diálogo, mediação, que as ideias surgem e superam desafios durante o processo de ensino e aprendizagem (Santos; Oliveira; Junqueira, 2015).

Neste sentido, a Teoria do Desenvolvimento Epigenético de Piaget e a Teoria do Construtivismo Social de Vygotsky influenciaram o desenvolvimento de uma abordagem pedagógica construtivista ao longo dos anos de 1970 a 1990, onde alguns elementos bases foram sendo incorporados, entre estes, estão a construção do conhecimento que envolve a interação ativa entre o sujeito e objeto do conhecimento; durante o processo, o sujeito assimila novas informações, ajusta suas estruturas cognitivas e busca o equilíbrio entre o que já sabe e o que está aprendendo. O papel do professor é fundamental, o de mediar, direcionar e desafiar o estudante a explorar, questionar e refletir sobre o mundo ao seu redor. O julgamento moral está ligado à construção do conhecimento através da reflexão de suas ações e decisões. O erro, no processo de aprendizagem, é papel relevante, é nele que é possível reajustar seus esquemas e aprimorar seu pensamento lógico (Castaman; Kamaniski; Rintzel, 2020).

Na EF, o construtivismo tem um impacto direto na forma como os conteúdos são abordados, pois, ao invés de o professor instruir seus alunos a seguirem as regras do jogo, este atua como facilitador, proporcionando situações em que os alunos possam construir seus próprios conhecimentos por meio da experimentação, descoberta e resolução de problemas. Nos jogos esportivos de invasão, por exemplo,

o aluno é incentivado a verificar a dinâmica do jogo, identificando suas dificuldades e potencialidades, experimentando diferentes estratégias, consequentemente, aprendendo com os erros e sucessos de cada situação.

Além disso, a abordagem construtivista é aquela que foge do empirismo, pois valoriza o estudante e vê este como um ser que possui uma bagagem social, que influencia todo o processo educacional ao qual está inserido, sendo, portanto, um sujeito ativo. E é através do que já possui de conhecimento que este aluno é incentivado a construir novos saberes junto com o docente, que está ali para ajudar no processo de aprendizagem, sendo um facilitador ou mediador, ao invés de único responsável pelo seu desenvolvimento (França *et al.*, 2024).

Pensando neste ponto, o construtivismo pode influenciar a forma como são tratados os conteúdos da EF, mas principalmente os conflitos interpessoais que podem ser momentos de desenvolvimento dos estudantes. Pois o docente pode modificar o olhar sobre o conflito enfatizando a resolução do problema, onde entender o lugar do outro e sua visão sobre a situação, faz com que construam valores de convivência em sociedade (França *et al.*, 2024).

Para Darido e Rangel (2019), é a abordagem que mais possibilita integração da proposta pedagógica ampla e da EF, podendo ser ligada à aprendizagem de aspectos cognitivos, social. Baseia-se, principalmente, nos trabalhos de João Batista Freire (1997), que é seu principal articulador dentro da EF, o qual traz que é preciso haver o resgate da cultura de jogos e brincadeiras dos alunos, tendo o jogo como conteúdo ou estratégia principal no desenvolvimento dos indivíduos. Trabalhando o educando como um ser integral, sem a dualidade de corpo e mente separadamente, de forma que o professor possa participar do processo sem função diretiva, mas dando o valor à aprendizagem através do trabalho em grupo e nas relações interpessoais.

É preciso entender que não é possível ensinar um aluno sobre honestidade, justiça, respeito apenas na explicação, é preciso proporcionar que vivenciem situações para poder entender esses conceitos. Os conflitos e atos de indisciplina são momentos oportunos para essa aprendizagem por parte do educando (França *et al.*, 2024).

Portanto, no construtivismo, a aprendizagem ocorre por meio de interações sociais, experiências vividas e reflexões do próprio aluno, com o professor atuando como mediador e direcionador da aprendizagem. A abordagem construtivista, baseada na construção do conhecimento, ocorre pela relação da criança com o

mundo, utilizando o jogo como forma de aprendizagem (Reis Junior *et al.*, 2013). Segundo Viana *et al.* (2019), o jogo é visto como o principal método de ensino, onde a criança aprende brincando. Para Bregunci (2009), a construção do conhecimento se dá pela interação entre o aluno, o conhecedor e o objeto ou meio, que é sua fonte de conhecimento. Assim, os jogos esportivos de invasão são fundamentais nesse processo, pois permitem que os alunos desenvolvam habilidades motoras, cognitivas e sociais de forma integral, respeitando as diferenças interpessoais.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa na área educacional, com foco específico na EF dentro da instituição escolar, desempenha um papel fundamental no avanço do conhecimento e no enfrentamento dos desafios contemporâneos encontrados no dia a dia escolar. Esta investigação utilizou a metodologia de pesquisa-ação para caracterizar e delinear a ocorrência de indisciplina e/ou conflitos nas aulas de EF. A pesquisa-ação permitiu a implementação de uma proposta de intervenção pedagógica, sustentada na abordagem construtivista, por meio dos jogos esportivos de invasão, direcionados para o 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Para tanto, este estudo utilizou-se de uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, que envolveu a observação ativa da pesquisadora. Neste tipo de estudo, foi envolvida a combinação entre pesquisa e ação, ou seja, foram usados, simultaneamente, o conhecimento e a intervenção (Mattar; Ramos, 2021). Para Thiollent (2018), a pesquisa-ação realizada seguiu a ideia de pesquisar e buscar solucionar um problema real através de uma ação intervencionista durante o processo de observação sistemática. Além disso, a pesquisadora participou ativamente da investigação, sendo uma observadora participante (Mattar; Ramos, 2021).

A pesquisa-ação envolveu um ciclo contínuo, que contemplou “a identificação de um problema, o planejamento de uma ação ou intervenção para transformar a realidade, o planejamento de uma ação, a implementação do plano de ação e a avaliação e reflexão sobre os resultados” (Mattar; Ramos, 2021, p. 155). Além disso, manteve e realizou um monitoramento e reflexão de todas as etapas de realização da pesquisa, respeitando o movimento cíclico de planejamento, ação, avaliação e replanejamento, interligando o conhecimento/estudo e a prática/intervenção (Mattar; Ramos, 2021).

Como parte da pesquisa qualitativa e pesquisa-ação, o pesquisador desempenha papel central na coleta de dados, imergindo-se em escolas, famílias, bairros e outros locais para poder explorar as questões educacionais que o intrigam. Dentro da escola, busca entender as dinâmicas de interação social e os fatores que influenciam os comportamentos dos alunos.

Para garantir que nenhuma informação importante fosse perdida, os dados foram coletados através de anotações detalhadas, em que utilizei de um diário de campo para o registro das atividades que foram planejadas, seus direcionamentos, identificando os problemas e a realização da intervenção. Assim, ao final de cada aula, foram feitas anotações no diário de campo (Apêndice E), pois, foi nele que foram registradas as anotações de como foi a aula, seus principais acontecimentos e percepções por parte da docente pesquisadora. As anotações feitas, logo após o ocorrido, favoreceram a interpretação da intervenção (Flick, 2009).

Este instrumento foi escolhido como ferramenta de pesquisa por ser comum na área pedagógica, conforme mencionado por Del Masso, Santos e Cotta (2014). Para ter validade, este instrumento precisava ter a data, horário, local, número de alunos presentes e ausentes, conteúdo, objetivo da aula e outras informações que pudessem especificar melhor o que foi realizado, como a descrição dos sujeitos, o que foi ouvido, o que falaram, sons em geral, experiências prévias, situações de indisciplina e/ou conflitos durante a aula, alternativas propostas pelos alunos para solução dos problemas, dificuldades/limitações da aula, possibilidades e potencialidades da aula, atitudes, comportamentos e reações apresentadas pelos alunos na aula, entre outras considerações. De acordo com Minayo (2002), quanto mais anotações e detalhes tivesse esse diário, maior seria sua confiabilidade ao estudo.

3.2 O contexto da pesquisa – caracterização da escola

A instituição base para a pesquisa foi a Escola Municipal Dom Pedro II, que está localizada no Bairro São Cristóvão, na cidade de Matelândia – PR. A referida escola faz parte das instituições governadas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Matelândia, que pertence ao Núcleo de Educação de Foz do Iguaçu – PR. Seu acesso é feito por meio de ruas pavimentadas, tendo como parte de sua clientela, estudantes de regiões rurais de uma parcela do município, que tem acesso à instituição por meio do transporte escolar, disponibilizado pela administração municipal (PPP, 2025).

A escola atende estudantes moradores de áreas rurais do município, sendo da Linha Rio Guarani, Linha Cozer, Linha Rio Dalazen, Linha Uru, Linha Panison, Linha

Bento Munhoz, Linha Bananal, Linha Cruzeiroirinho, Linha Picada Benjamim, Linha Oro, como também alunos dos bairros São Cristóvão, Vila Pasa, Vila Nova, Jardim Itália, Centro e Vila Sapo. Os alunos pertencentes à escola, em sua maioria, são de famílias que fazem parte da classe média e/ou média baixa, famílias que em seu convívio possuem mais de três integrantes, sobrevivendo a maior parcela com até dois salários-mínimos (PPP, 2025).

A localização, qualidade estrutural de seu prédio, como a constituição de seu quadro de funcionários, faz com que a escola vem em uma crescente, apresentando melhoras em sua nota no Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro (IDEB), em que os resultados de 2017 eram de 6,1 (PPP, 2025), já em 2021 melhorou sua nota, passando para 6,7 (neste, sendo a melhor nota do município) (Brasil, 2021) e, em 2023, atingiu sua maior nota histórica, sendo 8,1 (Brasil, 2024). Importante ressaltar que a referida escola sempre esteve na ou acima da meta municipal.

Com a qualidade na educação, o atendimento aos discentes realiza-se desde a Educação Infantil (infantil 4 e infantil 5), Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º aos 5º anos) até o atendimento ao Ensino de Jovens e Adultos (EJA), que atende da 1ª etapa à 4ª etapa no período noturno. O horário de funcionamento da escola nos períodos são: matutino – das 7h45 às 11h45, vespertino – das 13h15 às 17h15 e: noturno – da 18h40 às 22h00 (PPP, 2025).

Para atender à demanda de alunos, a escola, no seu ano de 2024, possuía em seu corpo docente um total de 17 professores, distribuídos em: professoras de turma (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Ensino Religioso), professoras de EF, professoras de Artes, professora de História e Geografia, professoras de Campo de Experiência I, professoras de Campo de Experiência II, professoras de Campo de Experiência III, professora de Sala de Recurso, professoras de Professor de Apoio Educacional Especializado (PAEE) e estagiária. Tem em seu quadro de funcionários três serviços gerais, três cozinheiras, uma secretária, duas coordenadoras (20h), uma diretora, atendendo em média 240 alunos.

A escolha pela escola apresentou-se por ser o ambiente de trabalho da pesquisadora, onde ela tem uma carga horária de 20h semanais e desde que adentrou no concurso da docência, em 2014, atua nesta escola, bem como na busca por refletir, intervir e melhorar sua prática pedagógica.

3.3 Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa os alunos do 5º ano do período vespertino, da Escola Municipal Dom Pedro II, de um total de 25 (vinte e cinco) alunos da turma, destes participaram 19 (dezenove) da amostra³ da pesquisa e 6 (seis) não foram autorizadas pelos pais a participarem. Estes alunos serão identificados com códigos, sendo: A1, A2, ... assim, sucessivamente. Também participaram da pesquisa os docentes que lecionam na turma, no total, 3 (três) docentes, sendo um que ministra aulas de: Língua Portuguesa, Matemática, Ensino Religioso e Ciências, um que responde pelas aulas de História e Geografia, e um da disciplina de Artes, estes serão identificados como: Prof. A, Prof. B e Prof. C.

Todos os alunos participantes da pesquisa tiveram a autorização pelos seus pais, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e o Termo de Assentimento (TA) (Apêndice B) assinado pelos alunos, autorizando, assim, a participação dos discentes. Os professores participantes também autorizaram por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C).

A escolha da turma do 5º ano do Ensino Fundamental se justificou por alguns motivos, um destes é que havia uma frequência alta de situações de indisciplina nas aulas de EF, que resultavam em constantes interrupções das aulas para resolver conflitos e tentar minimizá-los, além de promover a reflexão dos alunos sobre o que aconteceu. Outro fator importante para a escolha desta turma é que, sendo do 5º ano, ela se enquadrava no ciclo de ensino que inclui esportes de invasão e jogos esportivos de invasão (Brasil, 2017; AMOP, 2019). Essas atividades, dependendo de como são conduzidas, podem levar a um maior número de conflitos, juntamente com a subdivisão do desenvolvimento trazido por Piaget. Portanto, a escolha dessa turma é estratégica para o estudo dessa dinâmica.

3.4 Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados

Inicialmente, foi realizada uma entrevista com os professores que ministravam aulas na turma do 5º ano, para que pudessem descrever suas percepções sobre

³ Os alunos que os pais não autorizaram a participação, participaram normalmente das aulas e atividades propostas, porém seus dados não foram contabilizados para a pesquisa.

indisciplina e/ou conflitos entre os alunos da turma em suas aulas (Apêndice D1). Sabendo-se que a entrevista é uma técnica de coleta de dados e um instrumento qualitativo de pesquisa (Mattos, 2016), pode ser classificada como: estruturada ou fechada; semiestruturada; e não estruturada ou aberta. Dentre estas, foi empregada a semiestruturada, em que foram delineadas perguntas importantes sobre a percepção da ocorrência de indisciplina e/ou conflitos existentes na turma, frequência das ocorrências, entre outras.

As gravações das entrevistas tiveram o processo realizado de forma discreta, para captar com maior naturalidade as respostas dos entrevistados. Assim, foi utilizado o gravador de áudio do celular (formato MP4), que foi colocado em cima da mesa, na sala de hora-atividade dos professores (Flick, 2009), onde foram realizadas todas as entrevistas com os docentes. Essas gravações foram transcritas e, ao serem utilizadas na discussão dos resultados, os docentes foram identificados como Prof. A, Prof. B e Prof. C, para resguardar o sigilo dos entrevistados e a ética da pesquisa.

Enquanto foi realizada a entrevista com os professores, foram encaminhadas aos alunos do 5º ano as vias dos termos de consentimento, que contemplaram o envio de duas cópias do TCLE aos responsáveis, para que lessem e, ao autorizarem a participação dos discentes, assinassem, ficassem com uma via e retornassem a outra. Aos alunos foi entregue o TA para que lessem; se aceitassem, assinassem e retornassem a via para a pesquisadora.

Após as autorizações, foi colocada em prática a intervenção da pesquisa. A intervenção resultou desde o planejamento de aulas, parte de um trimestre, contemplando no total 16 (dezesesseis) aulas de 45 minutos, nas quais foram trabalhados os jogos esportivos de invasão. Dentro dos jogos esportivos de invasão foram trabalhados “Pique bandeira” e “Liberte a fera”, Basquetebol, Handebol e Futsal, com pequenos e grandes jogos, minijogos, jogos por compreensão, entre outros. Ressalta-se que todo o processo de intervenção pedagógica teve como base e fundamentação metodológica a abordagem pedagógica construtivista.

3.5 Período, planejamento e delineamento das ações de intervenção nas aulas de Educação Física

As aulas foram planejadas dentro de um trimestre, onde resultou em 16(dezesesseis) aulas de 45 minutos. Os jogos esportivos de invasão foram planejados

considerando os aspectos de complexidade dos jogos sendo do mais simples para os mais exigentes, sendo iniciado pelos jogos de pique-bandeira e liberte a fera, seguindo para o basquetebol, handebol e finalizando com o futsal.

Com base no construtivismo, na aprendizagem dos alunos pelo jogo, o planejamento das aulas de EF foi realizado considerando tanto os esportes de invasão populares quanto os não populares, aqueles que estão ligados a mídias ou não, regionalizados ou do mundo. As aulas foram planejadas, considerando uma estrutura dividida em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na primeira parte da aula, ou introdução, foram realizadas as rodas de conversas sobre o que seria trabalhado, buscando verificar e trazer os conhecimentos prévios dos alunos (González *et al.*, 2014). Em seguida, sucederam as vivências práticas, em que se realizaram diversos jogos e brincadeiras, cujo objetivo era preparar os alunos para a parte de desenvolvimento da aula, como, por exemplo, os desafios motores, que serviram para aquecer e engajar os alunos.

Já na segunda parte, ou desenvolvimento, foram aplicados pequenos jogos, jogos por compreensão e grandes jogos, que foram sugeridos pelos alunos e direcionados pela professora. Essas atividades visaram promover a organização do grupo e estimular a resolução de problemas motores, cognitivos e atos de indisciplina e/ou conflitos que se apresentassem nas atividades. Foi nessa fase que os alunos aplicaram e expandiram o conhecimento adquirido na primeira parte da aula, desenvolvendo a capacidade de cooperar, espírito coletivo, competir, organizar, aceitar regras, analisar situações e buscar respostas para os problemas apresentados. Ambas as partes um e dois, apresentaram oportunidades de reflexão e desenvolvimento dos discentes, sendo que a professora realizou pequenas pausas para questionar sobre o desenvolvimento da atividade proposta, se necessitava adaptação de regra e quais seriam estas, entre outras.

Na última parte da aula, ou conclusão, foi realizada uma roda de conversa para discutir acertos, erros, o que foi realizado, apreendido, vivenciado e experienciado nas atividades (González *et al.*, 2014). Foi uma avaliação que buscou entender o que os discentes absorveram naquele dia e o que precisava ser enfatizado em atividades futuras. Isso envolveu uma reflexão sobre o que foi aprendido e experimentado durante a aula. Foi um momento para os alunos internalizarem o conhecimento adquirido e para a professora avaliar o progresso dos alunos. A roda de conversa fez com que houvesse igualdade e união entre os envolvidos, onde falavam e eram

ouvidos, tendo cada um seu espaço e sabendo respeitar o de seus colegas. Concordaram ou discordaram, argumentaram e expuseram opiniões, entre outros (Gonzáles *et al.*, 2014). Os alunos foram incentivados a participarem ativamente do processo de avaliação da aula.

Na intervenção, a interação dos discentes com a pesquisadora, as atividades apresentadas, os conhecimentos a serem desenvolvidos foram essenciais no desenvolvimento dos objetivos propostos. As aulas foram divididas em um terço para aprendizagem e conceituação do jogo, e dois terços para aplicação prática e avaliação da aprendizagem. Ou seja, foram divididas em parte conceitual com regras (simples e básicas, que foram reformuladas pelos discentes, se achassem necessário), parte procedimental com experiência e vivência prática dos jogos, e parte atitudinal (não necessariamente nesta ordem), com discussões, reflexões e conversas durante as atividades e após, buscando encontrar respostas para problemas encontrados na realização e na modificação e/ou adaptação das regras.

Assim, todo o processo investigativo e de intervenção foi composto por planos de aula com o planejamento das sessões, contendo a identificação da turma, tempo de duração, data a ser realizada, objetivo da aula, descrição das atividades a serem realizadas e o procedimento metodológico aplicado pela professora, juntamente com a descrição dos materiais utilizados e referências usadas.

Ao finalizar cada aula, a pesquisadora anotava os principais fatos ocorridos e elaborava a descrição da aula no diário de campo, utilizando as anotações rápidas ou denominadas notas que havia feito durante a aula. Em seguida, incluía anotações detalhadas sobre como a aula havia ocorrido, preenchendo com riqueza de detalhes o diário de campo. Isso incluía qualquer adaptação feita, eventos sutis ou notáveis que haviam ocorrido durante a aula, e uma avaliação do progresso dos alunos em relação ao plano de aula programado. Incluía também os acontecimentos do dia que mais haviam chamado a atenção da docente na aplicação do seu plano de aula. O diário de campo era enriquecido com imagens (fotos) realizadas durante a aula, para encorpar as percepções da professora, em momentos variados das aulas, utilizando uma câmera de celular.

A avaliação do que estava sendo desenvolvido na aula foi realizada por meio de anotações feitas no diário de campo e um conjunto de imagens produzidas durante a aula. O objetivo final dessa avaliação foi perceber a redução da incidência de comportamentos indisciplinados e/ou conflituosos nas aulas de EF, em que a ideia era

aplicar os jogos esportivos de invasão de maneira eficaz, fazendo com que os alunos estivessem mais engajados, ativos, participativos e menos propensos a comportamentos indesejados.

Nesse ambiente de aprendizado ativo, onde os alunos foram incentivados a construir seu próprio conhecimento a partir de suas experiências, foi essencial focar no alcance do objetivo da aula. A abordagem construtivista visou criar um espaço onde os estudantes pudessem explorar, questionar e aplicar conceitos de maneira prática e significativa. Portanto, a participação do aluno nas atividades da aula contemplou estes princípios já apresentados do construtivismo, onde a busca da professora por saber o que os alunos conheciam sobre o conteúdo a ser estudado, sua mediação para construção do conhecimento que direcionava a turma, as soluções e respostas à ação por parte dos alunos e as possibilidades de desenvolvimento destes, foram base para a aula. Assim, o aluno foi parte central do processo educacional, apresentou seus conhecimentos e, a partir destes, construiu novos e mais avançados.

Para melhor identificar e comparar os dados que eram coletados, as aulas foram gravadas em áudio, através do aplicativo de mídia do celular, em formato MP4 que, após, foram transcritas para obtenção de mais clareza de falas e momentos dos alunos durante as atividades, como também ações e reações destes e da professora pesquisadora.

Após a realização das atividades planejadas para o desenvolvimento do projeto de pesquisa no trimestre, ao final da intervenção, foi novamente realizada a entrevista com os docentes (Apêndice D2), para verificar se houve alterações na ocorrência de indisciplina e/ou conflitos na turma em suas aulas.

Ressalta-se que, no mês de junho de 2024, entre os dias 05 de junho e 01 de julho, foi aplicado um projeto piloto, objetivando testar os instrumentos da pesquisa e os procedimentos a serem adotados. Esta aplicação foi composta pela entrevista com a professora regente, antes e após a aplicação, e de 8 (oito) planos de aulas de 45 minutos (Apêndice F), que contemplaram a unidade temática de jogos de invasão, sendo realizadas duas aulas por semana. Depois, foi realizada a análise dos dados coletados, entre estes, as entrevistas da professora e as anotações do diário de campo (Apêndice G). Silva e Oliveira (2015) afirmaram que o objetivo de executar um projeto piloto é de avaliar a sua viabilidade, adequação ao que foi proposto, e de verificar se é possível manter sua cientificidade. Outro ponto trazido pelos autores foi

que seria possível fazer uma pré-avaliação do andamento da pesquisa e sua aplicação.

Já a intervenção foi realizada no terceiro trimestre de 2024, entre 02 de outubro e 11 de dezembro. Foram realizados 16 planos de aulas (Apêndice H) de 45 minutos que contemplaram os jogos esportivos de invasão, sendo subdivididos em 4 planos de aula para cada jogo/modalidade, os quais foram: pique bandeira, liberte a fera, basquetebol, handebol e futsal. Todos os jogos foram abordados de forma que os alunos pudessem ter maior participação e contato com a bola, participando ativamente nas atividades.

3.6 Análise dos dados

Após a junção e término da aplicação do projeto de pesquisa, os dados foram revividos, relidos e interpretados em análise qualitativa, discorrendo sobre o que se havia alcançado ou não com a pesquisa-ação. Isso foi a análise de conteúdo, ou seja, um método comum para estudar textos, independentemente de sua origem, podendo ser, desde mídias até as entrevistas (que foi o caso pesquisado) (Flick, 2009).

Esta interpretação de informações em um estudo qualitativo, para Gil (2021), foi um procedimento cíclico e ativo, que iniciou juntamente com a obtenção dos dados. Desenvolveu-se de forma espiralada, com avanços constantes e recuos, quando necessários. Este processo manifestou-se de maneiras variadas, embora existissem algumas etapas que eram habituais nessa metodologia. Esta variação dependia das várias linhas de pesquisa qualitativa.

Outro ponto a ser dado ênfase foi que poderiam ser usadas categorias, que eram embasadas por teorias, aplicadas a textos e sempre revisadas (Flick, 2009). Pois, se esta revisão não fosse contínua, corria-se o risco dos dados se tornarem irrelevantes, repetitivos e excessivamente numerosos (Gil, 2021).

Assim, Thomas, Nelson e Silverman (2012) trouxeram que, para analisar os dados da pesquisa, era preciso ter organização, abstração, integração e síntese, como também que, a construção da narrativa analítica era a base da pesquisa qualitativa. Portanto, o projeto de pesquisa seguiu a análise de conteúdo proposta por Yin (2016), que se apresentou em um ciclo de cinco fases, sendo estas: compilar base de dados, decompor dados, recompor (e arranjar) dados, interpretar dados e concluir.

A compilação foi a organização e classificação das notas de campo e da transcrição feita a partir da entrevista com as professoras. Desta forma, como Yin (2016) designou, uma certa ordem foi dada às informações até então conseguidas. A decomposição foi a separação por códigos dessas informações, que eram fragmentos ou elementos encontrados na pesquisa. A partir de então, houve uma recomposição, que foi o assemelhamento de palavras e ideias, arranjando-os e rearranjando-os, quando necessário. Seguidamente, houve a interpretação de dados, que foi feita com o conglomerado de informações que surgiram durante a compilação, decomposição e recomposição, delineando e perfazendo o corpo da pesquisa. E, por último, a conclusão, que exigiu a extração do resultado de todo o projeto (Yin, 2016).

3.7 Aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa atenta-se aos aspectos éticos, sendo que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Docentes e Responsáveis pelos discentes) e Termo de Assentimento (discentes). O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), com o Parecer Consubstanciado nº. 6.812.598/2024 (Anexo A).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor organização e apresentação dos resultados, este capítulo será dividido e apresentado em três blocos, sendo eles: Análise Inicial da Indisciplina e/ou Conflitos; Implementação da Intervenção Pedagógica com Jogos Esportivos de Invasão e; Avaliação da Eficácia da Intervenção.

4.1 Análise inicial da indisciplina e/ou conflitos

O projeto iniciou com a aplicação da entrevista semiestruturada com os docentes que lecionavam na turma do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, anterior à aplicação da intervenção. Essa fase da pesquisa objetivou identificar as percepções dos docentes sobre Indisciplina e/ou Conflitos em sala de aula, suas principais causas, quais ocorrem com maior frequência, os fatores que contribuíam para esses atos, a influência do ambiente familiar e social dos alunos, as estratégias usadas para solucionar estes ocorridos, o impacto da indisciplina e/ou conflitos no processo de ensino aprendizagem, como resolviam esses conflitos, qual o apoio encontrado dentro da instituição escolar e se podiam compartilhar alguma experiência ou sugestões de atividades que pudessem diminuir ou solucionar esses atos.

Para realizar as entrevistas e obter as informações necessárias, foram elaboradas previamente perguntas direcionadoras que serviram como base para a coleta de dados. Adicionalmente, novas questões surgiram espontaneamente durante as conversas, conforme os professores compartilhavam suas respostas. O objetivo principal da investigação era compreender as percepções dos docentes sobre a indisciplina e/ou conflitos em sala de aula, incluindo suas origens, frequência, fatores internos e externos envolvidos, bem como as estratégias adotadas para lidar com essas situações. Também foi explorado o impacto desses aspectos no processo de ensino e aprendizagem, além de sugestões de práticas ou ações que pudessem auxiliar na redução ou resolução desses problemas.

Neste processo, foram encontrados na composição e recomposição os seguintes temas principais das entrevistas: a “Identificação de Conflitos e Atos de Indisciplina”, “Tipos de Conflitos e Violência”, “Relação dos Conflitos e as Aulas de EF”, “Diferenças de Gênero nos Conflitos”, “Impacto nos Estudos e Ambiente de Aprendizagem”, “Sugestões para fortalecer a Disciplina” e a “Influência de Fatores

Externos” (casa, cultura e socialização), que deram origem a códigos que veremos a seguir.

O primeiro tema encontrado foi o de Identificação de Conflitos e Atos de Indisciplina, que foi estruturado nos seguintes códigos: *Provocação e Conflitos Pequenos*, que eram gerados por atitudes de provocações que os alunos tinham uns com os outros. Como pudemos verificar nas falas dos docentes ao serem questionados sobre “Você percebe ou percebeu atos de indisciplina e/ou conflitos por parte dos discentes do quinto ano? Comente sobre.” Eles responderam que, “Eles estão sempre se provocando. Eles não conseguem resolver conflitos pequenininhos [...]” (Prof. A); “[...] eles entram em conflito, discutem, se provocam. Assim, por coisas banais [...]” e (Prof. B); “Eles se ofendem, se xingam, às vezes até os próprios amigos.” (Prof. C).

Situações estas que não são exclusivas somente entre os alunos da pesquisa. Esses achados são apresentados nos estudos de Machado (2020), em que docentes, ao serem questionados sobre as formas mais comuns de indisciplina, apontaram que a discussão entre colegas é o segundo maior fator de indisciplina, perdendo apenas para o item chamar a atenção. Enquanto nos estudos de Da Silva *et al.* (2021), o apontamento sobre a indisciplina dos discentes, gera diversas situações de desconforto, dentre as quais, as discussões e falta de limite são um constante relato.

Outro código foi a *Violência e Agressão*, em que a falta de resolução dos pequenos conflitos podia evoluir para agressões físicas ou verbais, que se manifestavam por meio de xingamentos e brigas, muitas vezes, sendo uma resposta aos conflitos não resolvidos, aos quais citamos as falas docentes: “Eles querem partir pra violência, eles não conseguem resolver falando [...]” (Prof. A). “[...] eles têm respondido aos professores [...] com grosserias, com palavrões [...]” (Prof. C). O docente, ao se deparar com esse tipo de situações, deve estar atento, pois nem sempre o real motivo para essa violência e agressão estão interligados apenas à atividade desenvolvida no momento da aula, mas podem estar relacionados ao ambiente externo à escola.

Na pesquisa de Da Silva e Bueno (2020), as pesquisadoras apontam para uma reflexão sobre a prática docente, em que o foco é mostrar a importância da investigação do docente para as causas dos comportamentos dos alunos. Principalmente, por essas atitudes agressivas, apresentarem-se de vários tipos dentro da aula, para Silva *et al.* (2012), a hostilidade entre os pares apresentam a violência

física, verbal, simbólica e *bullying* como os principais tipos vivenciados. Todos esses fatores desencadeiam outras preocupações dentro da instituição escolar, como a desmotivação dos docentes para a sua docência. Apontada nos estudos de Dos Reis, Caes e Silva (2020), essa indisciplina gera frustração no trabalho dos professores, que pode ser considerada um dos principais fatores da desmotivação na carreira docente.

Esses atos de indisciplina e/ou conflitos geraram o tema seguinte: Tipos de Conflito e Violência que foram relatados nas entrevistas, quando os docentes foram questionados sobre “Quais os tipos de Indisciplina que encontravam?” Trazendo a construção dos seguintes códigos: *Violência Verbal*, que foi a forma mais comum de violência relatada no ambiente escolar, em que os alunos tentavam resolver os conflitos de maneira verbal e agressiva, como por exemplo, xingamentos pesados. Estes foram constatados nas seguintes falas: “Geralmente a violência é verbal, eles se xingam muito [...]” (Prof. A); “Eles se xingam de palavrões, é [...] xingamentos também [...]” (Prof. C). Essa violência verbal é trazida pelo aluno de forma cultural e social, sendo por influências de fatores externos à escola. Grande parte dos alunos está exposta a contatos midiáticos, em que programas de TV, jogos e mídias de seguidores de influencer digital são influenciadores, norteadores e produtores de seus comportamentos, além de trazer comportamentos agressivos vivenciados dentro do próprio seio familiar, que refletem em seus comportamentos dentro da instituição escolar.

Estudos de Silva e Santos (2023) apresentam os fatores externos e internos como contextualizadores dos atos de indisciplina discentes. Ao pensar no ambiente interno, podemos apontar para as regras da escola, dos professores que, muitas vezes, não estão claras para os alunos sobre sua funcionalidade. Importante destacar que os alunos fazem parte de um conglomerado que influencia e é influenciado pelo meio, ou seja, ele é agredido e pode ser agressor também. Isso foi constatado nos estudos de Silva *et al.* (2012), em que a violência verbal ocorre, principalmente, ao ofender, expor o outro à opressão, humilhação, apresentando uma porcentagem alta de mais de 55% dos alunos entrevistados que já sofreram alguma situação de violência, enquanto mais de 38% disseram ter observado ou atuado como agressores.

Essas situações também geraram o segundo código, *Competição e Provocação*, que em determinados momentos, foram associados com o desejo dos alunos de se mostrarem superiores aos outros, ou até mesmo a busca por *status*

dentro do grupo, que pode fazer com que os alunos usassem de palavras para humilhar o outro e se destacar perante estes. A fala do Prof. C deixa claro isso ao afirmar que: “Tem competição [...], eles acham que querem ser os melhores nas piadinhas [...]”. Esse mostrar-se superior também foi encontrado na intervenção, quando a professora pesquisadora apresentou o jogo de futsal e um aluno disse “meninas contra piá, bora humilhá!” (A9, plano de aula 13). Essa competição e provocação em demasia podem estar relacionadas a diferenças pessoais e físicas, muitas vezes, gerando o *bullying* entre os alunos. O estudo de Oliveira (2009) apresenta o *bullying*, que é uma atitude de discriminação, em que o objetivo é amedrontar e intimidar o outro, o que é percebido na fala do A9, por exemplo. Já Machado (2020), na pesquisa realizada com os professores sobre comportamento indisciplinar, encontrou: alunos faltando com respeito ao professor (física, verbal e moral), aluno agredindo outro aluno, aluno discutindo de forma ríspida com outro aluno, aluno tentando chamar a atenção do professor enquanto explica o conteúdo e aluno saindo do lugar enquanto deveriam ficar em seus lugares.

Na sequência, os docentes responderam sobre “Essa indisciplina e/ou conflitos, você percebe se ocorrem após a aula de EF?”, sendo que o tema encontrado foi o da Relação dos Conflitos e as Aulas de EF que, conseqüentemente, são representados pelos códigos: *Agitação Antes da EF*. Esta foi percebida pela agitação dos alunos antes das aulas de EF, que acabavam dispersando e tirando a atenção/concentração nas outras disciplinas curriculares, principalmente, pela preocupação dos alunos sobre o que seria realizado na aula, quais atividades, quem seriam os capitães, como seriam formadas as equipes. O relato docente apontou, “[...] antes da EF. Eu percebo que eles ficam agitados, querendo adivinhar o que vai ser [...]” (Prof. A). Este fato pode estar ligado à competição e à competitividade existentes na própria sociedade, juntamente com o tema anterior, em que os alunos procuram apresentar-se sempre como melhores que os outros, nem que para isso precisam usar de ofensas verbais ou físicas.

Em outro código, *Conflitos Após a Aula*, em que as interações e tensões acumuladas durante a atividade física poderiam ser levadas para a sala, as falas docentes remetem que era possível que ocorressem, sem ligação com a EF, sendo a qualquer momento, podendo ser destacada nos trechos “É no geral. Nas minhas aulas, geralmente acabam acontecendo conflitos [...]” (Prof. B). “[...] Todas as aulas, com todos os professores que a gente conversa, todos citam os mesmos problemas.”

(Prof. C). Em contraponto, apontaram que nem sempre havia a Relação dos Conflitos e as Aulas de EF, pois estes ocorriam em qualquer dia da semana, tendo ou não a aula. Neste sentido, as ocorrências de indisciplinas ocorrem não somente na EF.

Arantes (2015) aponta que a indisciplina dos discentes pode ser explicada através de três critérios de análises, sendo: a escola e sua estrutura de funcionamento, o professor e sua conduta e metodologia de trabalho, e o aluno e a bagunça dentro da instituição. Assim, estes critérios se ligam à indisciplina relatada pelos docentes entrevistados, onde há mais do que uma relação direta com uma disciplina educacional, mas também, o envolvimento das relações, sejam elas através do professor-aluno, aluno-aluno, entre outras. Para Oliveira (2009), um dos fatores psicossociais que, diretamente, se contrasta com esta indisciplina escolar é a diversidade entre os alunos, suas culturas, vivências educacionais e interpretações dos acontecimentos.

Os docentes, ao serem questionados sobre “A indisciplina e/ou conflitos é mais incidente entre os meninos ou as meninas?”, foi destacado o tema de Diferenças de Gênero nos Conflitos, o qual os docentes afirmaram os meninos serem mais agressivos e conflituosos em comparação com as meninas. Assim, um dos códigos foi *Conflitos entre Meninos*, em que os meninos tendem a ser mais agressivos, envolviam-se mais em brigas físicas e verbais, recorriam, algumas vezes, a agressões físicas para resolver os conflitos, constatados nos trechos: “É mais os meninos. Eles são mais violentos entre si [...]” (Prof. A) e “Eu percebo que dá parte dos meninos tem muito mais esses conflitos, muito mais indisciplina é os palavrões [...]” (Prof. C). Enquanto ao falar sobre *Meninas Menos Violentas*, pois estas tiveram maior respeito às regras e foram mais comportadas. Nesta, os docentes citaram “As meninas são mais tranquilas [...]” (Prof. A), “[...] As meninas não têm tanta boca suja, elas são um pouco mais comportadas [...]” (Prof. C).

Culturalmente, os meninos/homens são tratados como fortes, enquanto as meninas/mulheres são frágeis e delicadas, isso é passado para as futuras gerações inconscientemente, podendo ser o fator determinante também para os relatos dos docentes entrevistados. Estudos como o de Marques (2019) apontam para a construção histórica da humanidade sobre essa diferenciação entre meninos e meninas. No entanto, é preciso entender que os atos de indisciplina e/ou conflitos são mais que agressões verbais, físicas, podendo ser menos observadas, mas com um grau de outras consequências negativas. Para Herminio e Adam (2017), apesar da

sociedade estar em evolução, os casos de agressões por partes das meninas ainda são causas de espanto pelos professores, coordenadores e direção escolar, principalmente, pela ligação à feminilidade e masculinidade culturalmente existentes e as representações tradicionais que se mantêm dentro da sociedade nos dias atuais.

Outro tema abordado nas entrevistas com os docentes foi o Impacto nos Estudos e Ambiente de Aprendizagem. Quando questionado sobre “Como os conflitos e indisciplina na sala de aula afetam o ambiente de aprendizado?”, gerou o código *Perda de Foco*, em que os conflitos e a indisciplina afetavam a capacidade dos alunos de se concentrarem nas aulas, comprometendo a aprendizagem e assimilação do conteúdo, relatados pelos docentes nos seguintes trechos: “[...] Eles perdem completamente o foco [...]” (Prof. A), “[...] A aprendizagem fica comprometida.” (Prof. B) e “Isso aí tira a concentração.” (Prof. C). Essas falas das professoras deixam claro como a situação quanto à indisciplina e/ou conflitos em sala interferem diretamente na aprendizagem, tirando a atenção dos alunos, fazendo dispersões dos conteúdos e assuntos tratados em aula, muitas vezes, trazendo conflitos e discussões que se iniciam em outro espaço, como também deixando o ambiente cheio de tensões, onde o professor se sente exaurido psicologicamente para sanar estes, desmotivando a sua carreira. Para Machado (2020), 65% dos professores responderam que a indisciplina discente prejudica o aprendizado dos demais alunos; outros apontaram para a indisciplina como ponto chave para avaliar suas aulas. Isso também é observado na pesquisa de Villalba e Silva (2018), os quais apontam que a indisciplina causada por alguns alunos atrapalha o desenvolvimento do trabalho docente, afetando, assim, o processo ensino aprendizagem.

Ao buscar solucionar esta questão de indisciplina e/ou conflitos em sala, os docentes foram questionados sobre “Você tem alguma sugestão para fortalecer a disciplina dos alunos e reduzir os conflitos em sala de aula?”, surgiu o tema: Sugestões para Melhorar a Disciplina. Cada docente entrevistado abordou sua estratégia para contornar a situação e melhorar o ambiente de aprendizagem. Para o Prof. A, impor *Atividades em Grupos/duplas* foi uma ótima estratégia, “Eu procuro fazer bastante atividades em grupo e em duplas também, e eu escolho. Porque eles têm que aprender a conviver com o diferente. Eles sempre aprendem a respeitar o colega, a opinião do colega[...]

(Prof. A). Para o Prof. B, é essencial que os alunos aprendam *Cooperação e Jogos*, pois esses métodos podem promover a colaboração e reduzir conflitos. A sua fala traz exatamente isso, “Eu acho assim, que eles teriam

que fazer algum jogo, alguma coisa que trabalhasse cooperação [...]” (Prof. B). Já o Prof. C acredita que o desenvolvimento de *Projetos de Empatia* seria uma saída, que podem ajudar os alunos a entenderem melhor seus limites e dos outros e como respeitá-los, evitando conflitos desnecessários. Sua fala foi “Eu acredito que se a gente é se unir, fazer um projeto, alguma coisa assim que, que possa mostrar para eles como o outro se sente [...]” (Prof. C).

Os estudos de Carvalho e Rodrigues (2016), mostram como o professor deve estar preparado para lidar com as situações diversas de indisciplina em sala de aula, como também apontam para o desenvolvimento metodológico que faça com os alunos sejam parte integrante do processo educacional. Para Freire (1997), jogar pode ser uma forma de aprendizagem muito além de conteudista, como a utilização do construtivismo e as várias metodologias atuais que colocam o aluno no centro do processo educacional, não apenas como mero receptor, mas criador do seu conhecimento e desenvolvimento.

Os temas já citados, acabam sendo influenciados direta e indiretamente pelo tema Influência de Fatores Externos, que surgiu durante a entrevista, através dos seguintes questionamentos da pesquisadora: “Você acredita que essa situação, ela ocorra somente por influência na escola ou vem do contexto externo?”, “Acredita que isso seja cultural?”, “Tem relação com os valores morais que a gente tem dentro da sociedade?”. Essas questões produzidas, durante as entrevistas, deram origem ao código de *Influência Familiar e Social*, os quais muitos comportamentos dos alunos, como a agressão física e verbal são aprendidos em casa, em que presenciam ou vivenciam comportamentos agressivos, que podem ser observados nas seguintes falas dos docentes “Vem de fora. Eles relatam, [...] Violência entre irmãos [...]” (Prof. A) e “Ele já vem de casa com esse costume [...]” (Prof. B), “[...] muitos pais têm ensinado pros meninos essa parte de, de tirar sarro [...]” (Prof. C). Essa influência familiar e social, é parte do aluno, pois ele carrega consigo suas vivências e aprendizagem, muitas vezes, o professor acaba deixando de lado este contexto do aluno para seguir apenas com aquele corpo e ser presente na escola, sem levar em consideração sua carga cultural.

Essa influência familiar e social vem do ambiente externo, seja ele da família, mídia, diversidade entre os alunos, problemas de distúrbios de atenção, carência afetiva, entre outros (Oliveira, 2019). Para Silva *et al.* (2012), esses fatores de violência externa trazidos para dentro da aula e escola são estimulados por vivências

fora dela; a educação indevida por parte da família faz com que reflitam na escola esses comportamentos. Isso também é trazido por Marques (2019), apontando que os conflitos são o reflexo da sociedade em geral, muitas vezes, trazidos pelos alunos como naturais por vivenciar dentro do esporte fora da escola e assim, estarem familiarizados com esse comportamento.

Também gerou o código do *Ambiente Competitivo*, em que há a competição excessiva, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, levando os alunos a terem esse comportamento mais provocativo e agressivo. Podemos observar no relato do Prof. B, ao colocar que os alunos deveriam ter mais empatia, “porque qualquer coisa que surge, eles acabam tirando sarro do colega [...] e se provocam” (Prof. B), incomodando o colega. Este mesmo docente aponta em outros momentos que “Eles já são assim, acho que criado num ambiente competitivo de provocação [...]. Eles não têm esse sentimento de ajudar o outro. De companheirismo.” (Prof. B). “Eles estão inseridos num grupo social, em primeiro lugar, a família, depois, a comunidade onde eles vivem. Eles têm esse espírito de competir.” (Prof. B). O que, dentro da escola, deve ser trabalhado, com os alunos, atividades que não valorizem vencedores e perdedores, para que não aflore mais esse instinto competitivo levando a comportamentos agressivos e violentos (Brotto, 2013). Cesário (2023) aponta que a questão da competição entre os alunos, em muitos casos, acaba culminando em bullying, agressões, em que não respeitam as diferenças entre eles.

Para tanto, Cotia, Melo e Carvalho (2021) definem o bullying como uma prática de comportamento intencional e planejado, que envolve agressões psicológicas, verbais ou físicas, realizadas repetidamente e direcionadas a um indivíduo. Além disso, não há um local específico para sua ocorrência, podendo acontecer dentro ou fora da escola. Parreira e Rodrigues (2017) consideram que o bullying ocorre sem uma motivação clara, sendo um ou mais alunos contra outro ou outros.

Alves (2016) relaciona e interliga a indisciplina, violência e bullying, destacando que este último apresenta limites e dificuldades. O bullying envolve comportamentos cruéis e opressores, transformando seus alvos em objetos de diversão e prazer, utilizando brincadeiras com o propósito de maltratar, vitimizar e intimidar (Parreira; Rodrigues, 2017). Isso reforça a importância do tema nas aulas de EF e a necessidade de abordar a forma de lidar com essas situações.

Por fim, todos os temas abordados se interrelacionam, o que para Yin (2016), ao organizar, compor, recompor e ordenar os dados, é possível montar uma rede de

comportamentos. Enquanto é influenciada pelos Conflitos entre Meninos que, muitas vezes, culminam em atos de violência e agressões com os envolvidos. Por fim, influencia e é influenciada pela Provocação e Conflitos Pequenos como apresentado anteriormente.

- A Violência Verbal influencia e é influenciada pela Competição e Provocação, que, em muitos casos, inicia com pequenos conflitos, evoluindo para provocações e após a agressão verbal. Ela é influenciada pela Violência e Agressão, que ao ocorrer, pode desencadear, como por exemplo, os xingamentos verbais. E influencia os Conflitos entre Meninos, muitas vezes, agravando as situações.

- Os Conflitos entre Meninos são tanto influenciados quanto influenciam Provocações e Conflitos Pequenos, Competição e Provocação, e Conflitos Após a Aula. Esses conflitos são também influenciados pela Violência Verbal e, por sua vez, influenciam a Violência e Agressão.

- A Competição e Provocação influenciam e são influenciadas pela Violência Verbal, Conflitos entre Meninos, Conflitos Após a Aula e Ambiente Competitivo, consequentemente, são influenciadas pela Violência e Agressão.

- A Agitação Antes da EF é tanto influenciada quanto as atividades em grupos/duplas. Além disso, essa agitação impacta os Conflitos que ocorrem Após a Aula e é afetada pela Influência Familiar e Social.

- Os Conflitos Após a Aula, influenciam e são influenciados pela Competição e Provocação, bem como pelos Conflitos entre Meninos. Esses conflitos também afetam a Perda de foco dos alunos e são influenciados pela Agitação Antes das aulas de EF.

- A Perda de Foco é influenciada pelos Conflitos que ocorrem Após a Aula e, por sua vez, impacta os Projetos de Empatia e as Atividades em grupos/duplas.

- Os Projetos de Empatia são influenciados pela Perda de foco e Cooperação e Jogos.

- As Meninas Menos Violentas influenciam diretamente as Atividades em grupos/duplas.

- A Cooperação e Jogos influenciam e são influenciados pelas Atividades em grupos/duplas e impactam diretamente os Projetos de Empatia.

- O Ambiente Competitivo influencia e é influenciado pela Competição e Provocação, além de ser impactado pela Influência Familiar e Social.

- A Influência Familiar e Social influencia tanto o Ambiente Competitivo quanto a Agitação Antes da EF.

Portanto, a análise da indisciplina e/ou conflitos na turma do 5º ano, na percepção inicial dos docentes por meio do diagnóstico inicial, revelou uma rede complexa de fatores interligados que afetam tanto o ambiente escolar quanto o processo de ensino aprendizagem. A presença de provocações, violência verbal e agressões físicas se mostrou um desafio constante nas relações entre os alunos, docentes e outros, agravada por influências externas como o ambiente familiar, mídias e a sociedade em geral.

A indisciplina impacta diretamente a concentração dos alunos e o ambiente de aprendizagem, dificultando o desenvolvimento de um ensino eficaz. No entanto, as sugestões de estratégias como atividades em grupos, jogos de cooperação e projetos de empatia indicam caminhos possíveis para a construção de uma disciplina mais harmoniosa e a redução de conflitos. Enfim, é essencial que a comunidade escolar, incluindo professores e gestores, esteja atenta a esses múltiplos fatores e busque, de maneira integrada, soluções que envolvam não apenas o contexto escolar, mas também a colaboração com as famílias e a sociedade.

4.2 Implementação da intervenção pedagógica com jogos esportivos de invasão

A intervenção pedagógica realizada apresentou 16 (dezesesseis) planos de aulas para os jogos esportivos de invasão na abordagem construtivista, direcionados para alunos do 5º ano do ensino fundamental. A quantidade de aulas para a intervenção propõe o desenvolvimento com maior fidedignidade, pois há um maior tempo para a realização e observação, além de realizar 4 (quatro) aulas de intervenção para cada jogo esportivo, que fez estruturar a evolução gradativa dos alunos.

Com a aplicação das aulas, as gravações feitas em áudio, fotos, descrição das aulas no diário de campo com as observações da pesquisadora, todos esses dados foram agrupados, compilados, lidos, relidos e geraram os seguintes temas principais: “Compreensão dos Jogos e Construção do Conhecimento”, “Competitividade e Indisciplina”, “Intervenção da Professora”, “Resolução de Conflitos e Desenvolvimento de Competências Sociais”, e “Indisciplina, Conflitos e seus Impactos no Processo de Ensino e Aprendizagem”.

Para cada tema anteriormente citado, foram formulados códigos para melhor direcionar a análise dos dados obtidos e sua interpretação, que está no organograma (Figura 2) e explicado a seguir.

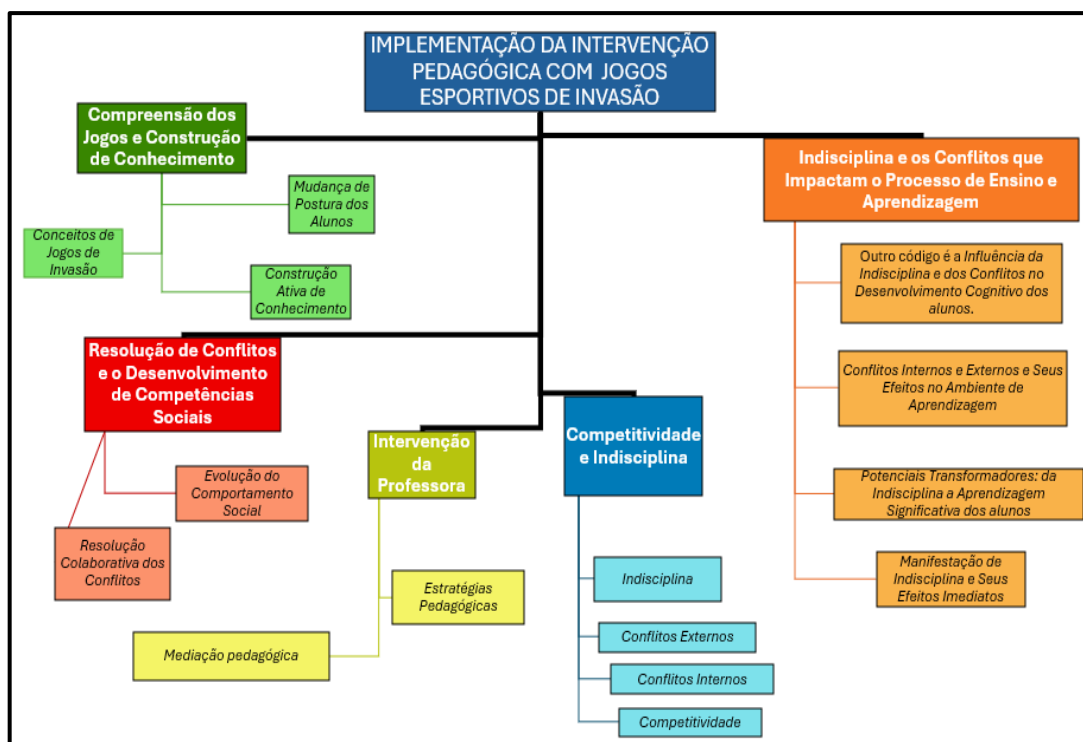


Figura 2 – Temas e Códigos gerados na Intervenção Pedagógica.

Fonte: Elaborada pela Autora (2025).

Assim, para o tema Compreensão dos Jogos e Construção de Conhecimento, ramificou-se nos *Conceitos de Jogos de Invasão* que, durante a roda inicial na primeira aula, quando os alunos foram indagados sobre o que seriam os jogos de invasão, alguns alunos apontaram a ideia generalista de pontuar ou vencer. Ou ainda, quando questionados em momentos de reflexão da prática sobre o que eram os jogos de invasão, disseram ser “Jogos de equipe, com adversário” (A12, plano de aula 1), ou também que seu objetivo era “invadir o campo adversário” (A3, plano de aula 1), “trabalhar em equipe” (A20, plano de aula 3). Outra fala que deixa visível essa superficialidade do conceito, foi quando o aluno questiona à professora com “ixi profe... como é que joga sem gols?” (A5, plano de aula 4).

Assim, foi preciso trabalhar o conceito, pois a BNCC (Brasil, 2017) deixa claro que os esportes de invasão possuem um maior aprofundamento e complexidade para sua interpretação. Essas modalidades comparam a capacidade de invadir o espaço adversário e levar uma bola ou objeto a uma meta ou local da quadra defendida pelos adversários, enquanto simultaneamente defendem e protegem o próprio alvo ou meta.

Para a AMOP (2019), os objetivos de aprendizagem dos jogos esportivos de invasão são identificar os elementos comuns entre eles, formular estratégias

individuais e coletivas, trabalhar no coletivo, respeitar e ser protagonista. Percebeu-se que esses jogos envolvem muito mais do que apenas a busca pela vitória, eles exigem a compreensão de estratégias complexas, a cooperação entre os membros da equipe e a capacidade de tomar decisões rápidas e eficazes. Além disso, os jogos envolvem habilidades sociais e emocionais, como a empatia, o respeito ao adversário e a resiliência diante de desafios.

Para tanto, ao revisitar as anotações feitas no diário de campo e nas gravações/transcrições no início da intervenção pedagógica, foi possível observar a ansiedade da prática pela prática dos discentes, ou a busca por respostas prontas e rápidas. Talvez esta questão tenha sido ponto chave na superficialidade com que tratavam o conceito de jogos de invasão. Isso também está relacionado com a frequência, a didática e a metodologia pedagógica utilizadas no ensino. Historicamente, a opressão e a regulação da classe trabalhadora, juntamente com a visão do professor como o único detentor do conhecimento, que deve ser transmitido aos seus alunos, são fatores importantes (Freire, 2022).

A partir da mudança na prática pedagógica com a intervenção, adotando uma abordagem centrada no aluno, em que ele foi ativo e participativo na construção do conhecimento, os alunos começaram a contribuir com seus conhecimentos sobre os jogos esportivos de invasão. Embora ainda estivessem se adaptando à nova metodologia de ensino, que utilizou a abordagem construtivista e o jogo para propor o conteúdo planejado, esses aspectos foram fundamentais para a construção do conhecimento. Isso permitiu que os alunos não apenas participassem ativamente das atividades, mas também refletissem sobre suas ações e aprendessem com suas experiências.

Para iniciar as atividades, foram usados os jogos esportivos “Pique-bandeira” e “Liberte a Fera”, onde, no primeiro o objetivo era conseguir buscar a bandeira que estava colocada do outro lado do campo da equipe adversária, sendo que para capturá-la e trazê-la para o seu espaço, era necessário passar o campo adversário sem ser pego. Outro ponto importante e que os alunos foram descobrindo, era que não apenas deveriam ir buscar a bandeira, mas também, precisavam se organizar para proteger a bandeira que estava atrás do seu espaço e que a equipe adversária deveria capturá-la.

Esse jogo foi sendo complementado pelas novas regras criadas com os alunos, como por exemplo, quem for colado pode ser descolado ou salvo, ou ainda, trocando

o objeto a ser buscado (bandeira) por bolas, jornais, entre outros. Evoluindo o jogo até chegarmos ao novo jogo “Liberte a Fera” que, ao invés de utilizar objetos a serem buscados, são usados os alunos (Fera) em seus lugares. Assim, o conceito de jogos de invasão foi sendo construído com mais especificidade durante as aulas.

Ao longo das intervenções, esse conceito inicial dos jogos esportivos foi sendo ampliado, os alunos, ao serem indagados sobre o conceito e objetivos, trouxeram, “Professora, esse tem que defender também!” (A7, plano de aula 3), “Tem que ter estratégia” (A9, plano de aula 3), “Trabalhar em equipe” (A12, plano de aula 9), “Fazer o gol” (A15, plano de aula 14). Quanto à semelhança entre os jogos aplicados, destacaram ser jogos de “Invasão” (A11, plano de aula 9) e “De correr” (A14, plano de aula 9). Ao serem questionados diretamente sobre o esporte que estavam trabalhando, apresentaram para o Basquetebol “Fazer cesta” (A9, plano de aula 8), o Handebol “Futebol com a mão” (A3, 10, 15, plano de aula 9), “Os jogadores têm que fazer uma barreira para defender” (A12, plano de aula 9), enquanto para o futsal, disseram, “É um jogo, jogado com o pé” (A15, plano de aula 13) e “Pra marcar gol” (A9, plano de aula 13).

Esse avanço no conceito proporcionou outra ramificação para essa temática, que foi a *Construção Ativa de Conhecimento*, pois há vários momentos durante as aulas em que, apesar de os alunos apresentarem conhecimentos prévios sobre os jogos, eles fizeram a construção coletiva do conhecimento, em muitas situações, ao proporem um jogo ou regra e a professora questionar para refletirem sobre esta, reformulavam. Ou ainda, quando um compartilhava e criava uma regra, outros participavam para lapidá-la. Como no jogo “Liberte a Fera”, em que ao invés de apenas libertar um aluno indo até o espaço, deveriam trazê-lo, de alguma forma, como nas costas, de mãos dadas ou mais de um aluno.

Quando iniciado o conteúdo de jogos esportivos de invasão, o primeiro jogo a ser realizado foi o pique bandeira, por ser um jogo lúdico, que apresenta claramente o objetivo dos jogos de invasão em uma simplicidade de regras. Ao realizarem as divisões das duas equipes, ainda apresentaram estar buscando a prática pela prática, em vencer, sem prestar atenção à contextualização do jogo. Ao parar para que refletissem sobre o que estava funcionando e o que não estava durante o jogo, ficavam buscando culpados, julgando os colegas pelos seus desempenhos. Para tanto, ao propor uma solução por parte dos alunos para a desigualdade na pontuação, não conseguiram encontrar. A professora, então, propôs novamente a prática.

Consequentemente, a desigualdade entre as equipes se repetia, as falas confirmam, “Nosso time é fraco” (A15, plano de aula 1), “Professora, mas Maria, José e João ficaram só parados, não pegavam ninguém” (A6, plano de aula 1).

Essa postura demonstra a passividade no processo de ensino aprendizagem. Além da passividade pela acomodação do sistema tradicionalista, a quantidade existente de alunos que estão com lacunas de aprendizagem, decorrentes dos acessos facilitados a *tablets*, *smartphones*, *notebooks*, entre outros que desviam a atenção dos alunos, influencia diretamente o processo de ensino aprendizagem (Fernandes *et al.*, 2018). Esses autores ainda apontam para a importância de novas abordagens e modelos de ensino, superando o modelo tradicional. Assim, a abordagem construtivista com seu precursor João Batista Freire se tornou uma possibilidade para o desenvolvimento das aulas de EF, juntamente com os jogos esportivos de invasão.

Sabendo-se da abordagem a ser utilizada e interligando para o que aconteceu durante a intervenção pedagógica, os alunos, na reflexão sobre a prática, iniciaram fazendo apontamentos do que era necessário realizar para mudar o que estava acontecendo. Cientificamente, a construção do conhecimento trazida por Piaget, envolve a interação entre o sujeito e objeto do conhecimento, cujo processo de aprendizagem ele assimila as novas informações e ajusta suas estruturas, buscando o equilíbrio entre o que já sabe e o que está aprendendo (Castaman; Kamaniski; Rintzel, 2020). Somando-se a este, Lev Vygotsky complementa dando importância para a interação social no processo de ensino aprendizagem, sendo que a colaboração e interação entre os alunos e o professor e entre os próprios alunos é fundamental (Santos; Oliveira; Junqueira, 2015).

Essa construção do conhecimento, por parte do aluno, resgata seu conhecimento prévio, trazendo sua cultura de jogos e brincadeiras para a realização das atividades e jogos propostos durante a aula. O aluno constrói seu conhecimento, pensa, reflete e reconstrói o que sabe e constrói novos conhecimentos a partir dessa interação com o meio, os colegas e professores. O jogo tem papel privilegiado nessa construção, pois, enquanto a criança/aluno brinca e joga, ela se desenvolve em um ambiente lúdico e prazeroso (Darido; Rangel, 2019). Assim também Vinha *et al.* (2019) destacam que a abordagem construtivista usa a interação da criança com o mundo como processo base de construção de conhecimento, sendo este inacabado, pois é um processo contínuo.

Assim, para Freire (1997), o jogo ao ser usado como forma de aprendizagem, apresenta uma gama variada de desenvolvimento das crianças/alunos, pois ele vai sendo trabalhado de forma integral (cognitiva, motora, social e emocionalmente). Em momentos, precisa estar atento às regras do jogo, em outros, precisa ser capaz de ajudar e apoiar o colega, em outros ainda, usufruir de um relacionamento saudável (com respeito, comunicação assertiva) para com seus companheiros e adversários. Além de controlar seus sentimentos que, durante o jogo, podem se alterar constantemente, devido à capacidade de instabilidade que os jogos apresentam.

Um ponto importante observado foi quanto à construção do conhecimento que teve a participação ativa dos alunos; as atividades passaram a ser mais interessantes, pois podiam alterar regras, modificar o jogo, pensar em estratégias, cooperação, trabalho em equipe. Isso foi sendo estruturado com o desenvolvimento do pique bandeira ao liberte a fera. Foram Jogos não tão conhecidos pelos alunos, porém, tiveram um papel fundamental na construção da coletividade para a sequência pedagógica programada com os outros jogos.

Isso pode ser observado nas anotações no Diário de Campo, “[...] essa construção de fundamentos acabou atraindo a atenção dos alunos nos jogos, fazendo com que participassem ativamente” (Diário de Campo 9). Outro ponto a ser mencionado são os relatos pós-aulas, em que os alunos comentavam como tinha sido sua participação na aula, demonstrando motivação, como foi este caso: “Professora, eu gostei muito da aula de hoje” (A14, plano de aula 14).

Neste ponto, é necessário enfatizar que, se o ensino é baseado numa abordagem que não valoriza o conhecimento do aluno, sua cultura, vivências e experiências, certamente está fadado ao fracasso. Enquanto na abordagem construtivista, que coloca o aluno no centro do processo e o faz pertencente na construção de seu conhecimento, este mesmo aluno é incentivado a desenvolver a sua curiosidade, buscando respostas a partir do seu próprio conhecimento e através da interação com os colegas e o meio em que está inserido (Fernandes *et al.*, 2018). Ao realizarem os jogos e nos momentos de pausa para reflexão serem questionados sobre como poderiam fazer para que o jogo fosse mais participativo, ou como deveriam ser seus comportamentos durante o jogo, o que deveria ser observado, foram momentos fundamentais na construção coletiva sobre os jogos.

Na EF e, especificamente, na intervenção com as aulas, os alunos foram incentivados a participar, tendo uma construção democrática, aprendendo a se

organizar nas atividades, discutir regras, quando necessário, modificá-las, refletir sobre pontos específicos do jogo e a buscar por soluções coletivas nesse processo (Leitão; Osorio, 2014). Além disso, evoluíram em seus conhecimentos e desenvolveram suas competências sociais e emocionais para resolver problemas e conflitos gerados pelas atividades, junto com as habilidades cognitivas e motoras, o que fez com que trabalhassem e desenvolvessem integralmente.

Junto com a construção do conhecimento, apresentou-se a *Mudança de Postura dos Alunos*, percebido na observação que os alunos passaram de sujeitos passivos para ativos, principalmente, quando participaram e se envolveram na construção dos jogos e na resolução de conflitos. Como Reverdito e Scaglia (2009), que trazem o esporte com grandes possibilidades de intervenções, construtor de valores e comportamentos. Essa mudança foi ocorrendo com o desenvolvimento das aulas, passando dos jogos de pique bandeira e liberte a fera para o Basquetebol, um jogo esportivo considerado tradicional, mas os alunos demonstraram não conhecer este jogo, o que foi interessante para o desenvolvimento deste durante as quatro aulas que seguiram. Depois, também foi observada a mudança de postura dos alunos para o handebol e o futsal, além de participarem diretamente na construção dos jogos, estavam mais cooperativos.

Imagens dos jogos, atos de indisciplina e a participação dos alunos nas atividades e jogos podem ser observadas nas Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.



Figura 3 – Organização para início dos jogos.
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 4 - Interação dos alunos durante os jogos.
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 5 – Jogo Pique-Bandeira.
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 6 – Jogo Liberte a Fera.
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 7 – Jogo Basquetebol em uma cesta.
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 8 – Jogo contra-ataque do Handebol.
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 9 – Jogo passe a bola pelos golzinhos
Fonte: elaborada pela autora (2025).



Figura 10 – Momento de dispersão na aula,
brincadeiras paralelas.
Fonte: elaborada pela autora (2025).

No início desta intervenção, e até mesmo pelo relato de um docente, que afirmou que os alunos ficavam mais agitados antes das aulas de EF, foi possível constatar que os alunos tinham uma postura mais rígida ao tratar de jogos esportivos. Onde a competitividade, frequentemente exacerbada pelo desejo de vencer, é uma característica intrínseca dos jogos esportivos. Neuenfeldt e Canfield (2001) apontam que o esporte competitivo demanda atenção especial dos profissionais de EF na abordagem dessa prática. Essa competitividade deve ser cuidadosamente abordada nas atividades, compreendendo os sentimentos dos alunos e lidando com a frustração de nem sempre ganhar. Segundo Neuenfeldt e Canfield (2001), é importante ensinar aos alunos que os resultados nem sempre serão positivos, havendo vitórias e

derrotas, e que nem sempre conseguimos o que desejamos. Isso coloca o aluno em situações da vida real, permitindo que ele aprenda a superar as frustrações.

Além desta questão comportamental em relação à visão dos alunos para com os jogos esportivos terem se alterado, o comportamento passivo de absorção do conhecimento ou receptores destes modificou, passando para alunos participativos, construtores e proativos a situações problemas colocados para resolução. No plano de aula 06, a professora ao questionar se teria algum pega-pega para o aquecimento que envolvesse as habilidades de condução, passe e arremesso para o jogo de Basquetebol, uma das respostas foi: “Professora, aquela que fizemos em dupla, trocando passe. Um foge e o outro pega” (A11).

Já no plano de aula 08, ao jogarem “leve quantas bolas conseguirem para o lado oposto”, da sequência nos planos de aula dos jogos esportivos de Basquetebol, em que cada equipe deveria levar a bola no fundo da quadra adversária para pontuar, após um tempo da prática, a professora questionou se todos estavam participando, e ao responderem que não, ela questionou como poderiam jogar coletivamente e a solução por parte de um aluno foi a “[...] e se colocar que tem que fazer passes?” (A8).

No plano de aula 10, ao falar sobre um jogo de aquecimento dos jogos esportivos de Handebol, o aluno sugeriu “aquele que a gente persegue com a bola para poder pegar. E aí tem que arremessar a bola” (A12), e durante o jogo dos dez passes “Colocando o pé no tatame” (A10) e em outro momento “Professora já sei, com mini golzinhos” (A10). No plano de aula 13, no início dos jogos esportivos de futsal, no jogo do Bobinho, sugeriram que a atividade fosse realizada em “grupos pequenos, três ou quatro” (A10) para a participação de todos. Estes foram alguns momentos em que os alunos passaram a participar ativamente das aulas, dando sugestões para modificar as regras ou atividades desenvolvidas.

Em outro momento, o que chamou a atenção foi a forma como um aluno buscou antecipar o seu comportamento na atividade, quando ao realizar e perceber que não ia conseguir ficar sem o conflito, pediu para trocar de grupo, sendo atendido pela professora, após explicar o motivo. A observação da pesquisadora foi que “estava entrando em discussão com outro e não queria brigar” (Diário de Campo 6). Neste ponto, Neuenfeldt e Canfield (2001) apontam que a competição na prática de esportes, em nenhum momento deve pôr em risco o “princípio lúdico” (p. 7), para que não tire o prazer do momento em jogar aquele jogo. Ainda para esses autores, esse

comportamento dos alunos traz o esporte que foi e é apresentado nas mídias, tendo como o principal objetivo a concorrência e a comparação dos resultados.

Com isso, apresenta-se o próximo tema, a Competitividade e Indisciplina, que por meio de quatro códigos (*Competitividade, Conflitos Internos, Conflitos Externos e, Indisciplina*), podemos entender melhor. Iniciando com a *Competitividade*, que acabou sendo recorrente nas aulas, principalmente pelos alunos que desejam ganhar a qualquer custo, excluindo colegas por nível de habilidade, deixa-se de lado a cooperação. Essa competitividade, pode ser observada nas falas dos alunos, em momentos que tinham que cooperar no “roube a fita” e foram questionados se eles haviam trabalhado em equipe, as respostas foram “Não, nós queríamos só pegar a fita” (A11, plano de aula 4), “Professora esse negócio de cooperar tá com nada.” (A18, plano de aula 4), “Ah, professora, muitas vezes a equipe não passa pra quem é ruim.” (A15, plano de aula 4).

Quando jogavam os jogos do Basquetebol, falaram “Professora, tem gente que não sabe jogar em equipe” (A17, plano de aula 7). Na prática, com os jogos de Handebol, relataram que os jogos de invasão eram de ganhar. Enquanto nos jogos de Futsal relataram, “Professora eles não tocavam a bola, era só eles que jogavam. Fominhas” (A10, plano de aula 13), “Já era A14, vai ter que sentar” (A10, plano de aula 14).

Essa competitividade, em alguns momentos acima do normal, ocorre para Sedorko e Finck (2016), porque o esporte apresenta-se como um produto da indústria cultural, que trazido pela mídia e seus holofotes, acaba direcionando para o rendimento, resultados e competições. Para Betti (2020), o professor deve trazer o conteúdo de esportes contextualizando sobre o que se é trabalhado fora da escola, com o rendimento e concorrências, tornando participativo dentro da escola e não excludente e classificatório como é fora dela.

Influencia tanto direta quanto indiretamente no desenvolvimento do esporte na escola, que acabamos tendo os *Conflitos Internos*, os quais desvirtuam os alunos dos jogos; o desrespeito às regras foi uma das principais observações apontadas. Para Marques (2019), os conflitos internos às aulas de EF ocorrem pela “ação motriz, egoísmo/não passar a bola “fominha”, simulação/desrespeito às regras e pontuação do jogo” (p. 93). Nestes, as falas dos alunos apresentaram: “Professora a gente colava os colegas, eles não paravam. Eu coleí o A3” (A11, plano de aula 2), “É só os “fominhas” passarem a bola” (A8, plano de aula 4), “Professora, ficam empurrando”

(A17, plano de aula 8), “O A5 e o A14 não sentam, eles foram queimados e não sentam” (A11, plano de aula 9).

Além disso, há as manifestações agressivas que podem vir a aparecer durante a prática esportiva, devido ao contato físico fazer parte da maioria dos esportes, é um exemplo de situações que devem ser colocadas em pauta pelo profissional de EF, durante a aula e quando ocorrer (Neuenfeldt; Canfield, 2001). Este foi encontrado, no relatório da aula feita pela pesquisadora, em que a professora teve que intervir na aula 5, durante os jogos de Basquetebol, pois estavam empurrando e segurando os colegas, e o que tinha sido combinado era interceptar o passe. Como em outros momentos, a professora aproveitou a situação para trabalhar esse comportamento de forma reflexiva com os alunos. Enquanto no plano de aula 10, o relato de um aluno expõe esta manifestação, “A A5 ficou empurrando pra pegar a bola” (A14, plano de aula 10).

Já os *Conflitos Externos* ocorreram por trazer algo de fora da escola, como foi a intenção da fala do aluno plano de aula 13 (treze), ao se direcionar às meninas jogando futebol, que elas seriam humilhadas (A9 - “Meninas contra piá, vamos humilhar!”). Essas características de conflitos que são determinantes pelos fatores externos, em que são trazidos da estrutura familiar, grupos de influências, violência doméstica e situações socioeconômicas (Silva; Villalba, 2018). Oliveira (2009) diferencia os fatores externos e internos com a nomenclatura de psicossociais e pedagógicos, neste caso, os psicossociais são a família, a mídia, a diversidade entre os alunos, problemas de distúrbio de atenção e carência afetiva.

Além disso, essa característica de competição entre os estudantes, quando estimulada, compromete o processo educativo, pois quando ocorre a cobrança ou busca pelas vitórias, “os alunos podem acabar esquecendo que os adversários são seus colegas e acabar desrespeitando as regras [...]” (Neuenfeldt; Canfield, 2001, p. 7), podendo ocasionar situações de agressividade. Além disso, os alunos devem conseguir entender que o jogo se desenvolve com momentos mais tensos, o que pode ocasionar situações de agressividade. Para os autores, é fundamental que os alunos aprendam a lidar com esses momentos de tensão de maneira saudável e construtiva, reconhecendo que fazem parte do processo competitivo e da prática esportiva.

Esses conflitos externos trazidos para a escola também são apresentados no estudo de Marques (2019, p. 94), o qual identificou os seguintes conflitos: “gênero (machismo), racismo, preconceito e discriminação devido à cor da pele, aspectos

físicos, violência verbal e violência física”. Na intervenção se apresentaram nas frases dos alunos, “Ninguém passa pra mim! Ele não toca” (A9, plano de aula 4). A professora, ao questionar sobre por que as meninas estavam recebendo menos passes durante a atividade de levar a bola ao fundo da quadra na aula quatro, a resposta foi “Desigualdade” (A15, plano de aula 4). Em outros momentos podemos citar as falas: “Deve correr 10 voltas na quadra” (A8, plano de aula 6), “Deve sair do jogo” (A17, plano de aula 6), ao se remeterem a um colega ser pego, a perderem alguma atividade, colocavam a punição como solução.

Já para Chrispino (2007), os tipos de conflitos podem ser tratados como aqueles entre os docentes (por inúmeros fatores, dentre os quais interesse pessoais, valores diferentes, entre outros), entre alunos e docentes (por fatores como não entender o que explicam, discriminação, entre outros), entre alunos (por mal entendidos, brigas, rivalidades, entre outros) e entre pais, docentes e gestores (com agressões ocorridas entre alunos e entre os professores, perda de material de trabalho, entre outros).

Assim como ocorreu em todo o tema Competitividade e Indisciplina, a *Indisciplina* (outro código) se apresentou durante as aulas, com conversas paralelas e brincadeiras, agressões verbais e físicas. As interações proporcionadas pelos jogos fizeram com que os alunos pudessem modificar seu comportamento, passando a resolver conflitos existentes entre os próprios alunos, sem a necessidade de intervenção. Em algumas aulas, na observação da pesquisadora, houve essa distração por parte dos alunos, como na segunda aula, onde a professora fez uma pausa para refletirem sobre a atividade e alguns alunos juntavam-se em duplas para realizar dancinhas, conversas sobre outro assunto, brincadeiras de pega-pega. Ao retornarem para a atividade, acabavam não seguindo a regra combinada ou modificada naquele momento de distração. Isso também ocorreu no início do plano de aula três, apresentando querer apenas a prática pela prática, sem refletir sobre o conteúdo a ser aprendido. Em alguns momentos, durante a aplicação das aulas, demonstravam insatisfação, querendo retornar à prática, como no relato da pesquisadora na aula 04 e no plano de aula 07, em que o aluno, ao se referir que iriam jogar, disse “Até que enfim” (A3).

Neste quesito, modificar a forma como o aluno aprende na EF, fazendo com que as três dimensões do conhecimento (Conceitual, Procedimental e Atitudinal) trazidas por Darido e Rangel (2019), criada por Coll *et al.* (1998) sejam atingidas, foi

observado que os alunos levaram algumas aulas para se adaptar à dinâmica construtivista de aprendizagem. Isso, possivelmente, ocorreu, devido ao fato de que a abordagem construtivista exige que os alunos sejam mais ativos e participativos no processo de ensino aprendizagem, o que pode ser um desafio inicial para aqueles acostumados a métodos de ensino mais tradicionais. No entanto, à medida que os alunos se familiarizaram com essa nova metodologia, eles começaram a se envolver mais profundamente nas atividades, refletindo sobre suas ações e colaborando com seus colegas para construir o conhecimento de forma coletiva e significativa.

Os alunos iniciaram, na intervenção, com pouca participação na construção de regras e modificações. Quando o faziam, ainda estavam desconectados do tema jogos esportivos de invasão, como foi a fala na primeira aula em que apenas um ou dois alunos tentavam responder aos questionamentos da professora quanto às atividades. Com o passar das aulas, foram aumentando e sendo mais assertivos quanto ao tema trabalhado. Para Neves, Mancebo e Queiroz (2019), a abordagem construtivista usada por meio de jogos, incentiva o discente a imaginar, pensar, criar, viver e modificar, dando mais autonomia na aula, trabalhando um ser integral, com cognitivo, motor, emocional e socialmente (Freire, 1997).

Já para o tema Intervenção da Professora, foram direcionados dois códigos: (*Mediação Pedagógica e Estratégias Pedagógicas*). *Mediação pedagógica*, a professora intercede nos momentos de indisciplina e/ou conflitos, ajudando os alunos a refletirem e encontrar soluções para os problemas encontrados. A mediação de conflitos e atos de indisciplina foi uma estratégia para aprimorar o ambiente escolar, promovendo uma cultura de paz e interação entre os indivíduos, facilitando a convivência na escola, na família e na sociedade (Vio; Feijó; Camargo, 2024). Segundo os autores, a mediação pedagógica conduzida por um sujeito parcial, como a professora, incentivou a responsabilidade dos envolvidos e atendeu às suas necessidades, promovendo um espaço de diálogo solidário, humano e cooperativo, característico no construtivismo.

Neste ponto, podemos destacar algumas falas da professora durante as aulas, sendo que, quando ocorreu o desrespeito às regras, a professora questionou: “Se formos pensar nessa situação e outras que ocorreram, como podemos resolver?” “Em um momento de desentendimento sobre o jogo dos dez passes, no jogo esportivo do Handebol, em que se a bola for tocada pelo adversário zera a contagem, mas e se a bola caísse no chão?” Professora propôs “Vamos pensar, pessoal, se a bola cair no

chão, ela foi tocada pelo adversário?” (plano de aula 10). Em outro momento, quando um aluno ofende o outro verbalmente, a professora questiona: “se xingam você, você se sente bem?” (plano de aula 11).

Para tanto, a mediação pedagógica desempenha um papel fundamental na resolução de conflitos e na promoção de um ambiente de aprendizagem saudável. No trecho anterior, a professora utiliza de perguntas reflexivas para incentivar os alunos a pensarem criticamente sobre suas ações e a encontrarem soluções para os problemas que surgem durante as atividades. Ao questionar “Se formos pensar nessa situação e outras que ocorreram, como podemos resolver?”, não abordou apenas o desrespeito às regras, mas também, buscou promover a autorreflexão e a responsabilidade entre os alunos. Dessa forma, pôde desenvolver habilidades sociais e emocionais, pois ensinou os alunos a lidarem com conflitos de maneira construtiva e a considerarem as perspectivas dos outros. Em outro momento, ao questionar sobre “se xingam você, você se sente bem?”, proporcionou aos alunos analisarem as situações de forma crítica e a refletirem sobre as consequências de suas ações. Não ajudou apenas a resolverem os conflitos imediatos, mas preparou-os para a formação de um ambiente de respeito mútuo e cooperação.

Oliveira e Silva (2018) destacam que a mediação é essencial para resolver os desacordos e conflitos entre os alunos, dependendo de como as situações são tratadas. Em alguns casos, os alunos podem agir para chamar a atenção ou para enfatizar algo importante para eles, como a punição de um colega. Para os autores, a mediação das diferenças é crucial para alcançar soluções e garantir a continuidade das aulas. Não se trata de resolver o problema diretamente, mas de articular para que os próprios envolvidos encontrem uma solução.

As *Estratégias Pedagógicas* utilizadas pela professora visam incentivar os alunos a refletirem sobre a prática, adaptarem-se a novas situações e a resolverem problemas de forma autônoma. Isso significa que, em vez de simplesmente seguir instruções, os alunos são desafiados a pensar criticamente sobre o que estão fazendo e por que estão fazendo. Por exemplo, ao questionar o conceito de trabalhar em equipe, a professora pode pedir aos alunos que reflitam sobre a importância da cooperação, como cada membro da equipe poderia contribuir de maneira eficaz e como resolver os conflitos que pudessem surgir durante as atividades em grupo. Essa abordagem promove o aprendizado dos alunos, não apenas com conhecimentos teóricos, mas também, desenvolve habilidades práticas e sociais.

Para Pombeiro (2023), o professor deve criar as condições favoráveis para o processo ensino aprendizagem, gerenciando a aula com comunicação eficaz, organização, atitude positiva e regras claras para garantir seu bom andamento. Na intervenção, a professora pesquisadora utilizou do diálogo e reflexão sobre o ocorrido, buscando que os próprios envolvidos encontrassem a solução para os impasses. O professor tem o papel específico e fundamental no processo de ensino e aprendizagem, ele é o incentivador, o que leva os alunos a pensarem, refletirem sobre as atividades realizadas, intervindo com perguntas e questionamentos para a reflexão dos alunos (Nista-Piccolo; Moreira, 2012).

A adoção dessa metodologia pode contribuir para que os alunos desenvolvam habilidades de Resolução de Conflitos e Competências Sociais, que são contempladas e previstas na BNCC (Brasil, 2017). Neste tema, temos a *Resolução Colaborativa dos Conflitos*, a qual, durante as aulas, foram observadas as resoluções dos conflitos pelos próprios alunos, sem a necessidade de intervenção. Durante a intervenção, os alunos passaram a colaborar com as soluções para os conflitos, deixando de buscar a intermediação da professora para resolverem-nos com seus pares. Isso foi percebido nos relatos da pesquisadora, como “há conversas para acordos sobre as discussões e conflitos” (Diário de Campo 7). No Diário de Campo 9, “durante as atividades, os conflitos existentes foram pequenos e solucionados pelos próprios alunos”. No Diário de Campo 13, “os conflitos que se formaram sobre posse de bola, regra do jogo, falta, não falta, foram resolvidos entre os próprios alunos”.

Para Vio, Feijó e Camargo (2024), os conflitos interpessoais ou intergrupais devem ser trabalhados com mediação de conflitos, de forma a desenvolver a autonomia, o que foi sendo percebido na intervenção, em que os alunos foram evoluindo em suas participações nas resoluções dos problemas e de conflitos encontrados. Aqui, devemos lembrar que estes conflitos aconteciam, principalmente, pela diferença de interpretação e visão do que estava acontecendo nas atividades. Outro ponto para os autores é que em relação às ofensas e agressões, esta deve ser tratada para restaurar os danos, ou seja, que quando acontece, deve ser remediada. Além disso, para Viegas e Lenz (2019), os conflitos devem ser vistos além de seu cunho negativo, mas com a capacidade de desenvolver habilidades de competências sociais promovendo aprendizagem. Sua capacidade de aprendizagem e desenvolvimento deve ser usada com diálogo e debate sobre as situações ocorridas, fazendo com que os alunos olhem para o conflito e consigam resolvê-lo.

Tiveram, assim, a *Evolução do Comportamento Social*, em que os alunos demonstraram maior administração de seus comportamentos para resolver os conflitos existentes durante os jogos esportivos de invasão; neste, podemos citar a construção de regras para facilitar o desenvolvimento do jogo que estavam realizando. Como as falas dos alunos quando a professora questionou sobre não seguir a regra que tinham combinado ou adaptado para as atividades, quando colegas não seguiam e os alunos propuseram que “Eles pudessem pagar exercícios” (A12, plano de aula 03). No plano de aula 06, o aluno pediu à professora: “Professora, me troca de grupo, pra eu não brigar. A gente não está se acertando” (A15). Demonstrando que estavam evoluindo em suas atitudes.

Chrispino (2007) destaca a importância do desenvolvimento da percepção, da capacidade de se colocar no lugar do outro, de refletir sobre o que está acontecendo e de chegar a uma solução, exatamente como os alunos expressaram em suas falas. Oliveira e Silva (2018) afirmam que a existência de regras é primordial nas relações de convivência e que essas regras devem ser absorvidas ou criadas pelos alunos, ou seja, devem ter sentido para eles, pois sem compreenderem esse sentido, dificilmente as seguirão. Neuenfeldt e Canfield (2001) apontam que os esportes têm a característica de ensinar, que existem vitórias e derrotas, proporcionando crescimento e aprendizagem, além de ensinar a superar frustrações e diferenças, e a seguir suas regras para um bom andamento e realização das atividades.

A mudança de comportamento dos alunos é essencial para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma natural e sistematizada. Sendo necessário que o aluno seja reconhecido como um ser que carrega consigo conhecimentos, experiências que não podem ser descartados, que ele possui voz, exige, questiona e tira dúvidas sobre a aprendizagem que está ocorrendo, sendo participativo e ativo neste processo (Banaletti; Dametto, 2015). Essa participação ativa, no decorrer da intervenção, pode ser percebida pelo desenvolvimento de atividades pelos próprios alunos, como no plano de aula 10, de jogos esportivos de Handebol, em que a sugestão para o aquecimento ou parte inicial da aula foi um pega-pega tipo queimada livre, onde cada aluno jogava por si, e para “queimar” os (as) colegas, o(a) pegador(a) deveria saltar e arremessar a bola contra seus colegas. Aquele(a) que fosse queimado(a) passava a ser o(a) novo(a) pegador(a), ficando com a posse de bola.

A participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem faz com que haja maior motivação para a participação nas aulas. Se isso não for considerado,

a motivação para as aulas pode ser afetada, o que pode levar a casos de Indisciplina e/ou Conflitos que Impactam o Processo de Ensino e Aprendizagem. Este tema gerou os códigos *Manifestação de Indisciplina e Seus Efeitos Imediatos*, quando ocorreram as conversas paralelas, brincadeiras desrespeitosas, agressões verbais e físicas, que geraram distração e interrupções na aula, fazendo com que os alunos ficassem dispersos e perdessem o foco na atividade que estavam realizando. Neste, podemos citar o relato da pesquisadora na aula 03, em que no início, ainda na roda de conversa, os alunos “estavam conversando, brincando com colegas. Não se incluindo na participação das atividades”.

Já no plano de aula 11, a pesquisadora relatou que os alunos “estavam mais agitados, dispersos e distraídos.” Nestes casos, houve a necessidade de intervenção por parte da professora, fazendo questionamentos aos alunos, como por exemplo: “quais regras foram combinadas?”, no segundo momento, parando para refletir durante as atividades, como no pega-pega sardinhas e golfinhos, “pegar com o pé vale?”. É levada em consideração a formação da personalidade que o professor deve estar atento, também, pois sua função vai além de desenvolver conteúdos, mas proporcionar o desenvolvimento da moral, ética e a cidadania dos alunos (Neuenfeldt; Canfield, 2001).

Dentro do mesmo tema, temos os *Conflitos Internos e Externos e Seus Efeitos no Ambiente de Aprendizagem*, sendo que esses conflitos por competitividade ou discordância por visões e habilidades, tiveram impacto no clima da aula. Quando ocorrem, acabam desestruturando os próprios alunos, mexendo com suas emoções e motivações para com os jogos, desviando a atenção dos alunos. Isso foi percebido na aula 04, onde um aluno relatou: “Ninguém passa para mim! Eles não tocam” (A9). Em outro momento, outro disse: “É só os fominhas passarem a bola” (A8). O que aconteceu também na aula 07, em que o aluno afirma: “Toda hora eu estava livre e ninguém passava!” (A17), enquanto outro disse: “Tem gente que não sabe jogar em equipe” (A11).

Para tanto, Oliveira e Silva (2018) destacam o quanto é importante a forma como são abordados esses conflitos, como o professor faz a mediação destes, apontando que é importante ajudar os envolvidos a encontrarem a solução para o conflito, mas não solucionar por eles. Já Moore (1998) traz esse conflito pela competitividade ou classificação de mais habilidosos pelo interesse, nestes, os casos

encontrados na intervenção são claramente de interesse competitivo, onde a vitória é mais importante.

Outro código é a *Influência da Indisciplina e dos Conflitos no Desenvolvimento Cognitivo dos alunos*, neste, é possível perceber que os atos de indisciplina e/ou conflitos gerados durante os jogos, proporcionaram o desenvolvimento de habilidades para resolver estes. Isso, porque os alunos, nos momentos em que existiam as desavenças, foram desafiados a refletir, pensar, buscar e solucionar o problema, reconstruindo sua ação social e seu entendimento quanto ao ocorrido. Como na aula 11, em que a professora interrompeu a aula, pois um aluno chamou outro de “Otário”, primeiramente, a professora questionou o significado aos alunos desta palavra. Tendo como resposta: “Alguém que não é capaz” (A10); a professora foi questionando “e se xingam você, você se sente bem?” “Não, porque ofende” (A15). Para Silva e Nascente (2022), a indisciplina faz parte do cotidiano escolar e estas trazem o desenvolvimento de convivência e participação de todos na construção da democracia na escola.

É necessário olhar, também, para os pontos positivos que a indisciplina e/ou conflitos podem gerar, assim, outro código para este tema é *Potenciais Transformadores: da Indisciplina à Aprendizagem Significativa dos alunos*, em que esses atos, apesar de dificultarem o andamento da aula, proporcionaram momentos de reflexão sobre o comportamento dos alunos, e a intervenção ou mediação proposta com o construtivismo fez com que os próprios alunos se autoavaliassem e autocorrigissem. Principalmente, em momentos que houve adaptação e modificação de regras nos jogos para que todos pudessem participar, passando a um ambiente de maior inclusão e cooperação. Estas situações foram percebidas durante a aula 03, quando os alunos, durante a construção, reflexão e criação de novas regras, ficavam brincando de “lutinha” ou conversando longe do grupo. Quando questionados sobre como incluir esses alunos dispersos, durante a reflexão e pausa para a criação das regras ou entendimento do jogo, eles propuseram que esses alunos, ao estarem fora da roda de conversa, deveriam pagar exercícios como *burpee*, como forma de motivá-los a participar. Durante a aula 11, também a professora propõe a reflexão e o pensamento para a solução do ocorrido, quando um aluno agride outro verbalmente.

Silva, Tavares e Cardoso (2018) destacam a importância de transformar o conflito em uma oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento, estruturando o indivíduo que está em formação de sua personalidade humana, para o senso

democrático, crítico, reflexivo e ativo no seu próprio processo. O que traz a ligação desta mediação com a abordagem construtivista aplicada durante a intervenção.

Considerando a intervenção realizada, os resultados foram surpreendentes. Inicialmente, o foco estava nos aspectos negativos gerados, mas isso também foi observado por Oliveira e Silva (2018), que afirmam que os conflitos não devem ser vistos apenas como algo negativo. As anotações nas observações da pesquisadora também refletiram essa mudança de perspectiva, onde os alunos passaram do início para o final da intervenção a resolverem os pequenos conflitos sozinhos. Tendo uma influência positiva, pois, ao usar o construtivismo para a prática, onde os alunos saíram do processo de ensino aprendizagem passivos para ativos, fez com que suas participações, durante as aulas, moldassem seus comportamentos, demonstrando como pode ser contextualizada a indisciplina e/ou conflitos durante a aplicação dos jogos esportivos de invasão para os anos iniciais.

A intervenção pedagógica realizada incluiu a aplicação dos jogos esportivos de invasão com uma abordagem construtivista, ou seja, trazendo o aluno para o centro do processo, deixando-o mais participativo na construção do seu conhecimento. Os jogos incentivaram a cooperação, o trabalho em equipe e a construção de estratégias coletivas para o desenvolvimento delas, com o intuito de reduzir os comportamentos agressivos, a competitividade excessiva e a indisciplina.

Portanto, a intervenção pedagógica, baseada na abordagem construtivista e nos jogos esportivos de invasão, demonstrou ser eficaz na melhoria do comportamento dos alunos, na resolução de conflitos, atos de indisciplina, como também no desenvolvimento de competências sociais. Ao trabalhar com essa abordagem e a metodologia, em usar os jogos esportivos de invasão, proporcionaram-se aulas mais atrativas e agradáveis para os estudantes, fazendo-os mais participativos nas aulas de EF, favorecendo um ambiente de aprendizagem mais harmonioso, colaborativo e pacífico.

4.3 Avaliação da eficácia da intervenção

Para averiguar a eficácia da realização da intervenção pedagógica, ao final da intervenção foram realizadas, novamente, as entrevistas com os docentes que atendiam à turma do 5º ano do ensino fundamental. Buscando entender se houve melhora no comportamento dos alunos, diminuição dos casos de indisciplina e/ou

conflitos, como também das intervenções docentes para resolução de conflitos, e a percepção dos mesmos para com os resultados da intervenção.

Nas entrevistas com as professoras, após a aplicação do projeto, destacam-se os seguintes temas: Redução de Conflitos, Colaboração e Cooperação, Maturidade Comportamental, Resolução de Conflitos e Impacto da EF ou Jogos Esportivos/Abordagem Construtivista. Esses temas foram surgindo ao fazer a leitura e identificação dos temas principais abordados nas entrevistas com as professoras, após a intervenção pedagógica que, conseqüentemente, geraram códigos que serão apresentados na Figura (11).



Figura 11– Temas e Códigos encontrados na avaliação.
Fonte: elaborada pela autora (2025).

Iniciaremos com o tema Redução de Conflitos, que apresentou o código *Menos Discussões e “Picuinhas”*, observados e apontados pelas professoras nas seguintes falas: “Ainda existiu, mas bem menos assim” (Prof. A), “Diminuindo bastante assim a, a indisciplina, as discussões entre eles, né?” (Prof. B), “Essas tirações de sarro, essas comparações, né, isso melhorou muito.” (Prof. C). Outro código criado foi o da *Redução da Agressividade*, podemos perceber na fala: “Eles têm mais maturidade em não ficar discutindo por qualquer coisa” (Prof. B), e da professora Prof. C: “Diminuiu sim, essa diminuição de comparação de tirar sarro” (Prof. C).

Marques (2019) aponta em seu estudo que, para haver a Redução de Conflitos, é preciso que o docente seja capaz de dialogar com seus alunos. Outro que traz uma visão sobre o diálogo ser um ponto importante é González *et al.* (2014), que apresenta a roda de conversa para início e final da aula, proporcionando a participação dos alunos na construção do conhecimento. Esse diálogo constante pode ir transformando o ato de indisciplina e/ou conflitos em uma oportunidade de crescimento pedagógico de todos os envolvidos.

Com a análise da indisciplina e/ou conflitos, surgiu o tema Colaboração e Cooperação, que foi bastante destacado pelos docentes, gerando os códigos: *Trabalho em Grupo* e *Assistência Mútua*. Para o *Trabalho em Grupo*, um docente mencionou que “contribuiu bastante, especialmente para atividades em grupo, onde os alunos tinham dificuldades em se entender. Agora, um colega já tinha um certo domínio e dizia: “Ah, vamos fazer assim [...]” (Prof. A). O segundo docente “Sim, contribuiu, sim, porque eu vejo assim que eles aplicaram isso no dia a dia ali, entre eles” (Prof. B). Além disso, foi observado que “agora eles tentam fazer o seu melhor, preocupando-se mais com a sua evolução do que com o que vão aparentar para os outros” (Prof. C).

Assim sendo, os conflitos gerados durante as atividades e relações interpessoais são oportunidades de desenvolvimento dos seres humanos. Nos casos, durante as aulas ou até mesmo quando o conflito ocorreu dentro da escola, se este permanecesse e continuasse, seriam considerados potencializadores do conflito. Porém, como foram aplicadas, demonstradas e buscadas novas formas de resolvê-los, isso fez com que o indivíduo refletisse, pensasse e encontrasse solução para os problemas encontrados. Tendo, aí, o desenvolvimento do diálogo, o entendimento e solução por parte dos alunos (Nunes, 2014).

Já outro código encontrado foi a *Assistência Mútua*, o qual pode ser observado quando, “Diminuiu tanto que eu vejo que nas atividades, alguns meninos começaram a ajudar as meninas, a entender, às vezes, o que elas não entendiam ou fazer algo que elas não conseguiam” (Prof. C).

Essa melhora na cooperação e ajuda entre os alunos pode ter relação direta com a abordagem pedagógica utilizada (Construtivismo) e os Jogos Esportivos de Invasão. Modificando a abordagem aplicada, fazendo com que os alunos participassem e fossem ativos no processo de ensino aprendizagem, juntamente com o desenvolvimento de regras dos Jogos e os jogos em si, proporciona-se a capacidade

para transformar o ambiente e os envolvidos. Para Freire (1997), a EF deve desenvolver o indivíduo de forma integral, indo muito além do aspecto motor, incluindo os sociais e emocionais para que o aluno possa se desenvolver inteiramente. Ao jogar é, e foi possível, desenvolver o trabalho em grupo, a cooperação, a comunicação, o respeito e a resolução de conflitos, antes não ocorridos.

O esporte, como conteúdo prático, também é uma forma de trabalhar os valores, muitas vezes, esquecidos pela sociedade atual. Cunha (2007) afirma que o esporte é um instrumento de construção de habilidades, que se destacam ao experimentar os jogos, sendo que dentre estas, temos a disciplina, trabalho em equipe e cooperativismo, proporcionando o desenvolvimento da dimensão atitudinal, além da conceitual e procedimental.

A Maturidade Comportamental apontou para a *Resolução de Conflitos*: “[...] então, eles acabam trazendo isso para a sala de aula [...]. Eles conseguiam chegar à solução do problema sem precisar de intervenção” (Prof. A). “Eles já, um entende o outro, como dizem, eles se acertam entre eles” (Prof. B). “[...] eu vejo que eles buscam o seu melhor, mas não é tanto para aparecer como era antes, para se mostrar o melhor, [...] eles tentam fazer o seu melhor, mas se preocupando com a sua evolução [...]” (Prof. C). Outro ponto é a diminuição nas comparações, ou *Menos Comparações*: “[...] eu vejo que agora eles tentam fazer o seu melhor, mais se preocupando com a sua evolução do que com os outros” (Prof. C).

Para Nunes (2014), o diálogo é a ferramenta mais eficiente para superação de conflitos, ele tem a capacidade de trazer à tona emoções, sorrisos, olhares, gestos, e ações que superam as palavras. Essa ideia alcança o que Freire (1997) traz sobre os conflitos dentro dos jogos, os quais devem ser solucionados com o refletir, pensar e encontrar saídas para estes. Construindo sua capacidade de resolver problemas interpessoais, como também desenvolvendo, além de suas capacidades motoras.

Para a Resolução de Conflitos surgiu: *Conversas para Resolver*, nas falas de “Eles têm mais maturidade em não ficar discutindo por qualquer coisa [...] eles se acertam entre eles [...] se resolvem entre eles mesmos [...]” (Prof. B), “[...] Eles foram entendendo como os outros se sentiam e foram diminuindo, gradativamente, esse tipo de coisa” (Prof. C). Outro que surgiu foi a *Redução das Intervenções*, “Sem precisar intervenção” (Prof. A), “Eles se resolvem entre eles mesmos” (Prof. B).

Freire (1997) traz o jogo como ponto chave para o desenvolvimento e a formação de valores como solidariedade e a empatia, além de trabalhar em grupo,

que faz os alunos perceberem e respeitarem as diferenças como também as potencialidades, sempre através da construção do conhecimento, desenvolvendo um ser integral. As *Conversas para Resolver* e a *Redução das Intervenções* ocorreram porque os jogos realizados foram construindo muito além de habilidades motoras nos alunos.

Esse desenvolvimento ocorreu pela utilização dos jogos e sua construção gradativa, no início, tendo atividades simples e seguindo para uma maior complexidade. Assim, como afirma Freire (2005, p. 82-83), primeiramente, “o jogo ajuda a não deixar esquecer o que foi aprendido”, por sua informalidade na realização. Segundo, porque “o jogo faz a manutenção do que foi apreendido”, além de aperfeiçoar “o que foi aprendido” e, por fim, se o jogo pode melhorar as habilidades, pode também preparar esse jogador para novos desafios, ou seja, que este está pronto para realizar coisas mais complexas.

Para o Impacto da EF, formulou-se a *Aplicação de Regras*, “Porque lá, como eles aprenderam esse negócio de gerenciar o conflito deles, então eles acabam trazendo isso pra sala de aula” (Prof. A); “Sim, contribuiu, sim, porque eu vejo assim que eles aplicaram isso, no dia a dia ali, entre eles. [...] eles aplicaram esses princípios, que foram trabalhados” (Prof. B). E o *Uso de Estratégias*, “[...] e ficavam pensando em estratégias” (Prof. A). Os jogos partem do processo de construção muito além da habilidade motora, carregando consigo uma complexidade de estruturas, dentre estas as regras.

Piaget (1978) afirma que a regra é a característica principal nas relações entre os indivíduos. Assim, esta junção entre os jogos e a construção de habilidades sociais são inevitáveis. O que também é indispensável é o professor, pois para Darido e Rangel (2019), ele é peça determinante no desenvolvimento dos alunos em seu processo de ensino aprendizagem, pois tem o papel de mediador para que os alunos possam refletir e encontrar soluções para as situações problemas que se apresentam.

A percepção dos docentes sobre a intervenção pedagógica realizada foi positiva, como as percepções da pesquisadora; os professores relataram melhora significativa no comportamento dos alunos, tendo como base a redução da indisciplina e/ou conflitos em sala de aula. Também houve uma melhora na colaboração e cooperação, e um amadurecimento comportamental. Assim, as estratégias adotadas na intervenção com os jogos esportivos e a abordagem construtivista, demonstraram ter potencial de apoio e aprendizagem para os indivíduos envolvidos, produzindo um

ambiente mais harmônico e produtivo. O uso dos jogos favoreceu o desenvolvimento das habilidades sociais essenciais, como o respeito, a empatia e a resolução de conflitos de forma autônoma. Portanto, a mudança nas atitudes dos alunos, refletiu a importância do diálogo, da mediação pedagógica, das estratégias, das abordagens e da construção coletiva de soluções, demonstrando que as práticas reflexivas, críticas e participativas são fundamentais para o crescimento integral dos estudantes, não somente no aspecto motor, mas no desenvolvimento integral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contextualizar a indisciplina e/ou conflitos nas aulas de EF no 5º ano do Ensino Fundamental, por meio dos jogos esportivos em uma abordagem construtivista, foi possível fazer uma análise das questões enfrentadas pelos alunos e professores dentro da instituição escolar. A intervenção pedagógica, que envolveu a aplicação de jogos esportivos de invasão, resultou em mudança significativa no comportamento dos alunos, especialmente, no que diz respeito à resolução de conflitos e ao desenvolvimento de competências sociais.

Nas entrevistas que foram realizadas com as professoras antes da intervenção, foi possível identificar os maiores desafios que surgem no dia a dia escolar, como a indisciplina, conflitos interpessoais e a influência de fatores internos e externos, como o contexto familiar e social dos alunos. Em seus relatos, destacaram que as provocações, agressões verbais e a competitividade são fatores que afetam o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos.

Para tanto, a intervenção pedagógica utilizou os jogos esportivos de invasão dentro de uma abordagem construtivista, oferecendo a oportunidade de desenvolver habilidades sociais e a resolução de conflitos entre os alunos. Durante a aplicação, observou-se uma mudança de comportamento dos alunos, que passaram de passivos para ativos e protagonistas de seu aprendizado. A aplicação dos jogos incentivou a cooperação, o trabalho em equipe, a criação de estratégias coletivas, reduzindo os comportamentos agressivos, a competitividade e a indisciplina.

Essa evolução social dos alunos foi confirmada nas entrevistas realizadas após a intervenção com os docentes, que revelaram resultados positivos. Eles citaram a diminuição das discussões e conflitos, a redução da agressividade e o aumento da colaboração entre os alunos. Outro ponto observado foi a diminuição da busca pela intervenção da professora para resolver os conflitos entre os alunos, demonstrando um amadurecimento comportamental. Além disso, ficou evidente como a abordagem construtivista nas aulas de EF promoveu a participação ativa, a construção de valores como cooperação e respeito, que foram trabalhados durante os jogos e nas interações geradas.

Embora a indisciplina e/ou conflitos não tenham sido totalmente eliminados, os resultados mostram que práticas pedagógicas mais inclusivas e reflexivas podem influenciar positivamente no comportamento dos alunos. A abordagem construtivista,

focada na participação dos alunos, na colaboração, reflexão e construção coletiva de conhecimento, demonstrou ser eficiente no desenvolvimento das competências sociais e cognitivas dos alunos, além de contribuir para a melhoria do ambiente escolar e do processo de ensino-aprendizagem.

Isto posto, a pesquisa aponta para a necessidade de repensar as práticas pedagógicas na EF, promovendo e selecionando atividades que integrem o desenvolvimento físico, social e emocional dos alunos. Os jogos esportivos, como ferramenta pedagógica, mostraram-se uma estratégia promissora para o ensino da cooperação, respeito e resolução de conflitos, e podem ser ampliados para outras turmas, escolas e contextos.

Vale ressaltar que este trabalho não visa fornecer uma solução definitiva ou uma receita pronta, mas sim, apresentar alternativas para a contextualização da indisciplina, com o intuito de estimular novas reflexões e investigações na área. Sabendo que a EF desempenha um papel essencial no processo de desenvolvimento dos alunos, pois é uma disciplina curricular que contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais, emocionais e cognitivas, a EF também pode promover a convivência pacífica, o respeito à diversidade e a formação de alunos críticos, reflexivos e participativos. Assim, a EF não apenas ajuda a resolver indisciplina e/ou conflitos, mas também enriquece o ambiente escolar como um todo.

Este trabalho também destaca as dificuldades encontradas durante a realização da pesquisa, como a autorização para participação da pesquisa (termo de consentimento livre e esclarecido), as limitações de tempo e o contexto específico da escola em questão, o que pode ter influenciado os resultados. No entanto, espera-se que os dados obtidos sirvam como base para outras investigações, aprimorando e ampliando as práticas pedagógicas direcionadas ao desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando um ambiente escolar e de aprendizagem acolhedor, harmonioso e favorável ao processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Mariana Gaio. Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 594-613, 2016. Disponível em [SciELO Brasil - Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional](#) . Acessado em 19 de março de 2024.

ARANTES, Adriana Rocha Vilela. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula**: uma análise da realidade. De Magistro de filosofia, n. 15, p. 124-141, 2015. Disponível em: [Relação-Pedagógica-Disciplina-e-Indisciplina-na-sala-de-Aula-Uma-Análise-da-Realidade.pdf \(catolicadeanapolis.edu.br\)](#) . Acessado em: 27 de julho de 2024.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ. **Proposta Curricular**: educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais): rede pública municipal: região da AMOP. / Associação dos municípios do oeste do Paraná; [coordenação: Adriana Gonzaga Cantarelli, et al...] Cascavel, Assoeste, 2019. 648 p.

AQUINO, Júlio. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, 152 p.

BANALETI, Samara Marina Menin; DAMETTO, Jarbas. Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. REI - **Revista de educação do IDEAU**, Getúlio Vargas, v. 10, n. 22, p. 15, 2015. Disponível em [cd4f2e6639569c78b0be50afad7fff42284_1.pdf](#) . Acessado em 19/12/2024.

BARBANTI, Valdir Jose. Dicionário de educação física e esporte / Valdir Jose Barbanti. --3. ed. --Barueri, SP: Manole, 2011. Acessado em: 14/06/2025. Disponível pelo link: [Minha Biblioteca: Dicionário de Educação Física e Esporte](#) .

BARROSO, André Luís Ruggiero. **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar**. In: Albuquerque, Denise Ivana de Paula. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf> . Acessado em: 16/04/2023.

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II. Porto Alegre: UFRGS,- PEAD, 2009. Disponível em: [ideias_20_p087-093_c.pdf \(crmariocovas.sp.gov.br\)](#) . Acessado em: 27 de julho de 2024.

BECKER, Maricler. MÜLLER, José Luiz. **A indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental**. Revista Eventos Pedagógicos. V. 3, n.3, p.182-191, Ago. -Dez. 2012. Disponível em: [A indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental | Eventos Pedagógicos \(unemat.br\)](#) . DOI: <https://doi.org/10.30681/rep.v3i3.9330> . Acessado em: 27 de julho de 2024.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade** [recurso impresso e eletrônico]: a educação física na escola brasileira / Mauro Betti. 3. ed. rev. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. – 244 p. – (Coleção educação física).

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Ed., 1994, 335 p.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2021. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: [Resultados — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/inep/pt-br/indicadores/ideb/2021) . Acessado em: 23 de julho de 2024.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) resultados. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: [Microsoft Power BI](#) . Acessado em 05/03/2025.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96**. Disponível em: [L9394 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) . Acesso em: 04 de jun. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: [BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf \(mec.gov.br\)](https://www.mec.gov.br/bncc/bncc-ei-ef-110518-versaofinal-site.pdf) . Acesso em: 04 de jun. de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Guia de livros didáticos. PNLD 2023: **Práticas Corporais: Educação Física**. Ensino Fundamental Anos Iniciais, MP152 p.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Construtivismo: grandes e pequenas dúvidas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ceale, 2009. – (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula), 95 p.

BRITO, Clovis. **A indisciplina escolar na atualidade**. In: BRITO, Clovis. Indisciplina escolar: antigo problema, novas discussões. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012, 224 p.

BRITO, Clovis. **A indisciplina escolar: somente um problema comportamental?** In: BRITO, Clovis. Indisciplina escolar: antigo problema, novas discussões. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012, 224 p.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: O jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 4. Edição e atualizada. Palas Athena, 2013. 180p.

CALDEIRA, Suzana Nunes; REGO, Isabel Estrela. **Perspectivas de professores sobre a indisciplina na sala de aula: um estudo exploratório**. Revista Portuguesa de Educação, v. 11, n. 2), p. 83-107, 1998. Disponível em: [artigo 2.pdf \(uac.pt\)](#) . Acessado em: 18/06/2024.

CARVALHO, Luana P.; RODRIGUES, Erinaldo R. A indisciplina na escola: causas e diferentes manifestações. **Semana Acadêmica**, Disponível em: [a indisciplina na escola 0.pdf](#) . pdf, 2016. Acessado em: 19 de março de 2024.

CASTAMAN, Ana Sara; KAMANISKI, Andressa; RINTZEL, Lúbia Tamires. **Abordagem construtivista:** caso de uma escola no Norte do Rio Grande do Sul. Quaestio - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 22, n. 3, p. 839–851, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2020v22n3p839-851> .Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3653> . Acessado em: 11 de julho de 2024.

CASTRO, Maria Helena de. **SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA DO SISTEMA DE ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 7, p. 1674–1697, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i7.10758. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10758> . Acessado em: 15/06/2024.

CESÁRIO, Flaviane da Silva Mendes. **O Jogo na Educação Física Escolar e a aprendizagem socioemocional:** superando conflitos escolares na adolescência/Flaviane da Silva Mendes Cesário. – Bauru, 2023. 57 p. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Bauru. Disponível em [content](#) . Acessado em 19/08/2024.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 15, n. 54, p. 11-28, Rio de Janeiro, jan./mar. 2007. ISSN 0104-4036. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000100002&lng=pt&nrm=iso . Acessado em 08/11/2024.

COLL, César; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Bernabé; VALLS, Enric. **Os conteúdos na reforma:** ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 1998, 182 p.

COTIA, Jainara dos Santos; MELO, Fábio Thomaz; CARVALHO, Sebastião Carlos dos Santos. BULLYING NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONCEPÇÕES, FATORES, PRESENÇA E ESTRATÉGIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Revista Ciências & Ideias ISSN: 2176-1477**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 99–112, 2021. DOI: 10.22407/2176-1477/2021.v12i1.1424. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/reci/article/view/1424> . Acesso em: 19 abr. 2025.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3. Ed. Porto Alegre: Penso, 2014, 342 p.

CUNHA, Beatriz Zacchi da. **A inclusão da criança em projetos sociais de educação pelo esporte.** Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Desportos. Trabalho de conclusão de Curso. Florianópolis, 2007. 36 p. Disponível em [Microsoft Word - BEATRIZ ZACCHI DA CUNHA.doc](#) . Acessado em 19/08/2024.

DARIDO, Suraya Cristina. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: Albuquerque, Denise Ivana de Paula **Desafios da educação física escolar:** temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso

eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf> . Acessado em: 16 de março de 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. GONZÁLEZ, Fernando Jaime. GINCIENE, Guy. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. In: Albuquerque, Denise Ivana de Paula. **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf> . Acessado em: 16 de março de 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Coordenação e editoras da série Suraya Cristina Darido, Irene Conceição Andrade Rangel. 2. Ed. {Reimpr.}. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019. (Educação física no ensino superior), 292 p.

DA SILVA, Antônio Laércio Nunes; DOS SANTOS, Maria Pricila Miranda. A indisciplina no contexto escolar. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 7, p. 1960-1970, 2023. Disponível em: [A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR | Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação](#) . Acessado em: 01/03/2025.

DA SILVA, Priscila Kelly Oliveira; BUENO, Helen Paola Vieira. Reflexões sobre as práticas docentes frente aos desafios impostos pela indisciplina escolar. **Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP/UFMS/CPAQ**, v. 1, n. 8, p. 55-70, ISSN 2359-5051, 2020.

DE CONTI, Luana Cristine Franzini; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victória. Educação Física na escola e a afetividade: a construção do autorrespeito. **Revista Educação/UFMS**, v. 41, n. 1, p. 237-250, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/14526/pdf> . Acessado em: 01 de agosto de 2024.

DE LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: Aquino, J.G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. Ed. São Paulo: Summus, 1996. P. 9-23.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. **Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades**. São Paulo: UNESP, 2014. Disponível em: [TEXTO DE APOIO 1.pdf \(ifsul.edu.br\)](#) . Acessado: 22 de janeiro de 2024.

DOIRADO, Edmilson Fernandes. **Discursivização sobre indisciplina e doenças do não se comportar nos anos iniciais do ensino fundamental na perspectiva da medicalização da educação**. 2020. 117p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista UNESP. Marília, SP, 2020.

DOS REIS, Daniela Castro; CAES, Noemia Pereira; DOS SANTOS SILVA, Vanusa. A indisciplina escolar na percepção dos profissionais da área da educação. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 12, n. 26, p. 89-103, jan./abr. 2020. Disponível em: A indisciplina escolar na percepção dos profissionais da área da educação | Conhecimento & Diversidade . Acessado em:

DOS SANTOS, Ivan Luis *et al.* As percepções e os significados para os estagiários de educação física em relação à indisciplina na escola. Movimento. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), **Escola Educ Física**, v. 14, n. 3, p. 117-137, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20631>>. Acesso em: 04 de jun. de 2023.

ESCOLA MUNICIPAL DOM PEDRO II. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Matelândia, PR. 2025.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2. ed. Porto Editora. Porto, 1994. 160 p.

FEIJÓ, Marianne Ramos; STELATA, Patrícia Liberali; TOLEDO, Margarida; BONDUKI, Lídia; CHIARETO, Andrea; CIASCA, Dani; LEMBO, Olga; LIMA, Roberta Maria de; HELENA, Ivanise; GALANO, Monica; SILVA, Jurema; CECCI, Carmen. A Construção de um Projeto de Mediação de Conflitos e de Cultura de Paz: etapas e desafios. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 20, n. 40, p. 83-98, 2011. Disponível em [A Construção de um Projeto de Mediação de Conflitos e de Cultura de Paz : etapas e desafios | Nova Perspectiva Sistêmica](#) . 12/01/2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** [recurso eletrônico, minha biblioteca] / Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. – 3. ed. – Dados eletrônicos.– Porto Alegre : Artmed, 2009. 405 p.; 25 cm.

FONSECA, Leandro. **Recriando Jogos e Brincadeiras**. 2024. Disponível em: <https://recriandojogosebrincadeiras.com/> . Acesso em: 4 jan. 2024.

FONTOURA, Mariana Fogliatto. **Análise dos processos de interação social dos alunos durante o jogo de regras e sua relação com a indisciplina nas aulas de educação física**. In: O que fazemos com as mentes rebeldes na escola? VIII Seminário: indisciplina na educação contemporânea. Curitiba 9 a 10 de Novembro de 2012. ISSN: 2179-7056, 371 p.

FRANÇA, Bianca Emanuele Ilkiu; SALADINI, Ana Cláudia; DE OLIVEIRA, Francismara Neves de; DE ALMEIDA, Sérgio Luís Evangelista; ALEIXO, Ana Carolina Mexia; DOS SANTOS, Heloisa Braga; DA SILVA, Ângela; FREIRE, Julise Franciele de Carvalho. Conflitos interpessoais nas aulas de educação física: uma perspectiva construtivista. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 6106–6117, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-367. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4602> . Acesso em: 28 jun. 2024.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. João Batista Freire. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério), 224 p.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2. ed. – Campinas, SP : Autores associados, 2005, 121 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022, 143 p.

GARCIA, Joe. A gestão da indisciplina na escola. In: **COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF**. 11, Lisboa. Anais. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2001. P. 375-381.

GARCIA, Joe. O que fazemos com os indisciplinados na escola? In: **O que fazemos com as mentes rebeldes na escola?** VIII Seminário: indisciplina na educação contemporânea. Curitiba 9 a 10 de Novembro de 2012. ISSN: 2179-7056, 371 p.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de desenvolvimento**, n. 95, p. 101-108, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4813435> . Acessado em: 27 de junho de 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. ed. Barueri [SP]: Atlas, 2021, 182 p.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: Albuquerque, Denise Ivana de Paula. **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf> . Acesso em 16 de março de 2023.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. DARIDO, Suraya Cristina. OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. **Esportes de invasão: basquetebol, futsal, handebol, ultimate frisbee**. Org.; prefácio de Ricardo Garcia Cappelli. – Maringá: Eduem, 2014. V.1 326 p. Práticas corporais e a organização do conhecimento.

GOULART, Antônio Roberto. **Jogos pré-desportivos na Educação Física escolar: linhas de ensino, desenvolvimento motor e psicomotricidade**. Antônio Roberto Goulart. São Paulo: Labrador, 2018. 144p.: il.

HERMINIO, Ana Beatriz; ADAM, Joyce Mary. Protagonismo de violência escolar por meninas: percepções de professores e diretores nos cadernos de ocorrência. Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Confresa. ISSN: 2526-2149. **Revista Prática Docente**, v. 2, n. 2, p. 366-381, jul/dez 2017.

JARES, Xesús. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. rev. e amp. Porto Alegre: Artmed, 2002. 272p.

LEITÃO, Marcelo Crepaldi; OSORIO, Yara. Ensino Fundamental I: um enfoque construtivista do movimento sobre formação atitudinal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p.01-294, jan./mar. 2014. Disponível em: [ENSINO FUNDAMENTAL I: UM](#)

ENFOQUE CONSTRUTIVISTA DO MOVIMENTO SOBRE FORMAÇÃO ATITUDINAL
| Pensar a Prática . Acessado em 15/09/2024.

LEME, Maria Isabel da Silva. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, p. 367-380, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/bXSgybrQjzXxHpNhQfYDGMS/> . Acessado em: 11 de julho de 2024.

MACHADO, Thiago Henrique Mazeti. **Indisciplina nas aulas de Educação Física de ensino fundamental**: Propostas e ações/Thiago Henrique Mazeti Machado. – Presidente Prudente, 2020. 121 p. Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado profissional em Educação Física em Rede Nacional – Proef.

MARQUES, Rodrigo Gonçalves Vieira. **Conflitos nas aulas de educação física escolar**: reflexões assentadas na pesquisa-ação e na praxiologia motriz. 2019. 228 f. Dissertação (Mestrado em docência para a educação básica). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências. Bauru. 2019.

MARQUES, Rodrigo Gonçalves Vieira; RAMOS, Glaucio Nunes Souto; FERREIRA, Lilian Aparecida. Conflitos em jogos de futsal e de handebol: reflexões praxiológicas. **Conexões**, v. 18, p. e020018-e020018, 2020. DOI 10.20396/conex.v18i0.8659303 . Disponível em: [Vista do Conflitos em jogos de futsal e de handebol | Conexões \(unicamp.br\)](https://www.unicamp.br/revistas/conexoes/article/view/1020018) . Acessado em: 14 de março de 2024.

MATTAR, João. RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas / João Mattar, Daniela Karine Ramos. 1. ed. --São Paulo: Edições 70, 2021. Bibliografia. 470 p. SBN 978-65-86618-44-0

MATTOS, Rafael da Silva. **Pesquisa qualitativa em educação física**: da graduação ao doutorado. Rafael da Silva Mattos – Curitiba: CRV, 2016. 128 p.

MENDES, Fabiane Mathias Delattre; SANTOS, Lucélia Gonçalves dos; PAULA, Veridyana Deitos de. Um estudo sobre indisciplina e afetividade na escola. In.: GARCIA, Joe *et al.* **O que fazemos com as mentes rebeldes na escola**. VIII seminário Indisciplina na Educação Contemporânea. Curitiba, v. 9, 2012. Disponível em: <https://nipp.ufsc.br/files/2013/06/Anais-do-SIN-2012.pdf> . Acessado em: 19 de março de 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 26. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: [MC2019 Minayo Pesquisa Social .pdf \(usp.br\)](https://www.usp.br/ma/minayo/pesquisa-social) . Acesso em 19 de janeiro de 2024.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In.: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 113-145.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA, p. 107-139, 2004.

MOORE, Christopher W. **O processo de mediação**: estratégias práticas para a resolução de conflitos. Tradução Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 368 p.: il. ISBN: 8573074744.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In.: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 61-99.

NEUENFELDT, Derli Juliano; CANFÍELD, Marta De Salles. Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal. **Movimento**, v. VII, n. 14, p. 28-36, 2001. Escola de Educação Física, Rio Grande do Sul, Brasil, ISSN: 0104-754X. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115318300004>. Acessado em: 20 de setembro de 2024.

NEVES, Fagner Henrique Guedes. MANCEBO, Sueli Soares de Sá. QUEIROZ, Paulo Pires de. Motricidade Lúdica, construtivismo e escola básica: diagnósticos e problematizações. **RevistAleph**. ISSN 1807-6211 [Dezembro/2019] Nº 33. Disponível em : <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/39712/23146/135223>. Acessado em: 29/12/2023.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. Colaboração no repertório de atividades de Alessandra Andrea Monteiro, Raquel Stoilov Pereira, Evandro Carlos Moreira. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2012, 191 p.

NUNES, Antônio Carlos Ozório. **Diálogos e Mediação de Conflitos nas Escolas**. Guia Prático para Educadores. Brasília, DF, 2014. Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP). Disponível em: [Diálogos e Mediação de Conflitos nas Escolas - Guia Prático para Educadores.pdf](#). Acessado em 24/08/2024.

OLIVEIRA, Andréia Camila de; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Intervenções pedagógicas do professor em relação a conflitos percebidos entre os alunos durante as aulas de educação física. **Journal of Physical Education**, v. 29, 2018. DOI: 10.4025/jphyseduc.v29i1.2950. Disponível em <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2950>. Acessado em 19/12/2024.

OLIVEIRA, Maria Izete de. Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 15, n. 29, p. 289-305, dez. 2009. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312009000200007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 15/09/2024.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar**: determinantes, consequências e ações. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011, 133 p.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. **Pedagogia da rebeldia e o enleituramento**. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. 195 p. ISBN 978-85-473-2985-3.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da Rede Estadual Paranaense - CREP** – Educação Física, EF. Curitiba: SEED, 2019. Disponível em: [crep2021_educacaofisica_seriesiniciais.pdf](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Contexto. São

Paulo, 2018. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. 2. Ed., 4ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. 142 p.

PARREIRA, Fernanda Ramos; RODRIGUES, Jéssika Silvério. Bullying nas aulas de educação física. **REVISTA UNIARAGUAIA**, p. 59-75, 2017. Disponível em [Vista do BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA](#) . Acessado em 19 de abril de 2025.

PEREIRA, Luiz Antonio. **Os jogos sociomotrizes de cooperação e a construção de valores acerca da indisciplina discente**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12961> . Acessado em: 16 de março de 2023.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Imitação, jogo e Sonho e Representação. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Rio de Janeiro: 3. ed. 1978. Copyright © 1964. Disponível em [\(Microsoft Word - Piaget - A forma\347\343o do S\355mbolo na Crian\347a.rtf\)](#) . Acessado em 09/03/2025.

POMBEIRO, Franscisco Maria Nogueira Neves Pereira. **Educar através do Desporto: Crescer e Fazer Crescer Ativamente**. Porto: F. Pombeiro. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Palavras-Chave: Educação Física, Estágio Profissional, Reflexão, Treino de integração Neuromuscular. 2023.

REIS JUNIOR, Antônio Francisco. MIRANDA, Karolina Ribeiro Paes Oliveira Benevides. MIRANDA, Luciano Benevides. **As metodologias de ensino da Educação Física e o princípio da inclusão**. Um olhar sobre as metodologias construtivista, crítico-emancipatória e crítico-superadora. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 178, Marzo de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> .

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. p.83-102.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Editora Phorte, 2009, 264 p.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. **São Paulo**: Phorte Editora, 2020, 215 p.

SALADINI, Ana Claudia. Linguagem do Professor de Educação Física e Desenvolvimento Moral. In.: **Humanização e educação integral refletindo sobre rotas alternativas** / Patricia Unger Raphael Bataglia, Cristiane Paiva Alves (Org) – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020. 63-84 p. Disponível em: [Versão E-book do arquivo E-book - HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INTEGRAL.pdf \(unesp.br\)](#) . Acessado em: 07 de julho de 2024.

SANTOS, Anderson Oramisio; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues. Relações entre aprendizagem e desenvolvimento em

Piaget e Vygotsky: o construtivismo em questão. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 10, n. 2, 2015. DOI: 10.5216/rir.v10i2.32621. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/32621> . Acessado em: 11 de julho de 2024.

SEDORKO, Clóvis Marcelo; FINCK, Silvia Christina Madrid. Sentidos e significados do esporte no contexto da Educação Física escolar. **Journal of Physical Education**, v. 27, e2745, 2016. DOI: 10.4025/jphyseduc.v27i1.2745 . Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v27i1.2745> . Acessado em: 04/06/2023.

SCHIMITT, Marisa. FERES, Alfredo. A mediação de conflitos como práxis pedagógica na educação física escolar. In.: **Educação física, experiências exitosas na licenciatura e bacharelado**. Organizadores André Ribeiro da Silva, Hélio Franklin Rodrigues de Almeida, Jônatas de França Barros. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: [Ebook - Educação física, experiências exitosas na licenciatura e bachareladoAtena Editora](#) . Acessado: 21 de maio de 2023.

SILVA, Aida Maria Monteiro; TAVARES, Celma; DA SILVA CARDOSO, Fernando. Mediação de conflitos escolares: fundamentos com base na educação em direitos humanos. **Conhecimento & Diversidade**, v. 10, n. 20, p. 50-61, 2018. Disponível em: [Mediação de conflitos escolares: fundamentos com base na educação em direitos humanos | Conhecimento & Diversidade](#) . Acessado em 20/09/2024.

SILVA, Carla Elizabeth da; OLIVEIRA, Ricardo Vigolo de; BANDEIRA, Denise Ruschel; SOUZA, Diogo Onofre de. Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. **Psicologia Escolar e Educacional**, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP, v. 16, nº 1, p. 83-93, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100009> . Acessado em: 31/08/2024.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NEGREIROS, Fauston; SILVA JÚNIOR, Aldenor Batista da; LOIOLA, Francisca Andreia Macedo. O fenômeno da indisciplina no contexto escolar: o que dizem os professores atuantes no ensino fundamental? **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 43, n. 84, p. 86-98, jan./abr. 2021.

SILVA, Jennifer Catarine da; NASCENTE, Renata Maria Moschen. Percepções de uma equipe escolar sobre a educação em direitos humanos e mediação de conflitos. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, SP, v. 32, n. 65, 2022. Link de acesso: <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.v32.n.65.s15342> . Acessado em 20 de setembro 2024.

SILVA, Luis Henrique; OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio. Contribuições do projeto piloto à coleta de dados em pesquisas na área de educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 1, p. 225–245, 2015. DOI: 10.21723/riaee.v10i1.7584. Disponível em: [Vista do Contribuições do projeto piloto à coleta de dados em pesquisas na área de educação \(unesp.br\)](#) . Acessado em: 22 de janeiro de 2024.

SILVA, Rui Barreto da. VILLALBA, Osvaldo Arsênio. Indisciplina na Escola: Uma Análise dos fatores de Influência no interior do Ceará, Brasil. **Id on Line Rev. Mult. Psic.** V.12, N. 41, p. 583-612, 2018 - ISSN 1981-1179. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v18i71.4013> . Acessado em: [Vista do Indisciplina na](#)

Escola: Fatores que influenciam sua Construção e Desconstrução no Município de Banabuiú – Ceará – Brasil (emnuvens.com.br) . Acesso em: 20 de outubro de 2023.

SOARES, Carmen Lúcia. TAFFAREL, Celi. VARJAL, Elizabeth. CASTELLANI Lino, Filho. ESCOBAR, Micheli Ortega, BRACHT, Valter. (Coletivo de Autores) **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo. Cortez, 1992. 119 p.

SOUZA, Hadamo Fernandes de, COSTA, Jonatas Maia da. **A exclusão (normativa) em aulas de Educação Física**: enfrentando a indisciplina por meio do modelo de ensino sport education. Motrivivência, (Florianópolis), v. 32, n. 63, p. 01-21, julho/dezembro, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e73650> . DISPONIVEL EM: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e73650> . Acessado: 19 de março de 2024.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Educação Física escolar e a questão de gênero. In: Albuquerque, Denise Ivana de Paula. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020. <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf> . Acessado em: 16 de abril de 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2018. ISBN-10 8524917164, 136 p.

THOMAS, Jerry R. NELSON, Jack K. SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física** [recurso eletrônico] Tradução: Ricardo Demétrio de Souza Petersen. 6. ed. Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2012, 478 p.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. Novos paradigmas. Ed. Versão integral do Best-seller – São Paulo: Integrare Editora, 2013, 223 p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In)Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 17. Ed. São Paulo: Libertad, 2009. 133 p.

VELÁZQUEZ CALLADO, Carlos. **Educação para a paz**: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Santos: Projeto Cooperação; WAK, 2004. 160 p.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva; MALDONADO, Daniel Teixeira; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus.; FREIRE, Elisabete dos Santos. **Pesquisa participante na Educação Física Escolar**: o estado da arte. Movimento, [S. l.], v. 28, p. e28059, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.120865. Disponível em: [Pesquisa participante na Educação Física Escolar: o estado da arte | Movimento \(ufrgs.br\)](https://revista.ufrgs.br/movimento/article/view/120865) . Acessado em: 22 de janeiro de 2024.

VIANA, Gardênia Coelho; BRAZ, Iris Caroline Mendes; FERNANDES, Maria Petrília Rocha; DE SOUSA, Mariana Hévila Oliveira; LOURENÇO, Milena Karine de Sousa; DE SOUSA, Ronyelle Alves. Abordagem Construtivista na Educação Física Escolar: Contribuições da Obra de João Batista Freire. In: **Abordagens da educação física escolar**: da teoria à prática [recurso eletrônico] / Organizado por Heraldo Simões

Ferreira. - Fortaleza: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará: EdUECE, 2019. ISBN: 978-85-7826-754-4 (E-book). Link de acesso: Abordagens-da-educacao-fisica-ebook-2019.pdf (uece.br) . Acesso em: 07 de setembro de 2023.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP. Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2000, 623 p.

VIO, Natália Leal; FEIJÓ, Marianne Ramos; CAMARGO, Mário Lázaro. A escola e a mediação de conflitos: conceitos, origens, propostas e desafios. **Observatório De La Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 1, p. 4177-4193, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n1-220 . Disponível em <https://doi.org/10.55905/oelv22n1-220> . Acessado em 20/09/2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016. XXII, 313p.: il.; 25cm. ISBN 978-85-8429-082-6.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – (TCLE)
(CRIANÇAS).

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(CRIANÇA)

Título do Projeto: Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N° 6.812.598

Pesquisadores para contato: Arestides Pereira da Silva Júnior. (45) 99620703

Patrícia Gabriela Ampessan (45) 991099179.

Endereço de contato (Institucional): R. Pernambuco, 1777 - Centro, Mal. Cândido Rondon - PR, 85960-000

Convidamos o(a) aluno(a) a participar da pesquisa intitulada “Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais” que tem por objetivo analisar as possibilidades de inclusão dos jogos esportivos e suas manifestações como forma de minimizar situações de conflitos e indisciplina nas aulas de EF, promovendo o desenvolvimento integral dos discentes.

A pesquisa tem o propósito de contribuir para a resolução de conflitos e indisciplina ocorridos durante as aulas de EF, proporcionando um ambiente com maior segurança e melhora de aprendizagem dos discentes. Onde o(a) seu(sua) filho(a) será submetido(a) a aulas de EF com a temática jogos esportivos na abordagem construtivista para minimizar os conflitos e indisciplina, as aulas serão registradas em um diário de campo com relatos da professora sobre os principais acontecimentos durante a aula.

Para isso, o(a) aluno(a) participará de uma sequência de aulas de jogos esportivos, que será organizado na Escola Municipal Dom Pedro II, onde terá vivências de

diversos jogos esportivos, com elementos de cooperação e oposição, podendo ser realizados individualmente, em duplas ou grupos.

Os pesquisadores se comprometem a agir no sentido de que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente, semelhante a uma aula cotidiana. Salientamos que o método de coleta de dados se constituirá predominantemente a partir da observação dos pesquisadores e diálogos sobre as atitudes e comportamentos que poderão surgir durante as vivências.

Se ocorrer algum transtorno, decorrente da participação *do(a) aluno(a)* em qualquer etapa desta pesquisa, nós pesquisadores, providenciaremos acompanhamento e a assistência imediata, integral e gratuita. Havendo a ocorrência de danos, previstos ou não, mas decorrentes da participação nesta pesquisa, caberá a você, na forma da Lei, o direito de solicitar a respectiva indenização.

Também será possível a qualquer momento desistir de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que *o(a) aluno(a)* deseja deixar de participar do estudo e qualquer informação que tenha prestado será retirada do conjunto dos dados que serão utilizados na avaliação dos resultados.

Você não receberá e não pagará nenhum valor para participar deste estudo, no entanto, terá direito ao ressarcimento de despesas decorrentes de sua participação.

Nós pesquisadores garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação em todas as etapas da pesquisa e de futura publicação dos resultados. O nome *do(a) aluno(a)*, endereço, voz e imagem nunca serão associados aos resultados desta pesquisa, exceto quando você desejar. Nesse caso, você deverá assinar um segundo termo, específico para essa autorização e que deverá ser apresentado separadamente deste. As informações que *o(a) aluno(a)* fornecerem serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, você será procurado para autorizar novamente o uso.

Este documento que você vai assinar contém 02 páginas. Você deve vistar (rubricar) todas as páginas, exceto a última, onde você assinará com a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado a você em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso você precise informar algum fato ou decorrente da sua participação na pesquisa e se sentir desconfortável em procurar o pesquisador, você poderá procurar pessoalmente o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h00 as 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, você pode entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br ou pelo telefone do CEP que é (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do responsável:

Assinatura:

Eu, **Arestides Pereira da Silva Júnior**, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (e/ou responsável).

Assinatura do pesquisador:



Marechal Cândido Rondon, 17 de março de 2024.



APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO – (TA)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE ASSENTIMENTO – TA (Crianças $\geq$ 07 anos de idade)

Título do Projeto: Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Pesquisadores para contato: Arestides Pereira da Silva Júnior. (45) 99620703

Patrícia Gabriela Ampessan (45) 991099179.

Endereço de contato (Institucional): R. Pernambuco, 1777 - Centro, Mal. Cândido Rondon - PR, 85960-000

Convidamos você a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de investigar como os jogos esportivos, por meio de uma abordagem construtivista, pode contribuir na resolução de conflitos e indisciplina discente nas aulas de EF dos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso você terá de participar de uma sequência de aulas, que será organizada na Escola Municipal Dom Pedro II, durante suas aulas de Educação Física, onde terá experiências em jogos esportivos de invasão.

Para participar deste estudo, o seu responsável legal deverá autorizar a sua participação mediante a assinatura de um Termo de Consentimento. A não autorização do seu responsável legal invalidará este Termo de Assentimento e você não poderá participar do estudo.

Durante a execução do estudo os pesquisadores se comprometem a agir no sentido que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente, semelhante a uma aula cotidiana. Salientamos que o método de coleta de dados se constituirá predominantemente a partir da observação dos pesquisadores e diálogos sobre as atitudes e comportamentos que poderão surgir durante as vivências.

Para questionamentos, dúvidas ou relatos de acontecimentos os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento pelo telefone.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do projeto: Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Nome do participante:

Assinatura:

Eu, Arestides Pereira da Silva Júnior, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Marechal Cândido Rondon, _____ de _____ de 2024.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – (TCLE)
(DOCENTE)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP
04/08/2000

Aprovado na
CONEP em

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (DOCENTE)

Título do Projeto: Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N° 6.812.598

Pesquisadores para contato: Arestides Pereira da Silva Júnior. (45) 99620703

Patrícia Gabriela Ampessan (45) 991099179.

Endereço de contato (Institucional): R. Pernambuco, 1777 - Centro, Mal. Cândido Rondon - PR, 85960-000

Convidamos *o(a) docente(a)* a participar da pesquisa sobre “Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais” que tem por objetivo analisar as possibilidades de inclusão dos jogos esportivos e suas manifestações como forma de minimizar situações de conflitos e indisciplina nas aulas de EF, promovendo o desenvolvimento integral dos discentes.

Para que isso ocorra você será submetido a entrevista semiestruturada e roteirizada, antes e após a intervenção. Os pesquisadores se comprometem a agir no sentido que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente. Se ocorrer algum transtorno, decorrente de sua participação em qualquer etapa desta pesquisa, nós pesquisadores, providenciaremos acompanhamento e a assistência imediata, integral e gratuita. Havendo a ocorrência de danos, previstos ou não, mas decorrentes de sua participação nesta pesquisa, caberá a você, na forma da Lei, o direito de solicitar a respectiva indenização.

Também você poderá a qualquer momento desistir de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja deixar de participar da pesquisa e qualquer informação que

tenha prestado será retirada do conjunto dos dados que serão utilizados na avaliação dos resultados.

Você não receberá e não pagará nenhum valor para participar deste estudo, no entanto, terá direito ao ressarcimento de despesa decorrentes de sua participação.

Nós pesquisadores garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação em todas as etapas da pesquisa e de futura publicação dos resultados. O seu nome, endereço, voz e imagem nunca serão associados aos resultados desta pesquisa, exceto quando você desejar. Nesse caso, você deverá assinar um segundo termo, específico para essa autorização e que deverá ser apresentado separadamente deste.

As informações que você fornecer serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, você será procurado para autorizar novamente o uso.

Este documento que você vai assinar contém 02 páginas. Você deve vistar (rubricar) todas as páginas, exceto a última, onde você assinará com a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado a você em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso você precise informar algum fato ou decorrente da sua participação na pesquisa e se sentir desconfortável em procurar o pesquisador, você poderá procurar pessoalmente o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h00 as 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, você pode entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br ou pelo telefone do CEP que é (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do participante da pesquisa:

Assinatura:

Eu, Arestides Pereira da Silva Júnior, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante.

Assinatura do pesquisador:

A handwritten signature in black ink, consisting of stylized, overlapping loops and strokes, representing the name Arestides Pereira da Silva Júnior.

Marechal Cândido Rondon, 17 de março de 2024.

APÊNDICE D1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

As entrevistas acontecerão em um espaço denominado “sala de hora atividade”, localizado na Escola Municipal Dom Pedro II, Matelândia, Paraná, durante os meses de setembro a dezembro de 2024 (uma antes e outra após a intervenção), com os professores do quinto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, objetivando conduzir questões que descrevam o comportamento de indisciplina e/ou conflitos na turma, sendo aplicada antes e após o início e término da aplicação das aulas, retratando sua eficácia ou não. A entrevista se estrutura a partir de perguntas abertas e requer um grau mínimo de estruturação, em que selecionamos algumas questões que irão nortear o diálogo.

Roteiro de entrevista semiestruturada para ser realizada antes da aplicação do projeto de pesquisa aos professores regentes da turma do 5º ano.

1. Você percebe ou percebeu atos de indisciplina e conflitos por parte dos discentes do quinto ano? Comente sobre:
2. Quais são os tipos mais comuns de indisciplina que você encontra?
3. Essa indisciplina e/ou conflitos, você percebe se ocorrem após a aula de EF?
4. A indisciplina e/ou conflitos é mais incidente entre os meninos ou as meninas? Comente sobre.
5. Quais recursos ou apoio você acha que podem ajudar a melhorar a disciplina dos discentes na sala de aula?
6. Como os conflitos e indisciplina na sala de aula afetam o ambiente de aprendizado?
7. Você tem alguma sugestão para melhorar a disciplina dos alunos e reduzir os conflitos em sala de aula?

APÊNDICE D2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista realizada com os docentes do 5º ano, após a aplicação do projeto de pesquisa.

- 1- Ocorreram indisciplinas e/ou conflitos dos alunos em sala de aula após as aulas de EF?
- 2- Você pode perceber melhora nas atitudes dos alunos quanto a indisciplina e/ou conflitos? Comente.
- 3- Houve diminuição nos casos de indisciplina e/ou conflitos dos discentes do 5º ano?
- 4- Você acredita que a aplicação do projeto de pesquisa que trabalhou esta temática apresentou resultados positivos para esta turma? Comente.

APÊNDICE E – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante acontecerá no espaço da “Sala de Aula e/ou Quadra”, localizado na Escola Municipal Dom Pedro II, Matelândia, Paraná, durante os meses de setembro a dezembro de 2024, com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, objetivando constatar a diminuição da indisciplina e/ou conflitos discentes, através de jogos esportivos de invasão, com a abordagem construtivista, buscando a melhora nas atitudes e comportamentos, que indiquem se:

Data:

Horário:

Local:

Número de alunos:

Presentes:

Ausentes:

Conteúdo:

Objetivo da aula:

Experiências prévias dos alunos em relação ao conteúdo.

Situações de indisciplina e/ou conflitos durante a aula.

Alternativas propostas pelos alunos para a resolução dos problemas deparados.

Situações de ensino dos jogos de invasão.

Dificuldades/limitações da aula.

Possibilidades e potencialidades da aula.

Atitudes, comportamentos e reações apresentadas pelos alunos na aula.

Os objetivos foram atingidos?

Os alunos foram participativos e ativos no processo de ensino aprendizagem?

Outras considerações.

A partir da interação dos participantes e da pesquisadora, poderão surgir outras situações, além das mencionadas, que tocam em questões sensíveis para além do aparente, neste sentido será tomado nota e as informações constituirão um diário reflexivo que servirá como banco de dados que fundamentará o estudo.

Considerações da pesquisadora.

Data: ____/____/____

APÊNDICE F – PLANOS DE AULA PROJETO PILOTO

Planos de aulas projeto Piloto aplicados nas aulas de Educação Física na Escola Municipal Dom Pedro II em 2024.

Plano 1.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Promover os Jogos esportivos de invasão, buscando o entendimento das regras básicas e objetivos destes.
INTRODUÇÃO
Apresentação dos Jogos de Invasão em uma roda de conversa; promovendo a curiosidade para que, os alunos falem o que sabem sobre os jogos e esportes de invasão, tendo como espinha dorsal as seguintes perguntas: Para vocês o que são os jogos e esportes de Invasão? Vocês sabem quais os objetivos dos jogos e esportes de invasão? Identificar os jogos e esportes de invasão através de imagens (neste a professora apresenta alguns recortes de imagens para que possam dizer quais são esportes de invasão). Quais vocês conhecem e/ou já jogaram? Vamos praticar alguns conhecidos e outros não tão conhecidos? Vamos selecionar os jogos que vamos trabalhar no trimestre? Iniciando com uma atividade de aquecimento, um pega-pega com três pegadores: três alunos iniciam a atividade sendo pegadores (escolhidos aleatoriamente), enquanto os outros são fugitivos, ao serem pegos trocam de função com quem pegou. Após um tempo de realização, a professora faz uma intervenção para contextualizar: Existe alguma semelhança desta atividade com os jogos e esportes de invasão? Quais?
DESENVOLVIMENTO
Realizar o jogo Pique bandeira: Realizar a divisão da turma em duas equipes, cada equipe deverá ocupar seu lado da quadra defensiva, enquanto a outra do outro lado. O objetivo é que cada equipe consiga capturar a bandeira passando pelo espaço adversário sem serem pegos, capturando a bandeira e retornando para seu campo. Aquele que for pego deve ficar congelado, podendo sair, se um companheiro não congelado tocar para descongelar. O jogo termina quando a Bandeira é trazida para o seu campo, somando um ponto a equipe, ou quando todos da equipe adversária forem congelados, ficando sem chance para atacar ou defender os espaços. Após uns minutos de prática, a professora para o Jogo e questionará se estão conseguindo realizar o Jogo e a aula? Qual é o objetivo deste jogo? Todos estão participando? O que é possível melhorar para jogar? Após esse breve momento, retomar o Jogo com as adaptações.

CONCLUSÃO
Roda de conversa: Quais foram os conteúdos apreendidos? O que foi mais difícil? Todos participaram? Todos podem buscar a bandeira ao mesmo tempo? É possível modificar alguma regra? Existem possibilidades de estratégias para esse jogo?
RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, cones, bandeiras, coletes.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

Plano 2.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver as características de cada discente dentro da estrutura do jogo, quem é líder e/ou liderado.
INTRODUÇÃO
Realizar uma roda de conversa sobre o que foi trabalhado na aula anterior. Qual o objetivo dos jogos de invasão? Possuem estratégias? O jogo Pique bandeira tem qual objetivo? Para a atividade de aquecimento, propor a atividade para desenvolver a proteção de um objeto ou objetivo, onde será “proteja o alvo”: em duplas, um será aquele que deverá capturar o objeto e outro o que protegerá este, para não ser capturado. Professora estimula e orienta sobre as questões de cuidados para não haver choque de cabeça com cabeça ou outra parte do corpo que possa machucar. Inicia a atividade, após o êxito de quem captura ou um tempo, troca-se as funções. Após um período, professora questiona se é possível realizar de outra forma, por exemplo com apenas um braço, verificando a resposta dos alunos e propondo a realização se necessário. Depois, solicita aos educandos que produzam formas diferentes de realizar, adaptando as regras, conforme a necessidade. Ao criarem novas formas, compartilhar com os colegas para que possam experimentar.
DESENVOLVIMENTO
Relembrar as atividades da aula anterior, regras do jogo Pique Bandeira, se é possível serem modificadas, adaptadas. Se sim, quais seriam as ideias de adaptações? Ir para a prática com as adaptações criadas pelos alunos. Jogando o Pique Bandeira: Realizar a divisão da turma em duas equipes, cada equipe deverá ocupar seu lado da quadra defensiva, enquanto a outra do outro lado. O objetivo é que cada equipe consiga capturar a bandeira passando pelo espaço adversário sem serem pegos, ao capturar a bandeira deve retornar para seu campo sem serem pegos. Aquele que for pego deve ficar congelado, podendo sair se um companheiro não congelado tocar nele. O jogo termina quando a Bandeira é trazida para o seu campo, somando um ponto a equipe, ou quando todos da equipe adversária forem colados, ficando sem chance para atacar ou defender os espaços. Em alguns momentos, realizar uma pausa com os alunos. Questionando: Qual é o objetivo do jogo? Quem está organizando a sua equipe? Como a equipe pode defender? O que deve ser feito quando o adversário invadir o espaço de sua equipe? Retomar o jogo. Problematizando: Deixar que vivenciem com estes outros objetos (Jornais, bolas murchas, balões, arcos, entre outros) substituindo as bandeiras, proporcionando aos alunos oportunidades de encontrar formas diversificadas de conquistar seus objetos/bandeiras.

CONCLUSÃO
Ao final, na roda de conversa a professora questiona como foi a experiência de realizar com outros materiais? Usaram as mesmas estratégias? Foi possível todos participarem? Se não, como é possível colocar todos para participar? O que chamou mais atenção no Jogo? É possível modificar algo ainda para a próxima prática? Quais estratégias usaram? Quais as estratégias que mais deram certo?
RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, bandeiras, coletes, bolas, jornais, balões, arcos.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

Plano 3.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Trabalhar a cooperação em equipe.
INTRODUÇÃO
Iniciar com uma roda de conversa, sobre as aulas anteriores, o que eles acreditam que pode ser modificado para que todos possam participar? Após a roda de conversa, a turma será dividida em duas equipes para jogar o Jogo da Velha, cada equipe fará sua fila. O objetivo é vencer o Jogo da Velha da equipe adversária. Cada aluno em sua ordem na fila, deve pegar uma bola deslocar-se no trajeto indicado e colocar a bola no jogo da velha, retornar para sua fila e liberar o próximo colega para jogar. Após um tempo de prática, perguntar se é possível deixar este jogo mais cooperativo? Como? Realizar a prática. Após propor que o primeiro da fila pegue uma das bolas que correspondem a sua equipe, pare em frente sua fileira, jogue entre as pernas de sua equipe para que a bola chegue ao último da fila, que será quem irá colocar a bola no jogo da velha (após jogar a bola entre as pernas o integrante da equipe se posiciona na frente da fileira). Ao retornar deve pegar outra bola de sua equipe, jogar entre as pernas de seus colegas para o último dar sequência na atividade. Após a realização da atividade, qual foi a maior dificuldade? Jogo da Velha é individual ou coletivo?
DESENVOLVIMENTO
Relembra-se o jogo Pique bandeira realizado nas aulas anteriores. A professora questiona os alunos se é possível trocar o objeto a ser buscado por uma pessoa? Propõe que experimente desta forma, realizando então o jogo com uma pessoa que é conhecido como “Liberte a Fera” (Fonseca, 2024). Jogo Liberte a Fera: O objetivo é que cada equipe consiga libertar sua fera, passando pelo espaço adversário sem serem pegos, dando a mão ao discente que é a “fera”, retornando para seu campo sem serem pegos(as). Se forem pegos(as), quem é a fera retorna para a prisão e seu(sua) colega deve ficar congelado(a), podendo sair se um(a) companheiro(a) não congelado(a) tocar nele(a). O jogo termina quando a Fera é libertada somando um ponto a sua equipe, ou quando todos da equipe adversária forem colados(as), ficando sem chance para atacar ou defender os espaços. Após algum tempo de realização, propor a troca de regras para a libertação da Fera. Professora incentiva que os discentes busquem alterar e formular novas regras, fazendo com que mais alunos participem da atividade. Perguntando: Há possibilidade de a libertação da Fera ser mais coletiva? Exemplo, dois colegas para libertar a Fera.

Quando ocorrerem discórdias entre os combinados das regras, professora deve propor aos discentes refletirem e encontrarem soluções que possam ser aplicadas a cada situação.

Deixar que realizem a vivência com as novas regras.

CONCLUSÃO

Roda de conversa: É fácil modificar as regras para jogar Liberte a Fera? O que foi mais difícil? Todos participaram? É possível modificar alguma regra para favorecer a Cooperação? Quais estratégias usaram na equipe?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, coletes, giz/arcos, bolas, cones.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), Fonseca (2024), González *et al.* (2014).

Plano 4.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Trabalhar as estratégias dos jogos em equipes, cooperação entre os participantes.
INTRODUÇÃO
Iniciar com a roda de conversa sobre as aulas anteriores, como é possível trabalhar em equipe? Qual a função de cada um? Todos têm a mesma? Atividade de aquecimento, Roube a fita dos colegas: cada aluno(a), recebe um pedaço de TNT (fita) da cor correspondente a sua equipe, deve prender ao lado do corpo na cintura. Cada criança deve capturar a fita de seus colegas (preferencialmente da equipe adversária) e proteger para que a sua não seja capturada. Vencendo a equipe que conquistar mais fitas da equipe adversária. Refazendo o jogo após conversa para estimular a cooperação na equipe. Como podem se ajudar?
DESENVOLVIMENTO
Após a atividade de aquecimento, são lembradas as regras do Liberte a Fera. Partindo de um debate sobre novas regras para realizar o Jogo Liberte a Fera, como espaços a serem usados pelas equipes invasoras, considerados piques ou zonas de escapes. O Jogo Liberte a Fera: O objetivo é que cada equipe consiga libertar sua fera, passando pelo espaço adversário sem serem pegos, dando a mão ao discente que é a “fera”, retornando para seu campo sem serem pegos. Se forem pegos, quem é a fera retorna para a prisão e seu(sua) colega deve ficar congelado(a), podendo sair se um(a) companheiro(a) não congelado(a) tocar nele(a). O jogo termina quando a Fera é libertada somando um ponto a sua equipe, ou quando todos da equipe adversária forem colados(as), ficando sem chance para atacar ou defender os espaços. No campo adversário são colocados colchonetes/tatames, que serão áreas de escape da equipe oposta. Após um período de realização, os alunos são questionados de: como o jogo pode ser mais cooperativo dentro da equipe? Todos fazem a mesma função? Quando um perde a equipe inteira perde? Qual regra pode ser adicionada ou tirada? Fazendo com que os alunos encontrem respostas e as testem no jogo.
CONCLUSÃO
Roda de conversa: Quais foram os conteúdos apreendidos? O que deve acontecer com cada equipe no Jogo Liberte a Fera? Quais estratégias deram certo? Quais não? Qual a maior facilidade encontrada? E a maior dificuldade?
RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, pedaços de TNT (fita), coletes.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), Fonseca (2024), González *et al.* (2014).

Plano 5.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Realizar jogos com pequenos objetivos a serem atingidos, iniciando o jogo de basquetebol (passes e arremessos).
INTRODUÇÃO
Iniciar com uma roda de conversa sobre os jogos esportivos de invasão, questionando se todos são jogados da mesma forma e com as mesmas regras? Vamos praticar outro jogo além do pique bandeira e liberte a fera. Atividade de aquecimento: alunos divididos em duplas, cada dupla com uma bola, o jogo é de passe e arremesso na cesta. Funcionando da seguinte forma: a dupla deve trocar passes entre si, ao sinal da professora, quem estiver com a bola deve direcionar-se para a cesta mais perto e realizar o arremesso. Quem não estiver com a bola deve tentar impedir, marcando e/ou roubando a bola de seu(sua) colega. Realiza-se diversas vezes. Importante ressaltar sobre olhar para frente, para os lados, pois podem acontecer de encontrar outras duplas e devem desviar. Variar o tamanho e peso da bola para realizar a experimentação. Após um tempo de atividade de aquecimento, professora pede aos alunos qual é o jogo esportivo que eles estão praticando? (resposta esperada: Basquete) Sabem as regras? Como pode ser jogado? Vamos praticar este esporte?
DESENVOLVIMENTO
Jogo do Bobinho (em trios): Cada trio com uma bola, devem escolher quem inicia sendo o bobinho, enquanto os outros dois devem passar a bola entre si evitando que quem seja o bobinho toque na bola. Se caso isso acontecer quem fez o passe ou perdeu a bola, passa a ser o novo bobinho. Nesta atividade procurar variar a bola (tamanho, peso). Depois de um tempo, propor o Jogo do basquetebol (2x2): divididos em grupos de 4 alunos onde dois jogam contra dois, o jogo é conseguir realizar o arremesso na cesta para pontuar. A professora dividi a quadra em 4 partes, onde dois jogos são realizados na cesta grande e outros dois são realizados dentro dos pneus empilhados (quatro ou cinco pneus) fazendo uma cesta adaptada. Neste jogo tem-se apenas uma cesta para ser jogada, as duas equipes adversárias arremessam na mesma cesta. Após um tempo de vivência, professora troca de lugares os participantes, para variar a cesta a ser acertada. Como também questiona, como está a experiência do jogo? É fácil acertar a cesta? Como é possível trocar passes e conseguir o arremesso? No jogo de Basquetebol pode andar com a bola na mão? Como pode ser capturada a bola? Retornando a prática.
CONCLUSÃO

Roda de conversa: Quais foram as facilidades e dificuldades na prática do Basquetebol? É possível realizar de outra forma os jogos? Todos jogam com a mesma intensidade? Há cooperação no jogo?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, pneus.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 6.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver a mobilidade para o jogo, aparecendo para receber o passe.
INTRODUÇÃO
Iniciando com a roda de conversa sobre o Basquetebol, praticado na aula anterior. Questionando o que é preciso para jogar? Jogamos sozinhos? Qual o objetivo do jogo? Atividade de aquecimento, Passe pelas portas se puder: dividir os alunos em duas turmas, uma será a que iniciará a atividade ficando dentro das “portas” os pegadores ou protetores (portas: são espaços limitados entre dois cones formando um pequeno espaço entre eles, que devem ser passados pelos alunos com bola). Cada porta terá um pegador ou protetor. Os outros alunos cada um receberá uma bola. O jogo é realizado com os alunos de posse de bola quicando-as para conseguir passar por mais portas sem ser pego por quem está nela. Se isso ocorrer, os alunos devem trocar de lugar e função. Após a realização da atividade de aquecimento. Perguntar qual foi a dificuldade e a facilidade em realizar a atividade? O que poderia ser adaptado para melhorar a performance de cada um? Tem semelhança com o jogo de Basquetebol, praticado na aula anterior?
DESENVOLVIMENTO
Conversar sobre o jogo de basquetebol realizado na aula anterior. O que é possível modificar para jogar ele? Como jogamos o basquetebol? Como ajudamos nossos companheiros? Jogo do 3x3, onde o objetivo é realizar passes consecutivos. A equipe que conseguir realizar 10 (dez) passes consecutivos contabiliza um ponto, quem atingir três pontos primeiro vence o jogo. O jogo acontece na quadra toda, com vários grupos realizando ao mesmo tempo. Após esse primeiro jogo, discutir com os(as) alunos(as) o que é preciso para receber a bola? O que é necessário olhar para realizar o passe? Quais as possibilidades? Dificuldades? Realizar novamente o Jogo do 3x3, tendo como adaptação dois espaços (círculos desenhados com giz no chão) onde ao receber nestes espaços, o passe vale três passes na contagem ao invés de apenas um. Pontuando quando fechar dez passes consecutivos (González et.al, 2014). Conforme o jogo vai acontecendo, a professora acrescenta outras problematizações, como por exemplo, não pode entrar no mesmo espaço seguidamente, ou não pode repetir o(a) mesmo(a) jogador(a). Para que busquem outras respostas aos problemas apresentados.
CONCLUSÃO

Roda de conversa: Sobre os ocorridos nas atividades, o que pode ser modificado foi bom para o jogo? Todos puderam participar no jogo? Como é mais fácil receber o passe? O que é preciso observar para receber ou passar?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, giz.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 7.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Trabalhar a cooperação em equipe e objetivos do basquetebol, deslocamentos, passe e arremessos.
INTRODUÇÃO
Iniciar com a roda de conversa sobre as aulas anteriores, o jogo de basquetebol. O que aprenderam? Qual o objetivo do jogo? Atividade de aquecimento com o Jogo do coopere e pegue o colega: grupos de 4 alunos(as), onde um será o(a) fugitivo(a) e os outros pegadores(as), este devem trocando passe encostar a bola no(a) fugitivo(a), ao encostar troca o fugitivo indo outro em seu lugar. Importante frisar para que não se desloquem com a bola, sendo necessário o deslocamento sem ela. Após um tempo de vivência propor que usem um espaço reduzido/limitado para cada equipe, fazer a realização do mesmo jogo (González, 2014). Após um tempo de atividade, questionar onde foi mais fácil de realizar? No espaço amplo, quadra toda ou no espaço reduzido? O espaço amplo todas as equipes jogaram misturada, no espaço pequeno apenas a sua equipe.
DESENVOLVIMENTO
Continuando a trabalhar com os jogos do basquetebol, relembrar atividades já realizadas, os alunos devem encontrar respostas para os problemas trazidos pela professora aos jogos já realizados e os que serão realizados. Jogo do 3x3 cooperativo (ou 4x4): cada equipe deve realizar no mínimo três passes antes de arremessar na cesta. Para este jogo é dividido a quadra em três espaços distintos, cada espaço realizam o jogo em uma única cesta (González, 2014). Adaptando-se cestas com pneus empilhados. Após a realização por um tempo breve, questionar sobre como é possível receber a bola? Como deve se comportar para o passe quem está de posse de bola? Para quem passar? Houve passe para quem estava marcado, enquanto havia colegas livres de marcação? O que é necessário para enxergar o jogo e as movimentações dos(as) companheiros(as)? Realizar novamente o jogo do 3x3/4x4 cooperativo (anterior): observando se melhoraram a colocação, passe, cooperação com os(as) companheiros(as). Podendo variar a regra se necessário, para que não possa ser devolvido o passe para o colega que o realizou e/ou todos devem passar antes de poder fazer o arremesso, conforme forem surgindo as necessidades de adaptações e interesse por elas por parte dos alunos.
CONCLUSÃO

Roda de conversa: É fácil jogar coletivamente? O que foi mais difícil? Todos participaram? É possível modificar alguma regra para melhorar o jogo?
RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, bolas, coletes, pneus, cones.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

Plano 8.

IDENTIFICAÇÃO
TURMA(S): 4º ANO B
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS
OBJETIVOS DA AULA: Realizar o jogo de basquetebol 3x3 onde todos possam vivenciar a modalidade esportiva coletiva, respeitando as regras e colegas.
INTRODUÇÃO
Iniciar com a roda de conversa sobre as atividades desenvolvidas na aula anterior sobre o basquetebol. Como é possível melhorar o jogo? E cooperar? Atividade de aquecimento, Jogo do leve quantas bolas conseguir para o lado oposto: o jogo consiste em duas equipes opostas, que devem levar o máximo de bolas possíveis até o final da quadra adversária, as bolas estarão postas pela quadra. A principal regra é que não pode se locomover com a bola, sendo necessário realizar o passe. A equipe que conseguir levar mais bolas vence. Lembrando que não é possível roubar a bola do adversário, apenas interceptá-la em sua trajetória do passe. Após um tempo de prática, questionar: Jogo sozinho ou jogo em equipe? Após o debate, explicar que o passe é essencial no jogo. É possível jogar sozinho(a)? Como não perder a posse de bola?
DESENVOLVIMENTO
Agora pensando no que conversamos, vamos realizar o mesmo jogo anterior, porém arremessando a bola na cesta, acertando a cesta vale dois pontos, errando vale um. Após a realização em um determinado tempo, a professora problematiza o jogo dando ênfase no trabalho em equipe, onde se a bola passar por todos a cesta valerá o dobro, ou seja, quatro pontos. Na aplicação da atividade, são colocados novos problemas para que os alunos possam encontrar soluções. Como por exemplo, jogando em duplas de mãos dadas. Modificando a cesta fixa por uma cesta móvel (um integrante da equipe ou equipe adversária com um arco, segurando para realizarem o arremesso, podendo ou não se locomover). Após algum tempo de prática, o jogo é interrompido, para refletir sobre o próprio jogo, seu andamento, regras, facilidades e dificuldades, modificações, adaptações. O que proporcionou a participação de todos? O que excluiu? Houve cooperação? Foram respeitadas as regras e combinados? Retomando após breve discussão.
CONCLUSÃO
Ao final da aula, propor que os alunos falem sobre as dificuldades e facilidades que tiveram nos jogos. Importância de jogar com os(as) companheiros(as), e questionando se é possível tirar vantagens no jogo quando usado o jogo em equipe?

RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, bolas, coletes.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

APÊNDICE G – RESULTADOS DA PESQUISA PILOTO

O Projeto Piloto, autorizado pela diretora da unidade escolar, foi realizado com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais no período da tarde, pertencentes à escola Municipal Dom Pedro II, e contou com a participação de 16 estudantes. Os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)(discente) (Apêndice A) e os alunos assinaram o Termo de Assentimento (TA) (Apêndice B).

Para iniciar a aplicação do projeto, os termos de consentimento foram enviados aos responsáveis para autorização da participação dos alunos. Enquanto aguardava o retorno dos termos, foi aplicada uma entrevista pré-aplicação de atividades (Apêndice D1) à professora regente da turma, que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (docentes) (Apêndice C) para docentes. A aplicação ocorreu apenas com uma professora, pois os demais docentes são responsáveis pela turma do 5º ano, onde será aplicado o projeto final.

Ao iniciar a entrevista, foi perguntado à professora: “Você percebe ou percebeu atos de indisciplina e conflitos por parte dos discentes do quarto ano? Comente sobre:”, em sua resposta disse que “a minoria” (Transcrição p. 1), e que a maioria dos alunos eram bem disciplinados. Percebe-se que o conceito de indisciplina é amplo, porém, a fala da professora remete-nos ao conceito de que menciona Castro (2023) que “Disciplina é a capacidade do indivíduo de obedecer a um conjunto de regras. Alunos que apresentam comportamento adequado.”

A segunda questão indagada foi “Quais os tipos mais comuns de indisciplina que você encontra?”. A resposta da professora é que são briguinhas entre os discentes, normalmente, agressão verbal, por não concordarem com a opinião dos outros. Para Arantes (2015) é “a necessidade de se sentir superior”. Podendo ser tratado como respeito as diferenças, as quais podemos citar a diferença de opinião neste caso, o que para Dourado (2020), a escola é um lugar de diálogo, de convivência humana harmoniosa e respeitosa.

A terceira questão onde questiona, se a indisciplina é um fato que tem sua incidência após as aulas de EF? O que a professora aponta é que “pode acontecer a qualquer momento, até mesmo em dias que não tem EF”, demonstrando a indisciplina externa às atividades desenvolvidas. Partimos da divisão entre os conflitos internos e externos às práticas corporais realizadas na EF. Sendo que, para Marques (2019),

este relato de indisciplina pode ocorrer em outros ambientes, sem ter relação com os jogos esportivos.

Para a quarta pergunta: “A indisciplina e conflitos é mais incidente entre os meninos ou as meninas? Comente sobre:”. A professora respondeu que “mistura”, que normalmente é “um menino que briga com o resto da sala”. O que se acredita é que é uma característica trazida e arraigada pela sociedade, que vê e interpreta situações de forma diferente, dependendo do gênero. Esta rotulação de indisciplina pela lógica externa é trazida para Marques (2019) como característica de origem social, histórico e cultural em nossa sociedade.

Para a quinta pergunta, a professora é questionada sobre “O que usa de recurso para resolução de problemas de indisciplina e conflitos, como também o que poderia ajudar a melhorar a disciplina dos discentes em sala de aula?”. A professora traz uma resolução e mediação de conflitos através do diálogo, e caso não consiga solucionar passa a seus superiores, se não resolver, a última tentativa é uma conversa com os pais. E em relação ao que poderia ajudar, a entrevistada afirma que seria a presença de um psicólogo dentro da instituição escolar.

“Como os conflitos e indisciplina na sala de aula afetam o ambiente de aprendizado?”. A docente aponta que a sala fica agitada, nervosa e os alunos não conseguem prestar atenção ao andamento da aula. Para Mendes, Santos e Paula (2012), estes afirmam que os professores, de forma geral, apontam para uma aprendizagem parcial ou totalmente limitada quando ocorrem as indisciplinas, como é o caso em que a professora relata. Outro que aponta para a mesma direção é Arantes (2015), que afirma haver uma diminuição da produtividade da turma, dificultando, principalmente, a aprendizagem do aluno disciplinado.

A sétima pergunta é “Você tem alguma sugestão para melhorar a disciplina dos alunos e reduzir os conflitos em sala de aula?”. Para a professora é necessário que haja conversas, diálogos que possam mostrar sobre respeito, o lugar do outro, ou também que sejam desenvolvidas atividades de competição, para que eles possam aprender a ganhar e perder. Neste ponto, é possível perceber que a professora faz relação com atividades de jogos, suas consequências ao realizar, que é o ganhar e perder, aparecendo, então, os conflitos e indisciplina. Marques (2019) aponta que é importante estabelecer quais foram os conflitos, quem participou, sua motivação, quais foram as mediações aplicadas, e quais as relações do ocorrido com o jogo e as suas regras.

Com este conglomerado de situações apontadas pela professora entrevistada, foram desenvolvidos oito planos de aulas para aplicação com a turma, dentro do conteúdo de jogos esportivos de invasão. A cada aplicação realizada, a pesquisadora fez um relato em seu diário de campo reflexivo, apontando para os pontos que chamaram a atenção na observação que fez durante a aplicação das atividades, buscando seguir o roteiro de observação (Apêndice E) para acompanhar o desenvolvimento da turma.

Ao compilar, decompor, recompor e arranjar os dados obtidos na aplicação das atividades, foram encontrados e categorizados nos seguintes itens: desrespeito às regras, ganhar a qualquer custo/vencer, alteração de voz, competição exagerada, egoísmo, ser o único possuidor da razão e discordância da opinião alheia.

O desrespeito às regras é uma das categorias que se apresentou do início da aplicação até o final dos oito planos de aula. Suas principais ocorrências podem ser percebidas nas falas dos alunos, como exemplos temos:

Aluna 1 (A1): - A Maria foi colada, porém saiu da cola sem ser salva por ninguém. Capturou um cone e salvou uma colega. (Diário de Campo, plano 01, p. 01).
Aluna 3 (A3): - Professora a Maria foi colada antes de jogar a bolinha e não ficou congelada. (Diário de Campo, plano 02, p. 04).
Aluno 7 (A7): - Eles não passavam, erravam a cesta. (Diário de Campo, plano 07, p. 15).
Aluna 12 (A12): - Não vou mais jogar. Tá uma bagunça.
Professora: - Por que uma bagunça?
A12: - Não seguem as regras! (Diário de Campo, plano 08, p.17).

Esse desrespeito às regras do jogo ocasiona diversos conflitos entre os discentes. Nos estudos de Marques (2019), sobre os conflitos nas aulas de EF e dentro das atividades de jogos de handebol e futsal, apontam para situações em que a dinâmica do jogo é, intrinsecamente, relacionada aos conflitos.

Nos itens ganhar a qualquer custo/vencer e competição exagerada, temos os seguintes trechos tirados do diário:

A12: - A Maria correu sem ser salva por ninguém. (Diário de Campo, plano 01, p. 02).
Aluna 2 (A2): - Professora, nós perdemos porque ficamos brincando. (Diário de Campo, plano 03, p. 05).
A7: - Nós ganhamos mais! (Diário de Campo, plano 03, p. 06).
Aluna 6 (A6): - Yes! Vamos jogar mais. (Diário de Campo, plano 07, p.16).

Esses atos para tentar vencer de qualquer forma, pode ter relação direta com a influência externa à escola, pelas mídias, sociedade e ambiente que vive. As mídias,

na atualidade, têm influência direta no comportamento humano ao praticar os esportes modernos. Sendo que, as competições mostram a valorização, em muitos casos, do vencer a qualquer custo, não importando se para isso será necessário descumprir uma regra ou ainda desrespeitar e tirar vantagens indevidas nas regras do jogo (Bracht, 1997 e Betti, 2001, apud Marques, 2019).

Já as alterações de voz que ocorriam na tentativa de ganhar ou ser o discente que está certo sobre algo, foram momentos que se repetiram algumas vezes durante a observação. Este pode ser percebido nas anotações da professora, quando relata: “Começaram a dizer que não realizaram os passes. Entrando em uma pequena discussão entre duas equipes” (diário de campo).

Outros itens importantes a destacar é o egoísmo ser o único possuidor da razão e a discordância de opinião alheia. Vejamos:

A7: - Mas ninguém me escuta. (Diário de Campo, plano 4, p.8).

Pesquisadora: - Iniciando com o jogo da velha em equipes, os alunos dividiram-se em duas equipes para a realização do jogo. No momento para a divisão todos querem ser os capitães para escolher as equipes. (Diário de Campo, plano de aula 3, p.5).

Para Arantes (2015) que, ao indagar às professoras de turmas de 1º a 5º ano do ensino fundamental sobre os fatores que estão por trás da indisciplina, tem-se como resposta principal a necessidade de se sentir superior em relação aos outros; falta de atenção e afeto por parte dos pais; aulas monótonas. É perceptível que isso também ocorreu com a turma do 4º ano pesquisada.

Após a aplicação do projeto de pesquisa, retornou-se à professora regente para fazer o questionário após a aplicação (Apêndice D2), tendo, então, como ponto central a frase: “é preciso trabalhar a competição, o saber perder”, pois os discentes apresentam reações adversas, muitas vezes agressivas, física e verbalmente.

Ao questionar à professora: “Ocorreram indisciplinas e conflitos dos alunos em sala de aula após as aulas de EF?” A resposta da professora foi: “Professora: - Da parte de alguns que eram mais agressivos melhoraram bastante, mas alguns que não eram tão agressivos, estão mais agressivos...” (Transcrição da entrevista pós aplicação). Ao aplicar as atividades, são desenvolvidas várias características dos discentes, isso pode ter acontecido para este relato.

Na sequência, foi questionado se a professora “pode perceber melhora nas atitudes dos alunos quanto a indisciplina e conflitos?” A professora respondeu que, “Professora: - Seria mais por parte desse aluno novo que entrou e de uma colega que

bate de frente, mas dos outros, alguns que, que tinham esse problema de, de ficar se encrencando, discutindo toda hora pa, pararam.”

Para o terceiro momento, em que foi questionada se “houve diminuição nos casos de conflitos e indisciplinas dos discentes do 4º ano?” Tendo como resposta “sim”. Relatando ainda que houve uma melhora no comportamento dos alunos que eram mais agressivos.

Por fim, foi questionado se a professora “acredita que a aplicação do projeto de pesquisa que trabalhou esta temática apresentou resultados positivos para esta turma?” Sua resposta foi “sim” e, ao ser pedido para comentar, respondeu:

É, eu acho que é uma boa estratégia, porque tem alunos aí, que não sabem perder, né. Que não aceitam que outros sejam melhores que eles, ainda acho que é algo pra se continuar trabalhando. Que deu uma amenizada em alguns, mas alguns ainda necessitam de....

Esta relação direta de conflitos e indisciplinas com a aprendizagem dos discentes afeta diretamente o andamento das aulas. E essa questão é trazida na pesquisa de Becker e Muller (2012), que citam a entrevista de uma professora:

(01) Professora A: A indisciplina é o maior problema que a educação está tendo, não conseguimos elevar o nível educacional, ou seja, os conteúdos devido aos problemas de indisciplina que tanto prejudica o professor quanto os bons alunos.

Entender e trabalhar este tema é primordial para o bom andamento da aula, ao qual a escola tem a função de educação conteudista, além de promover o desenvolvimento de cidadãos capazes de conviver em sociedade.

Fazendo um apanhado geral sobre a aplicação da pesquisa, percebe-se que todos gostam de participar e praticar atividades esportivas. Porém, têm impregnados em suas essências, a competição acirrada, em que se tem que vencer, somente o melhor é reconhecido. Houveram muitos conflitos e alguns atos de indisciplina ao xingarem os colegas, faltarem com o respeito, de forma verbal, em outros momentos foram mais tranquilos.

O que chamou a atenção na aplicação das atividades foi, principalmente, a incapacidade de assimilar as regras propostas para o jogo, isso causava desentendimentos e acabavam não chegando a um acordo sobre o que acontecia. Desde o simples pegar o colega até o andar com a bola na mão, onde deixavam de seguir a regra para poder usufruir e estar no jogo, com a impressão de que se

estivessem pegos ou sem a bola, estariam fora do jogo, ou ainda, que para vencer vale tudo.

Ao observar as aulas aplicadas, percebeu-se que faltou ter uma maior participação dos alunos na construção das regras dos jogos. Essa pouca participação pode ser fator determinante para os conflitos, pois, sabe-se que essa construção ou não, apresenta sérios desdobramentos, a favor ou contra aqueles que estão participando do jogo. Importante levar em consideração o que João Batista Freire (1997) aponta sobre o jogar e suas construções de valores e personalidades.

Os alunos, de uma forma geral, demonstraram, nas primeiras aulas, uma melhora no comportamento; no último dia ocorreram conflitos mais assíduos, que acabaram não chegando a acordos, mesmo com os questionamentos reflexivos da professora. Isso fez com que a evolução conseguida, até então pelas aulas anteriores, fossem, de certa forma, questionadas, sobre se realmente houve aprendizagem e desenvolvimento.

A professora procurava contornar as ocorrências de indisciplina e conflitos com perguntas que fizessem os alunos refletirem e chegar a um acordo sobre o ocorrido, observando o que é preciso para o jogo ocorrer e todos poderem participar. Em alguns momentos, propunha situações, exemplos de forma comentada para que pudessem refletir e julgar o ocorrido, para que pudessem também identificar os atos a serem evitados para um bom andamento da aula, da sociedade, por se tratar de formas pacíficas de resolução de problemas e divergências.

É perceptível que ao discordarem ou perderem os jogos, houve uma incidência de conflitos, agressões verbais e indisciplinas. Muitas das vezes não perceptível pelos discentes como sendo ruins esses atos, ou sendo, de fato, desrespeitosos com os colegas e professora. Muitos ainda possuem egocentrismo, normalmente, trabalhado e atenuado aos sete anos de idade.

O que houve de melhora perceptível por parte da observação, é que houve uma maior conversa e aceitação sobre algum fato que ocorreu, lance do jogo, ou até mesmo a derrota nos jogos o que, anteriormente à aplicação do projeto, não ocorria.

APÊNDICE H – PLANOS DE AULA DA INTERVENÇÃO

Planos de aulas da intervenção aplicados nas aulas de Educação Física na Escola Municipal Dom Pedro II em 2024.

Plano 1.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA: 5º ANO	DATA: 02/10/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Promover a compreensão de elementos básicos dos jogos esportivos de invasão (regras, características e objetivos).	
INTRODUÇÃO	
Apresentação dos Jogos de Invasão em uma roda de conversa; promovendo a curiosidade para que os alunos falem o que sabem sobre os jogos e esportes de invasão, tendo como espinha dorsal as seguintes perguntas: Para vocês o que são os jogos e esportes de Invasão? Vocês sabem quais os objetivos dos jogos e esportes de invasão? Identificar os jogos e esportes de invasão através de imagens (neste a professora apresenta alguns recortes de imagens para que possam dizer quais são esportes de invasão). Quais vocês conhecem e/ou já jogaram? Vamos praticar alguns conhecidos e outros não tão conhecidos? Vocês conhecem outros além destes que foram apresentados? Vamos praticar? Iniciando com uma atividade de aquecimento, um pega-pega com três pegadores: três alunos iniciam a atividade sendo pegadores (escolhidos aleatoriamente), enquanto os outros são fugitivos, ao serem pegos trocam de função com quem pegou. Após um tempo de realização, professora faz uma intervenção para contextualizar: Existe alguma semelhança desta atividade com os jogos e esportes de invasão? Quais?	
DESENVOLVIMENTO	
Realizar o jogo do Pique bandeira: Realizar a divisão da turma em duas equipes, onde cada equipe deverá ocupar seu lado da quadra defensiva, enquanto a outra do outro lado. O objetivo é que cada equipe consiga capturar a sua bandeira que está atrás do espaço de seus adversários. Devem passar pelo espaço adversário, capturando a bandeira e retornando para seu campo sem serem colados em ambos os trajetos. Aquele que for congelado, deve ficar parado, podendo sair, somente se um colega da mesma equipe que não esteja congelado, encostar em quem está para salvar. O jogo termina quando a Bandeira é trazida para o seu campo, somando	

um ponto a equipe, ou quando todos da equipe adversária forem colados, ficando sem chance para atacar ou defender os espaços.

Após uns minutos da prática, professora para o jogo e questiona se estão conseguindo realizar ele? Qual é o objetivo do jogo? Se todos estão participando? E o que é possível melhorar para jogar? As regras estão sendo seguidas? Se não, o que poderia ser feito para que elas fossem seguidas?
Após esse breve momento, retomar o jogo.

CONCLUSÃO

Ao final da aula realizar a roda de conversa, para contextualizar a vivência das atividades: Quais foram os conteúdos apreendidos? O que foi mais difícil? Todos participaram? Suas regras são fáceis? É possível modificar alguma das regras do jogo? Existem possibilidades de estratégias para este jogo? As regras do jogo foram seguidas?

RECURSOS DIDÁTICOS

Imagens, fotos, recortes, coletes, bandeiras, celular para fotos ou vídeos.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017); AMOP (2019); González *et al.* (2014).

Plano 2.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA: 5º ANO	DATA: 07/10/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver a percepção de regras, soluções de problemas, características de cada docente dentro da estrutura do jogo, quem é líder e/ou liderado.	
INTRODUÇÃO	
Em uma roda de conversa retomar sobre o objetivo dos jogos de invasão, trazendo o entendimento dos alunos e sua absorção quanto ao que foi trabalhado na aula anterior. Para iniciar realizamos uma atividade de aquecimento: Atividade para desenvolver a proteção de um objeto ou objetivo, onde o jogo será “proteja o seu alvo”: em duplas, um de frente para o outro, protegendo seu objeto (cone), que está atrás de cada participante da dupla. Professora orienta sobre as questões de cuidados para não haver choque de cabeça com cabeça ou outra parte do corpo que possa machucar. Inicia a atividade. Após um período, professora questiona se é possível realizar de outra forma, como utilizando apenas um dos braços (enquanto que o outro fica para trás), verificando a resposta dos alunos propondo a realização. Depois, solicita aos educandos que produzam formas diferentes de realizar, adaptando as regras, conforme a necessidade. Ao criar essas formas, compartilham com os colegas para que possam experimentar e vivenciar suas construções. Ao final, a professora questiona sobre as semelhanças com o conteúdo jogos de invasão que estão trabalhando. Se tem semelhança? Quais? É possível adicionar alguma regra diferente? Há inclusão de todos?	
DESENVOLVIMENTO	
Relembrar a atividade da aula anterior, regras do jogo Pique Bandeira, se é possível serem modificadas, adaptadas. Se sim, quais seriam as ideias de adaptações? Ir para a prática. Jogo do Pique Bandeira. Realizar a divisão da turma em duas equipes (nesta a professora questiona: como poderíamos realizar essa divisão de forma justa e igualitária para o jogo?): cada equipe deverá ocupar seu lado da quadra defensiva, enquanto a outra do outro lado. O objetivo é que cada equipe consiga capturar a bandeira passando pelo espaço adversário sem serem pegos, capturando a bandeira e retornando para seu campo. Aquele que for pego deve ficar congelado, podendo sair se um companheiro não congelado tocar nele. O jogo termina quando a Bandeira é trazida para o seu campo, somando um ponto a equipe, ou quando	

todos da equipe adversária forem colados, ficando sem chance para atacar ou defender os espaços.

Em alguns momentos, realizar uma pausa com os alunos. Questionando: Qual é o objetivo do jogo? As regras estão sendo seguidas? Quem está organizando a sua equipe? Como a equipe pode defender? O que deve ser feito quando o adversário invadir o espaço da sua equipe? É possível realizar o pique-bandeira invertido? Como?

Buscar a prática.

Após um momento problematizar: Propor que troquem a bandeira pelos seguintes objetos: Jornais, bolas murchas, balões, arcos, entre outros, substituindo as bandeiras, buscando verificar as respostas para novos problemas encontrados.

CONCLUSÃO

Ao final, professora questiona como foi a experiência de realizar com outros materiais? Usaram as mesmas estratégias? Foi possível todos participarem? Se não, como colocar todos para participar? O que chamou mais atenção no Jogo? É possível modificar algo ainda para a próxima prática? Quais estratégias usaram? Quais as estratégias que mais deram certo?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, cones, bandeiras, coletes, jornal, bolas murchas, balões e arcos.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017); AMOP (2019); González *et al.* (2014).

Plano 3.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA: 5º ANO	DATA: 09/10/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Trabalhar a cooperação, proatividade e a busca pela melhor estratégia para desenvolver a atividade/resolvendo o problema encontrado.	
INTRODUÇÃO	
Professora faz uma roda de conversa inicial, perguntando se eles têm alguma ideia de jogo de pega-pega que tenha o objetivo parecido com os jogos de invasão. A professora incentiva a participação dos alunos. Após, sugere a prática do pega-pega galinha-cobra-raposa. Antes de iniciar pergunta: Vocês conhecem esse jogo? Já jogaram? Jogo de pega-pega “galinha, cobra e raposa”: Divididos em três equipes, cada equipe em seu espaço será denominada de um animal de nome do jogo. Professora questiona sobre quem pega quem na natureza? E seguindo a cadeia alimentar: cobra pega raposa, raposa pega galinha e galinha pega cobra. Assim, devem realizar o jogo de pega-pega. O objetivo é capturar todos os adversários sem que sua equipe sejam todos pegos. Quem for pego será prisioneiro no campo adversário (de quem o pegou), para ser salvo deverá ser tocado por um de seus companheiros de equipe. Os campos/espacos de cada equipe são em forma de triângulos, desenhados com fita crep no chão ou giz. Após um momento de realização, parar e refletir sobre: Qual o objetivo do jogo? É possível jogar sozinho? Como foi o trabalho da sua equipe? Vocês montaram estratégias para pegar os adversários e fugir dos outros? Qual foi a maior dificuldade? É possível usar outros animais para determinar o jogo? Jogar com mais grupos é possível? Qual regra é possível modificar? Praticar novamente. Relembra-se o jogo Pique bandeira realizado nas aulas anteriores. A professora questiona os alunos se é possível trocar o objeto a ser buscado por uma pessoa? Propõe que experimente desta forma, realizando então o jogo com uma pessoa que é conhecido como “Liberte a Fera” (Recriando jogos).	
DESENVOLVIMENTO	
Jogo “Liberte a Fera”: O objetivo é que cada equipe consiga libertar sua fera, passando pelo espaço adversário sem serem pegos, dando a mão ao discente que é a “fera”, retornando para seu campo sem serem pegos(as). Se forem pegos(as), quem é a fera retorna para a prisão e seu(sua) colega deve ficar congelado(a), podendo sair se um(a) companheiro(a) não congelado(a) tocar nele(a). O jogo termina quando a Fera é libertada somando um ponto a sua equipe, ou quando	

todos da equipe adversária forem colados(as), ficando sem chance para atacar ou defender os espaços.

Após algum tempo de realização, propor a troca de regras para a libertação da Fera. Professora incentiva que os discentes busquem alterar e formular novas regras, fazendo com que mais alunos participem da atividade. Perguntando: Há possibilidade de a libertação da Fera ser mais coletiva? Exemplo, dois colegas para libertar a Fera. É possível colocarmos espaços neutros/piques no campo adversário? Qual regra adicionar para esse espaço?

Quando ocorrer discórdias entre os combinados das regras, professora propõe aos discentes refletirem e encontrarem soluções que possam ser aplicadas a cada situação.

Deixar que realizem a vivência com as novas regras.

CONCLUSÃO

Roda de conversa: As regras dos jogos foram seguidas por todos? É fácil modificar as regras para jogar Liberte a Fera? O que foi mais difícil? Todos participaram? É possível modificar alguma regra para favorecer a Cooperação? Quais estratégias usaram na equipe?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, coletes, giz/arcos, fitas.

AValiação

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017); AMOP (2019); Fonseca (2024); González *et al.* (2014).

Plano 4.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 28/10/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Compreender o conceito de cooperação e sua importância em jogos de equipe, discutindo como a colaboração pode influenciar o sucesso em jogos de invasão.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar a aula com uma roda de conversa sobre o tema: Cooperação, jogo em equipe. O que é cooperação? E jogo de equipe? É possível vencer um jogo de invasão sozinho? Quem já conseguiu vencer um jogo cooperando com um colega? Como foi? Atividade de aquecimento: Roube a fita dos colegas: cada aluno(a), recebe um pedaço de TNT (fita) da cor correspondente a sua equipe, deve prender ao lado do corpo na cintura. Cada criança deve capturar a fita de seus colegas (preferencialmente da equipe adversária) e proteger para que a sua não seja capturada. Vencendo a equipe que conquistar mais fitas da equipe adversária. Refazendo o jogo após conversa para estimular a cooperação na equipe. Vocês roubaram a fita da sua própria equipe? Quem conseguiu proteger a sua equipe? Após a atividade de aquecimento, são lembradas as regras do Liberte a Fera. Partindo para o debate sobre o jogo pique bandeira, liberte a fera realizados nas aulas anteriores. Questionar: podemos usar a base desses jogos para realizar outros? Exemplo: como é o caso do leve a bola no fundo, pensando em grandes jogos.	
DESENVOLVIMENTO	
Jogo do leve a bola no fundo: O objetivo é que cada equipe consiga transportar a bola até o fundo do campo adversário, as regras vão sendo construídas com os alunos. Para iniciar, dividimos a turma em duas equipes. Aos poucos deve ser limitado o número de passos com a bola, também o número de passes para que mais alunos toquem na bola, ou ainda dividindo por pequenos tempos em que cada equipe deve dividir-se em duas para participar um tempo de cada. Após um período de realização, os alunos são questionados de: como o jogo pode ser mais cooperativo dentro da equipe? Fazendo com que os alunos encontrem respostas e as testem no jogo. É possível propor um jogo mais cooperativo? Como? Sugestão dar a mão e jogar em duplas.	

Outra forma que pode ser utilizada é o campo ou quadra ser dividida na vertical, com mais miniquadras, neste a professora deve observar como está sendo o jogo e a participação dos alunos.

CONCLUSÃO

Roda de conversa: Quais foram os conteúdos apreendidos? O que deve acontecer com cada equipe? Quais estratégias deram certo? Quais não? Qual a maior facilidade encontrada? E a maior dificuldade? Cooperar é possível no jogo?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, pedaços de TNT (fita), bolas, coletes.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 5.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 30/10/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver habilidades motoras e táticas através de jogos de invasão, promovendo a compreensão das regras, a cooperação e a disciplina entre os alunos.	
INTRODUÇÃO	
Realizar uma roda de conversa inicial, onde serão lembrados o que foi realizado nas aulas anteriores, buscando verificar a absorção do conhecimento por parte dos alunos. Entendendo e verificando se lembram os objetivos dos jogos de invasão, como devem realizar, se posicionar com bola e sem bola para ajudar os colegas e suas equipes. Propondo uma atividade de aquecimento. Atividade de aquecimento: alunos divididos em duplas, cada dupla com uma bola, o jogo é de passe e arremesso. Funcionando da seguinte forma: a dupla deve trocar passes entre si, ao sinal da professora, quem estiver com a bola deve direcionar-se para a cesta mais perto e realizar o arremesso. Quem não estiver com a bola deve tentar impedir, marcando e roubando a bola de seu(sua) colega. Realiza-se diversas vezes. Importante ressaltar sobre olhar para frente, para os lados, pois podem acontecer de encontrar outras duplas e devem desviar. Variar o tamanho e peso da bola para realizar a experimentação. Após um tempo da atividade de aquecimento, professora pede aos alunos qual é o jogo esportivo que eles estão praticando? (resposta esperada: Basquete) Sabem as regras? Como pode ser jogado? Vamos praticar.	
DESENVOLVIMENTO	
Jogo do Bobinho (em trios): Cada trio com uma bola, devem escolher quem inicia sendo o bobinho, enquanto os outros dois devem passar a bola entre si evitando que quem seja o bobinho toque na bola. Se caso isso acontecer quem fez o passe passa a ser o novo bobinho. Nesta atividade procurar variar a bola (tamanho, peso). Jogando basquetebol (2x2): divididos em grupos de 4 alunos onde dois jogam contra dois, o jogo é conseguir realizar o arremesso e a cesta para pontuar. A professora dividi a quadra em 4 partes, onde dois jogos são realizados na cesta grande e outros dois são realizados dentro dos pneus empilhados (quatro ou cinco pneus). Neste jogo tem-se apenas uma cesta para ser jogada, as duas equipes adversárias arremessam na mesma cesta. Após um tempo de vivência, professora troca de lugares, para variar a cesta a ser acertada. Como também questiona, como está a experiência do jogo? É fácil acertar	

a cesta? Como é possível trocar passes e conseguir o arremesso? No jogo de Basquetebol pode andar com a bola na mão? Retornando a prática.

CONCLUSÃO

Roda de conversa: Quais foram as facilidades e dificuldades na prática? É possível realizar de outra forma os jogos? Todos jogam com a mesma intensidade? Há cooperação no jogo?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, pneus.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014)

Plano 6.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 04/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Promover o desenvolvimento de habilidades motoras e sociais através de jogos de invasão, enfatizando a importância da disciplina, do trabalho em equipe e do respeito às regras.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa sobre a aula passada, falando sobre o basquetebol e jogos que envolvem suas regras e jogos. Vamos pensar em como desenvolver as habilidades motoras de condução, passe e arremesso? Vocês conhecem um jogo para aquecimento? Praticar a sugestão. Professora após um tempo, sugere realizar a atividade: “proteja seu gol”. Dividir os alunos em duas turmas/equipes, uma será a que iniciará a atividade ficando dentro das “portas/gols” os pegadores ou protetores (portas: são espaços limitados entre dois cones/gols, que devem ser passados na quadra). Cada porta terá um pegador ou protetor. Os outros alunos que estão nas portas cada um receberá uma bola. O jogo é realizado quicando a bola, quem conseguir passar por mais portas sem ser pego. Se isso ocorrer, os alunos devem trocar de lugar e função. Após a realização da atividade de aquecimento. Perguntar qual foi a dificuldade e a facilidade em realizar a atividade? O que poderia ser adaptado para melhorar a performance de cada um? Tem semelhança com o jogo de Basquetebol, praticado na aula anterior? Conversar sobre o jogo de basquetebol realizado na aula anterior. O que é possível modificar para jogar ele?	
DESENVOLVIMENTO	
Vamos melhorar nosso passe? Como podemos fazer? Alguém tem alguma sugestão de jogo para melhorar o passe? Experimentar a prática proposta pelos alunos. Professora sugere o Jogo do 3x3, onde o objetivo é realizar passes consecutivos. A equipe que conseguir realizar 10 (dez) passes consecutivos contabiliza um ponto, quem atingir três pontos primeiro vence o jogo. O jogo acontece na quadra toda, com vários grupos realizando ao mesmo tempo. Após esse primeiro jogo, discutir com os(as) alunos(as) o que é preciso para receber a bola? O que é necessário olhar para realizar o passe? Quais as possibilidades? Dificuldades? Como capturar a bola do adversário? Como impedir que façam pontos? Propor que o Jogo do 3x3, seja realizado contendo como adaptação dois espaços (círculos desenhados com giz no chão) onde ao receber nestes espaços, o passe	

vale três passes na contagem ao invés de apenas um (aqui também a professora questiona para verificar o que os alunos trazem de ideia para a realização). Pontuando quando fechar dez passes consecutivos (González *et al.*, 2014). Conforme o jogo vai acontecendo, professora acrescenta outras problematizações, como por exemplo, não pode entrar no mesmo espaço seguidamente, ou não pode repetir o(a) mesmo(a) jogador(a). Para que busquem outras respostas aos problemas apresentados.

CONCLUSÃO

Roda de conversa: Sobre os ocorridos nas atividades, o que pode ser modificado foi bom para o jogo? Todos puderam participar no jogo? Como é mais fácil receber o passe? O que é preciso observar para receber ou passar? O que é preciso para interceptar o passe? Capturar a bola?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, giz.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 7.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 06/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Promover a comunicação eficaz e a tomada de decisão durante os jogos, ajudando a compreender a importância da disciplina e do respeito às regras para o bom andamento do jogo.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, retomando o que foi trabalhado na última aula. Como praticamos o passe? Quem joga sem bola deve fazer o que no jogo? E quem joga com bola? Como cooperar com a equipe? Como poderíamos fazer um jogo de aquecimento que trabalhe a cooperação? Realizar a prática das ideias trazidas pelos alunos. Atividade proposta pela professora, é o “Jogo do coopere e pegue o colega”. Pede que os alunos se dividam em grupos de 4 alunos(as), onde um será o(a) fugitivo(a) e os outros pegadores(as), este devem trocando passe encostar a bola no(a) fugitivo(a), ao encostar troca de lugar indo outro ser o(a) fugitivo(a). Após um tempo questiona se é possível se locomover com a bola na mão? Praticar o sugerido pelos alunos, como também a professora propõe que não se desloquem com a bola, sendo necessário o deslocamento sem ela. Após um tempo de vivência propor que usem um espaço reduzido/limitado para a realização do mesmo jogo (González, 2014). Após um tempo de atividade, questionar onde foi mais fácil de realizar a atividade? Quando foi mais fácil realizar a captura do fugitivo?	
DESENVOLVIMENTO	
Vamos jogar basquetebol? Como podemos realizar o jogo para que todos participem? Após a prática com as sugestões dos alunos, a professora propõe o jogo do 3x3 cooperativo: cada equipe deve realizar no mínimo três passes antes de arremessar há cesta. Também é dividido a quadra em três espaços distintos, cada espaço realizam o jogo em uma única cesta (González, 2014). Adaptando-se cestas com pneus em dois espaços. Após a realização por um tempo breve, questionar sobre como é possível receber a bola? Como deve se comportar para o passe quem está de posse de bola? Para quem passar? Houve passe para quem estava marcado, enquanto havia colegas livres de marcação? O que é necessário para enxergar o jogo e as movimentações dos(as) companheiros(as)?	

Realizar novamente o jogo do 3x3 cooperativo (anterior): observando se melhoraram a colocação, passe, cooperação com os(as) companheiros(as). Podendo variar a regra se necessário, para que não possa ser devolvido o passe para o colega que o realizou e/ou todos devem passar antes de poder fazer o arremesso, conforme forem surgindo as necessidades de adaptações e interesse por elas por parte dos alunos.

CONCLUSÃO

Roda de conversa: É fácil jogar coletivamente? O que foi mais difícil? Todos participaram? É possível modificar alguma regra para melhorar o jogo? Cooperar e competir são atividades que podem ser feitas no basquetebol?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, pneus.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 8.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 11/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Estimular a cooperação e o trabalho em equipe, incentivando os alunos a colaborarem entre si para alcançar os objetivos do jogo.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre o jogo de basquetebol. Como podemos realizar um jogo de aquecimento pensando no objetivo do basquetebol? Vamos realizar na prática? Sugestão proposta pela professora para a realização, o jogo do leve quantas bolas conseguir para o lado oposto: o jogo consiste em duas equipes opostas, que devem levar o máximo de bolas possíveis até o final da quadra adversária, as bolas estarão postas pela quadra. A principal regra é que não pode se locomover com a bola, sendo necessário realizar o passe. A equipe que conseguir levar mais bolas vence. Lembrando que não é possível roubar a bola do adversário, apenas interceptá-la em sua trajetória do passe. Após um tempo a professora questiona: Jogo sozinho ou jogo em equipe? Após o debate, explicar que o passe é essencial no jogo. Como não perder a posse de bola?	
DESENVOLVIMENTO	
Agora pensando no que conversamos, vamos realizar o mesmo jogo anterior, porém arremessando na cesta a bola, acertando a cesta vale dois pontos, errando vale um. Após a realização por um determinado tempo, a professora problematiza o jogo dando ênfase no trabalho em equipe, onde se a bola passar por todos a cesta valerá o dobro, ou seja, quatro pontos. Na aplicação da atividade, são colocados novos problemas para que os alunos possam encontrar soluções. Como por exemplo, jogando em duplas de mãos dadas. Modificando a cesta fixa por uma cesta móvel (um integrante da equipe ou equipe adversária com um arco, segurando para realizarem o arremesso, podendo ou não se locomover). Após alguns períodos de prática, o jogo é interrompido, para refletir sobre o próprio jogo, seu andamento, regras, facilidades e dificuldades, modificações, adaptações. O que proporcionou a participação de todos? O que excluiu? Retomando após breve discussão.	
CONCLUSÃO	

Ao final da aula, propor que os alunos falem sobre as dificuldades e facilidades que tiveram nos jogos. Importância de jogar com os(as) companheiros(as), e questionando se é possível tirar vantagens no jogo quando usado o jogo em equipe?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 9.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 13/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver habilidades motoras e sociais através do handebol, promovendo a compreensão das regras, a cooperação e a disciplina.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre o jogo de Handebol. Vocês já ouviram falar nesse jogo? Conhecem ele? Onde vivenciaram? Jogaram algo parecido? Qual o objetivo principal do jogo? Principais diferenças entre ele e o futebol? Pensando no jogo de handebol, e no desenvolvimento de passes, como poderíamos realizar um pega-pega que enfatize esse objetivo do jogo? Realizar a prática com os conhecimentos e ideias dos alunos. Após um tempo, sugerir o jogo dos “Dez passes”: onde tem-se duas equipes, o objetivo é que uma equipe faça dez passes enquanto a outra impeça estes de realizar. Importante lembrar que não é possível capturar a bola que esteja com o colega, somente interceptá-la durante sua trajetória no passe. A equipe que conseguir os dez passes faz seu primeiro ponto. Após um tempo de prática propor a variação, em que ao fazerem dez passes todos da equipe devem fugir se colocando dentro da área do goleiro de um dos lados da quadra, enquanto a equipe adversária deverá colá-los. Cada equipe tem sua meta.	
DESENVOLVIMENTO	
Conversa sobre o que é preciso para fazer o arremesso e gol no handebol. Buscando a percepção dos alunos para que saltem para entrar na área do goleiro quando forem realizar o arremesso a gol, para estarem mais perto do gol. Se formos realizar um jogo de handebol, como poderíamos jogar? Pensando que no handebol não é possível entrar na área adversária. Como podemos então fazer o gol? Vamos praticar? Divididos em duas equipes. Após um período de prática, professora propõe o jogo “contra-ataque” que é um jogo entre duas equipes (que apresenta algumas características da queimada), que possui no centro um obstáculo de 60cm a 100cm de altura por 3 metros de comprimento, com duas áreas de escape nas laterais de 1m. O jogo consiste em realizar o arremesso (que só pode ser feito quando um aluno saltar o obstáculo central para realizar o arremesso em suspensão), após realizar o arremesso e estando na quadra adversária deve retornar para seu espaço pelas áreas de escapes nas laterais do obstáculo central. Quem for acertado é eliminado do jogo, vencendo a equipe que capturar todos os adversários. Propor a experimentação do	

jogo, iniciando com a regra em que o objetivo é saltar, arremessar tentando acertar um adversário e retornando pela lateral.

Após um tempo de prática, professora questiona: Como é possível queimar e não ser queimado? Como é mais fácil realizar o salto sobre o obstáculo? É possível dividirmos em mais equipes e jogar em vários espaços? Retornar a prática.

CONCLUSÃO

Ao final da aula, propor que os alunos falem sobre as dificuldades e facilidades que tiveram nos jogos. Importância de jogar com os(as) companheiros(as), e questionando se é possível tirar vantagens no jogo quando usado o jogo em equipe? Ao realizarem o salto para o arremesso, o que foi mais difícil? É possível realizarmos de outra forma este jogo?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, cones.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 10.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 18/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Estimular a criatividade e a colaboração dos alunos na modificação das regras dos jogos, promovendo a reflexão sobre estratégias e a prática, em um ambiente cooperativo e disciplinado.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre os jogos realizados na aula anterior, questionando como seria possível jogar o jogo dos dez passes diferente. Será possível modificar a regra do passe? E a forma de impedir que passem a bola fazendo ponto? Praticar as ideias sugeridas pelos alunos. Após um tempo de prática, propor aos alunos que, o jogo dos dez passes terá um espaço que contará como dobrado o número de passes (podem ser arcos ou tatames distribuídos no espaço de jogo). A equipe sem a posse da bola, poderá impedir a contagem do passe em dobro, se conseguir que um integrante coloque o pé no espaço ao mesmo tempo que o adversário receber a bola. Realizar a prática novamente.	
DESENVOLVIMENTO	
Conversa sobre o que é preciso para fazer o passe seguramente para pontuar em dobro? O jogo tem objetivos parecidos com o jogo de handebol? Como podemos utilizar o que já aprendemos para realizar minijogos? Com o que os alunos trazem de conhecimento já apreendido, realizar um pequeno jogo com eles, onde se dividirão em pequenas equipes para jogar em três a quatro espaços distintos na quadra. Tendo então quatro jogos de 3x3 ou 4x4, onde o objetivo é conseguir atingir um cone colocado no fundo das minis quadras. Após a prática por alguns minutos, parar a atividade e propor que eles não possam andar com a bola na mão, precisando então realizar trocas de passes para tentar o gol. Outra proposta é que só vale o ponto se tiver no salto para o arremesso. Questionar como pode ser realizado os jogos de forma mais cooperativa.	
CONCLUSÃO	
Ao final da aula, propor que os alunos falem sobre as dificuldades e facilidades que tiveram nos jogos. Importância de jogar com os(as) companheiros(as)? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil? É possível realizarmos de outra forma estes jogos?	

RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, bolas, coletes, cones, arcos/tatames.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

Plano 11.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 25/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Ensinar as regras e objetivos do handebol, promovendo cooperação, criatividade e reflexão sobre estratégias de defesa e trabalho em equipe.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre os jogos realizados na aula anterior, lembrando quais regras, objetivos foram trabalhados do handebol? Hoje vamos trabalhar em equipe de forma mais cooperativa. Professora questiona se conhecem o jogo de pega-pega Golfinho e Sardinhas? Vocês já ouviram ou jogaram? Ai a professora explica que o Golfinho fica no centro do espaço para que quando as sardinhas o passarem, este deve tentar pegar elas (o golfinho não pode sair da linha para pegar). As sardinhas ficarão no fundo da quadra ou espaço, ao passar não podem ser pegadas pelo golfinho, quem o for, vira golfinho. Ao ter mais golfinhos estes devem dar as mãos, como uma corrente, quem pega é somente quem está na ponta (quando tiver golfinhos suficientes para toda a linha central, os golfinhos podem sair dela sem romper a corrente para pegar as sardinhas. Iniciar com estas regras mais simples. Após um tempo de prática, questionar como poderíamos modificar e deixar o jogo mais divertido? É possível salvar os golfinhos? Como? Em qual momento? Praticar as ideias sugeridas pelos alunos. Após um tempo de prática, questionar o que conseguiram realizar? O que acharam do jogo? Qual ideia e estratégias usaram? Foi um jogo cooperativo? O que esse jogo tem de semelhança com o jogo de handebol? (resposta esperada é a defesa).	
DESENVOLVIMENTO	
Observando a atividade anterior, como também lembrando o jogo handebol e seu objetivo. Professora questiona se eles ao jogarem os jogos das aulas anteriores perceberam qual forma existe de defesa no handebol? Após a professora deixar que os alunos busquem responder o questionamento, ela questiona se eles conhecem o jogo chamado “um time zoneado”? Primeiramente a quadra é dividida em oito espaços distintos, na vertical (utilizando cones) onde os espaços ímpares são da equipe A e os pares da equipe B para iniciar. Divide-se a turma em duas equipes, cada equipe vai subdividir-se nos espaços da quadra, inclusive colocando-se nos gols, o objetivo é conseguir fazer o gol no espaço do seu adversário. A cada gol feito ou tempo de 2min mudam de lugar, para que todos joguem em todos os espaços. Inicia-se o jogo. Após um tempo, professora para e questiona: como é possível defender melhor para a bola não passar? (buscando que eles consigam perceber	

que levantando os braços podem proteger mais seu gol dos adversários). É possível fazer o gol arremessando do primeiro espaço? O que é necessário para alcançar o objetivo que é o gol? Retornando ao jogo.

Após um tempo de prática, a professora propõe realizar novamente, porém sugere que: os alunos devem passar do campo 1 para o 2 no rodízio dos espaços, fazendo com que troquem o local de fazer o gol a cada troca. Ao final professora questiona: Qual equipe venceu o jogo?

CONCLUSÃO

Ao final da aula, realizar uma roda de conversa sobre os jogos realizados. Questionando qual a importância de jogar com os(as) companheiros(as)? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil? É possível realizarmos de outra forma estes jogos? O que acharam do jogo “um time zoneado”?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, cones.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014), Brotto (2013).

Plano 12.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 27/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver a capacidade dos alunos de criar e aplicar estratégias de defesa e ataque em um jogo dinâmico, promovendo a cooperação e a adaptação a novas regras.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre como proteger a sua meta: Como foi realizado nas aulas anteriores? E se o objetivo ao invés de ser fixo, for móvel? Professora sugere o jogo dos “atiradores x guarda-costas”, este jogo é composto por duas equipes que devem escolher entre seus integrantes uma vítima, que os adversários devem tentar acertar e sua equipe (guarda-costas) defender. Ao mesmo tempo quando a equipe adversária conseguir recuperar a posse de bola passa a perseguir a vítima da outra equipe. A cada acerto pontuam para sua equipe, escolhendo novas vítimas e recomeçando o jogo. Após um momento de realização, professora questiona os alunos se existem estratégias de defesa mais eficazes? E para atacar? O que poderia ser adaptado? Retomar o jogo.	
DESENVOLVIMENTO	
Pensando no jogo de handebol e dividindo a quadra em três miniquadras. Como podemos fazer os gols? E as equipes? Até onde poderão ir para realizar o arremesso? Realizar a prática a partir do que os alunos sugerirem. Após um tempo de prática, professora para e questiona: estão conseguindo realizar o jogo? O objetivo está sendo atingido? Como poderíamos modificar a forma de finalizar? Podemos utilizar um dos atletas para ser o goleiro? O goleiro será fixo ou móvel? Retomar a prática com as novas ideias. Problematizando: variação da bola para realização do jogo. Variação de como é demarcado o gol.	
CONCLUSÃO	
Ao final da aula, realizar uma roda de conversa sobre os jogos realizados, a prática do handebol. Questionando: Foi possível realizar o jogo handebol? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil? Gostaram de jogar o handebol? É possível se tornar atleta de handebol e jogar competições? Houve conflitos? Como vocês solucionaram?	

RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, bolas, coletes, cones, tatames.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

Plano 13.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 02/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Promover a prática do futsal, desenvolvendo habilidades técnicas e sociais.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre o futsal. Conhecem? Jogam? É jogado com as mãos ou pés? Qual o objetivo principal? A equipe que tem a posse de bola precisa fazer o que para pontuar? E a sem bola? Quantos jogadores participam de um jogo? Para jogarmos o que precisamos fazer? Quais fundamentos usamos? Vamos praticar o passe? Como poderíamos fazer? Realizar com os alunos a prática apresentada por eles. Professora propõe que façam grupos de 3 ou 4 e realizem passes, que a cada pouco são alteradas as formas de realizá-lo (parte interna do pé, externa, bico/ponta). Após um tempo, professora questiona se é possível realizar algum jogo que use passes? É possível dividir em algumas equipes? E realizar jogos em pequenos espaços? Professora propõe dividir em duas partes a quadra, espaço A e B, agora terão quatro equipes. O jogo é conseguir fazer passes entre os minis gols (feitos de cones) dispostos no espaço de jogo, com o objetivo de atingir um determinado número. A equipe que conseguir tem a chance de bater um pênalti na trave grande, para marcar seu gol, a outra de colocar alguém para ser o goleiro (podendo ser feito da forma que os alunos trazerem como solução para a atividade).	
DESENVOLVIMENTO	
Professora pergunta se eles conseguiram realizar a atividade anterior e se todos participaram? Também pergunta se eles conhecem o que é fair play? Explica o que é (Jogo Limpo). Quando usamos ele? É possível usar no cotidiano? Como? Usando de fair play vamos praticar o futsal? Professora então propõe que as equipes se enfrentem em um dos três espaços montados com pequenos gols feitos de cones, que não possuem goleiros. O objetivo é fazer o gol. Após um tempo de prática, professora questiona como está o jogo? Todos estão jogando? Estão usando fair play? O que pode ser ajustado para que todos participem? Voltar a prática. Problematização: Variar o tamanho e peso da bola, alterar a quantidade de toques de cada aluno na bola e quem estiver de posse de bola, com o pé em cima dela, não pode ser roubada, entre outros.	
CONCLUSÃO	

Ao final da aula, realizar uma roda de conversa sobre os jogos realizados, a prática do futsal. Questionando: Foi possível realizar o jogo futsal? É fácil controlar a bola com os pés? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil? Foi possível praticar o fair play?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, cones.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 14.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 04/12/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Promover a prática do futsal, desenvolvendo habilidades técnicas e sociais como o Fair Play.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre a aula anterior que iniciamos sobre os jogos esportivos de futsal e sobre o Fair Play durante as atividades. Qual o objetivo? Como se joga? Quais são os principais fundamentos? (passe, condução, drible, finalização, marcação e domínio). Qual jogo poderíamos realizar para trabalhar o passe e o domínio? Praticar as ideias sugeridas pelos alunos. Após um tempo de prática, professora propõe o jogo do domine e toque entre os cones se puder. Onde serão divididos em grupos de 4 a 6 alunos que ficarão metade de cada lado do gol feito de cones, ficando de frente para a fila oposta. O jogo é conseguir fazer o passe entre os cones para o outro lado, após realizar deverá ir para a fila que tocou do outro lado. Vamos a prática? Depois de um pouco de prática, professora questiona qual é a melhor forma para dominar a bola? (sola) E para passar? (parte interna do pé).	
DESENVOLVIMENTO	
Para praticar esse jogo esportivo, é necessário fazermos finalizações. E como poderíamos trabalhar isso como jogo? (pensando que haja ideias que usem o 1x1). Praticar as sugestões. Após um tempo, propor o jogo de finalização 1x1+Goleiro, onde alguns jogadores ficam no fundo da quadra, área de escanteio com bola. Os outros no meio da quadra. Quem está no fundo faz o passe para o meio e corre contornar o cone para poder tentar impedir que o colega finalize ao gol. O colega do meio deve dominar e finalizar cuidando para não ser impedido pelo colega que passou a bola. Após a finalização deve pegar a bola e ir se posicionar no fundo da quadra para realizar o passe, enquanto quem realizou o passe irá para a fila do meio da quadra. Para ficar mais dinâmico serão realizadas a atividade nas duas traves. Após um tempo de prática, professora questiona: O que é preciso observar ao fazer o passe? O que é preciso observar ao receber o passe? O que é preciso para finalizar sem ser impedido? (dominar, conduzir e chutar ao gol rapidamente). O que é preciso para impedir a finalização do colega? (ter velocidade para contornar o cone e interceptar a bola). Voltar a prática.	

CONCLUSÃO
Ao final da aula, realizar uma roda de conversa sobre os jogos realizados, na prática do futsal. Questionando: Como fazer para dominar a bola com o pé? O que fazer quando estou sem a bola e o adversário está atacando a meta que devo defender? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil? Houve conflitos? Como foram solucionados?
RECURSOS DIDÁTICOS
Apito, bolas, coletes, cones.
AVALIAÇÃO
A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.
REFERÊNCIAS
BNCC (2017), AMOP (2019), González <i>et al.</i> (2014).

Plano 15.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 11/11/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver habilidades de drible, condução de bola e recuperação de posse no futsal, promovendo a participação ativa dos alunos e a resolução de conflitos durante as atividades práticas.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, sobre os jogos realizados nas aulas anteriores. Relembrando o objetivo do futsal e dos jogos esportivos de invasão. O jogo esportivo de futsal é um jogo que se joga entre 5x5 oponentes, mas acaba sendo um confronto entre dois oponentes (1x1), onde um aluno deve se desvencilhar do outro, driblar, buscando atacar a meta adversária. Quando perde a bola deve buscar recuperá-la. Qual jogo poderíamos realizar para isso acontecer? Realizar a prática trazida pelos alunos. Após um tempo de prática é proposto o jogo do pegue o condutor: divididos em pequenos grupos (4 a 6 alunos), que serão distribuídos metade em cada lado. Em sua extremidade serão colocados dois cones com um espaço de 2 metros entre eles, sendo que do outro lado será a mesma coisa. Os quatro cones ficarão em linha. O condutor levará a bola até a outra extremidade tocando para o colega entre os cones, após tocar deverá contornar o cone mais longe e retornar tentando pegar o colega que está conduzindo a bola. Que fará o mesmo ao chegar do outro lado. Após um tempo de prática a professora questiona: existe uma forma mais fácil de conduzir a bola? E uma mais rápida?	
DESENVOLVIMENTO	
Conversar sobre o jogo de futsal, como poderíamos realizar para que mais alunos participassem tocando na bola frequentemente? Praticar a sugestão. Após um tempo, propor que os alunos joguem o 2x2 em espaço reduzido ou pequenos espaços, tendo como objetivos acertar o cone, fazer gols nos minis golzinhos de cones. (Alguns espaços colocar um único cone como objetivo em cada lado, em outros pequenos gols de cones). Após um tempo de prática, alterar o espaço em que as duplas jogam. Problematizando: Variar o tipo de bola, forma de passar, número de toques na bola.	
CONCLUSÃO	

Ao final da aula, realizar uma roda de conversa sobre os jogos realizados, a prática do futsal. Questionando: Quais fundamentos trabalhamos hoje? É fácil controlar a bola com os pés? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil?

RECURSOS DIDÁTICOS

Apito, bolas, coletes, cones.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

Plano 16.

IDENTIFICAÇÃO	
TURMA(S): 5º ANO	DATA: 11/12/2024
TEMPO DE AULA: 45 MINUTOS	
OBJETIVOS DA AULA: Desenvolver habilidades de cooperação e trabalho em equipe no futsal, promovendo a participação ativa dos alunos e a resolução de conflitos durante as atividades práticas.	
INTRODUÇÃO	
Iniciar com uma roda de conversa, propondo uma reflexão sobre os fundamentos do jogo de futsal e como usar os colegas para atingir o objetivo de fazer o gol? Como podemos jogar o futsal cooperando com os colegas? Qual a diferença entre o futsal e o futsal da escola? Praticar as ideias trazidas pelos alunos. Propor que estes realizem o jogo de futsal entre duas equipes, e se seria possível jogar em duplas? Devem fazer duplas em suas equipes, jogando de mãos dadas. A cada vez que a bola sair do campo de jogo, será colocada outra em jogo pela professora. Variar o tipo de bola usada no jogo.	
DESENVOLVIMENTO	
Perguntar aos alunos: Vocês acham que estão prontos para jogar o futsal da escola? Seria possível dividir em dois espaços a quadra para jogar? Praticar as ideias apresentadas. Após um tempo propor a realização em que a quadra é dividida em duas, formando dois espaços de jogo com gols feitos de cones. Agora que vocês já apresentam um bom entendimento do que é o futsal e como se joga, vamos praticar em duas miniquadras. Faremos duas equipes que após vocês escolherem suas equipes, deverão dividir em duas para jogar metade em cada espaço.	
CONCLUSÃO	
Ao final da aula, realizar uma roda de conversa sobre os jogos realizados, na prática do futsal. Questionando: Foi possível realizar o jogo futsal? Ao realizarem os jogos o que foi mais difícil? Houve conflitos? Como solucionaram?	
RECURSOS DIDÁTICOS	
Apito, bolas, coletes, cones.	
AVALIAÇÃO	

A avaliação é contínua, através da observação do desenvolvimento individual de cada aluno(a). Com anotações frequentes por parte da professora.

REFERÊNCIAS

BNCC (2017), AMOP (2019), González *et al.* (2014).

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os jogos esportivos na Educação Física escolar: uma proposta construtivista para contextualizar a indisciplina e conflitos no Ensino Fundamental Anos Iniciais

Pesquisador: ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79533724.6.0000.0107

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.812.598

Apresentação do Projeto:

A pesquisa na área educacional e diretamente ligada a EF dentro da instituição escolar, tem um papel fundamental no avanço do conhecimento e

enfrentamento de desafios contemporâneos encontrados no dia a dia. Assim, esta investigação visa caracterizar e delinear a ocorrência dos conflitos

e indisciplinas nas aulas de EF por meio dos jogos esportivos direcionados para o ensino fundamental anos iniciais. Para tanto, refere-se a uma

pesquisa qualitativa participativa, que envolve a observação participante.

A instituição base para a pesquisa é a escola Municipal Dom Pedro II, que está localizada no Bairro São Cristóvão, na cidade de Matelândia, PR. A

escolha pela escola apresentou-se por ser o ambiente de trabalho da pesquisadora, onde ela tem uma carga horária de 20h semanais e desde que

adentrou no concurso da docência em 2014, atua nesta escola.

Os alunos que farão parte da pesquisa são discentes devidamente matriculados na Escola Municipal Dom Pedro II, do município de Matelândia no

estado do Paraná, eles pertencem a turma do 5º ano, do período vespertino, a qual é composta por aproximadamente 25 alunos na turma.

Participarão da pesquisa, os alunos que os pais ou responsáveis assinarem o termo livre e

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 1619

Bairro: UNIVERSITÁRIO

CEP: 85.819-110

UF: PR **Município:** CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE**



Continuação do Parecer: 6.812.598

esclarecido, autorizando a participação dos discentes.

Também participarão da pesquisa três professores que ministram aulas na turma do 5º ano.

A escolha da turma do 5º ano do ensino fundamental se justifica por vários motivos, um destes é que há uma frequência alta de situações de indisciplina nas aulas de EF, que resultam em constantes interrupções das aulas para resolver conflitos e tentar minimizá-los, além de promover a reflexão dos alunos sobre o que aconteceu

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como os jogos esportivos, por meio de uma abordagem construtivista, pode contribuir na resolução de conflitos e indisciplina discente nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetivo Secundário:

- Analisar as possibilidades de inclusão dos jogos esportivos e suas manifestações como forma de minimizar situações de conflitos e indisciplina nas aulas de Educação Física.- Promover o desenvolvimento dos valores humanos e sociais para que os alunos exerçam atitudes e comportamentos sadios nas aulas de EF e em sociedade.- Desenvolver atitudes positivas, valores e habilidades sociais nos estudantes durante as aulas de Educação Física, promovendo uma participação autônoma, colaborativa e respeitosa.- Elaborar uma sequência pedagógica de jogos esportivos que promova o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo aspectos como conhecimento motor, afetivo, cognitivo e psicológico

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Para os alunos: Os pesquisadores se comprometem a agir no sentido que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente, semelhante a uma aula cotidiana. Para os docentes: Os pesquisadores se comprometem a agir no sentido que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente, semelhante a uma consulta.

Benefícios:

A realização de jogos esportivos, por meio de uma abordagem construtivista, contribui na resolução de conflitos e indisciplina discente nas aulas de

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 1619

Bairro: UNIVERSITÁRIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE**



Continuação do Parecer: 6.812.598

Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é investigar como os jogos esportivos, por meio de uma abordagem construtivista, pode contribuir na resolução de conflitos e indisciplina discente nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa participativa, que envolve a observação participante. Participarão da pesquisa 25 alunos do 5º ano da Escola Municipal Dom Pedro II, do município de Matelândia no estado do Paraná. Também participarão da pesquisa três professores que ministram aulas na turma do 5º ano. Inicialmente será realizada uma entrevista com os professores que ministram aulas na turma do 5º ano, para que possam descrever suas percepções sobre indisciplina e conflitos em suas aulas. Após a realização das entrevistas iniciais realizadas com os professores, será colocada em prática a intervenção da pesquisa. A intervenção contempla desde o planejamento de aulas dentro de um trimestre, contemplando aproximadamente 25 (vinte e cinco) aulas de 45 minutos, nas quais serão trabalhados os jogos esportivos de invasão. Durante o período de intervenção será realizada a observação participante, na qual utilizará como instrumento de coleta o diário de campo. Após a realização das atividades planejadas para o desenvolvimento do projeto de pesquisa no trimestre, será novamente realizada a entrevista com os docentes, para verificar se houve alterações na ocorrência de indisciplina e conflitos na turma. Os resultados serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Apresentar o Relatório Final na Plataforma Brasil até 30 dias após o encerramento desta pesquisa.

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 1619

Bairro: UNIVERSITÁRIO

UF: PR

Município: CASCABEL

Telefone: (45)3220-3092

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prpg@unioeste.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE**



Continuação do Parecer: 6.812.598

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2335659.pdf	03/05/2024 17:59:30		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Patricia.pdf	03/05/2024 17:58:41	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	01/05/2024 22:03:51	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_DOCENTES.pdf	01/05/2024 22:03:40	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_CRIANCA.pdf	01/05/2024 22:03:03	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Roteiro_de_Observacao_Participante.pdf	01/05/2024 22:00:28	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Roteiro_de_Entrevista_em_Profundidade.pdf	01/05/2024 21:58:44	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	formulario_pesquisa_nao_iniciada.pdf	01/05/2024 21:58:16	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Declaracao_uso_dados.pdf	01/05/2024 21:57:26	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Declaracao_pesquisa_nao_iniciada.pdf	01/05/2024 21:57:07	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	autorizacao_da_instituicao_coparticipante.pdf	01/05/2024 21:56:37	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_completo.pdf	01/05/2024 21:55:06	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 1619

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE



Continuação do Parecer: 6.812.598

CASCADEL, 09 de Maio de 2024

Assinado por:
Dartel Ferrari de Lima
(Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 1619

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR Município: CASCADEL

Telefone: (45)3220-3092

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prpgg@unioeste.br